Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23264 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUINTA-FEIRA 21 JUNHO 90 70$00

Magalhães e Silva

Macau: as razões de uma demissão

«Entendo não haver condições institucionais para realizar os trabalhos em curso na minha área com rigor e eficácia», disse ao DL Magalhães e Silva, o secretário-adjunto para os Assuntos de Justiça de Macau, que hoje tornou pública a sua demissão.
Divergências com a actuação dos deputados nomeados pelo Governador à Assembleia Legislativa e com aquilo que considera falta de firmeza das autoridades portuguesas face a algumas atitudes de Pequim estão na base da decisão de Magalhães e Silva, que ontem noticiámos em primeira mão.

Pág. 6

Receando coincidência do calendário eleitoral e judicial

PSD aconselha Beleza a manter imunidade

Ansa

Muller, o artista O Brasil assegurou a passagem sem derrotas aos oitavos de final do Mundial, e Muller (que jogou por imposição dos colegas) marcou um golo (na foto) só ao alcance dos que são tecnicamente superdotados. A partir de agora a emoção crescerá pois, para além de haver equipas que só hoje definem o seu destino, as partidas passam a ter carácter eliminatório, não sendo permitidos deslizes.

❑ *Em "Fora de Jogo", o ministro Ferreira do Amaral explica porque não é independente*

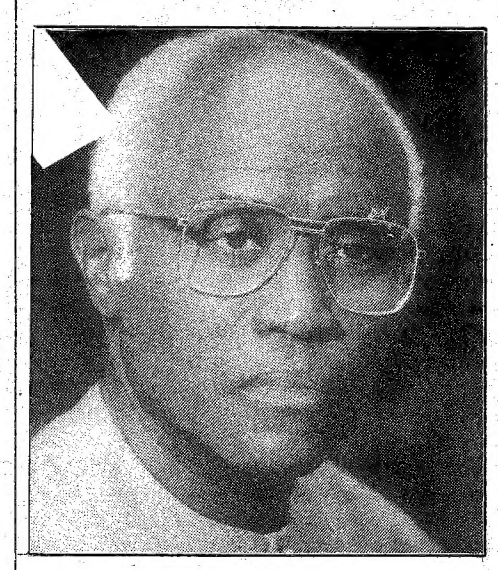
❑ *ABC do Mundial de futebol* **Págs.16 a 20**

A possibilidade de Leonor Beleza poder renunciar à imunidade parlamentar, para poder esclarecer toda a verdade sobre o seu envolvimento em eventuais irregularidades no Ministério da Saúde, foi já desaconselhada pela direcção do PSD. As Comissões Permanente e Política do partido reuniram ontem e discutiram a questão. Recorde-se que a ex-ministra tinha manifestado disponibilidade para abdicar do privilégio da imunidade, ao abrigo do estatuto do deputado.

Os receios dos sociais-democratas prendem-se com o facto de a morosidade dos tribunais vir a poder criar uma situação delicada politicamente, caso o agendamento das audiências se verificasse quase em vésperas de eleições legislativas, previstas para Outubro do próximo ano.

A atitude de transparência de Leonor Beleza foi ponderada pela direcção do partido, tendo em conta o aproveitamento que a oposição poderia vir a fazer do caso da ex-ministra.

Aristides Pereira gostaria de ter um opositor



O Presidente de Cabo Verde, em entrevista ao DL, declara preferir o confronto com outro candidato, a uma candidatura única

«Se me recandidatar, interessa-me ter um opositor», disse Aristides Pereira, em entrevista ao director do «DL». A preferência do presidente cabo-verdiano, que chega amanhã a Lisboa, no regresso da cimeira africana de Paris, tem em conta a actual fase de transição em Cabo Verde, ou seja «o novo sistema político, em que se prevê alternância e disputa do poder».

Por seu lado, o dirigente oposicionista Alfredo Teixeira (Movimento para a Democracia) declara ao «DL» que o MPD não apoiará Aristides Pereira, «nem qualquer candidatura que venha do PAICV».

Estas entrevistas são integradas na «Grande Angular» que o «D.L.» dedica hoje ao «ano zero da democracia em Cabo Verde».

Págs. 2, 3, 4 e 5

DL PORTE PAGO

Sismo no Irão causa mil mortos e mais de 2000 feridos *Pág. 12*

Nova ponte sobre o Tejo ligará Xabregas ao Montijo *Pág. 13*

Cortiça: contrato colectivo divide sindicatos da CGTP *Pág. 15*

Maria João Martins premiada pelo Clube de Imprensa *Págs. 13 e 24*

Hoje: Suplemento Literário

GRANDE ANGULAR

O ano zero da democracia em Cabo Verde

Aristides Pereira ao «DL»

Interessa-me ter um opositor se me recandidatar à presidência

«Se me recandidatar, interessa-me ter um opositor», declarou Aristides Pereira, Presidente da República de Cabo Verde, em entrevista concedida, na Cidade da Praia, ao director do «Diário de Lisboa», Mário Mesquita.
Aristides Pereira fez questão em sublinhar que ainda não tomou a decisão de se recandidatar, mas a sua desvinculação de secretário-geral do PAICV foi interpretada, nos meios políticos da Praia, como prenúncio da sua disposição de concorrer às eleições presidenciais.

«D.L»- *Podemos dar como certa a sua recandidatura?*

Aristides Pereira - Ainda não tomei a decisão de me recandidatar. Assumi uma posição política ligada ao momento que estamos a viver: considerei que seria mais transparente deixar, o mais cedo possível, as funções de secretário-geral do partido, tendo em vista o reforço da nossa credibilidade neste período pré-eleitoral.

«D.L.» - *As pessoas deduziram que se tratava de uma atitude «à Mário Soares» que, como sabe, se afastou do partido para assumir a presidência da República...*

A.P. - É possível, mas não há dúvida que ainda estamos bastante distantes das eleições. Essa decisão será tomada na devida oportunidade.

«D.L.» - *No caso de se candidatar preferirá ter um opositor ou ser um candidato de consenso nacional?*

A.P. - Com certeza que, tratando-se de um novo sistema político, em que se prevê alternância e disputa do poder, se me recandidatasse o que me interessava era ter um opositor.

«DL» - *Admitiria a hipótese de ter o apoio do novo partido, o MPD (Movimento para a Democracia)? Desejaria esse apoio?*

A.P. - Primeiro há necessidade que todos os partidos se legalizem e tenham uma presença formal e legal, a fim de que se desenrolem todas as acções próprias de um sistema político pluralista. Vai ser publicada a lei das associações. Será urgente que, logo que saia a lei, esse grupo se legalize. Deste modo, mais facilmente se poderá estabelecer um diálogo entre as forças políticas em presença. Por ora, dá-se quase um diálogo de surdos. Cada um faz as suas declarações, mas não há um diálogo fundamentado.

No entanto, tendo em conta as posições tomadas por esse grupo, claro que não posso, de maneira nenhuma, contar com o seu apoio. Mas tudo dependerá do que vier a acontecer, se me candidatar. Dependerá de vários factores.

«D.L.» - *Não seria admissível um cenário em que concorressem duas ou mais listas à Assembleia Nacional Popular, mas houvesse um só candidato consensual à presidência da República?*

A.P. - Esse cenário pode acontecer, mas, para já, não há nenhum elemento que nos permita tirar essa conclusão, devido a essa falta de diálogo de que lhe falei. Se as forças estivessem já a dialogar entre si, talvez se pudesse tirar uma conclusão, mas, para já, não existem elementos que nos permitam responder.

O modelo sueco de Olof Palme

«D.L.» - *Como se define ideologicamente?*

A.P. - A minha ideologia baseou-se sempre no combate às situações de injustiça. Apesar das limitações existentes no tempo do regime colonial-fascista, consegui ter algum conhecimento acerca de tudo o que se passava no mundo no que se refere às correntes de pensamento, mas tive sempre uma grande relutância em me conotar com essas teorias.

A minha preocupação foi sempre a vida do povo cabo-verdiano, cuja observação me levou a uma atitude de revolta e de determinação para combater o estado de coisas existente aqui no país. Procurei lutar para que deixassem de existir em Cabo Verde a injustiça, a opressão e a dominação.

Nunca me agarrei a qualquer das teorias ideológicas existentes, mas sempre me atraiu bastante a social-democracia tal como praticada na Suécia. Desde que conheci Olof Palme e os seus companheiros, e todo o sucesso que tiveram, a social-democracia sueca quase constituiu para mim um modelo para o meu país. O meu desejo era que os cabo-verdianos pudessem viver um dia como os suecos sob a direcção do Partido Social Democrata sueco.

«D.L.» - *Diz-se que é um homem de formação cristã...*

A.P. - Com certeza. Fui educado num meio de formação cristã, o que me marcou bastante e está na base de toda a minha revolta contra as coisas más que via em meu redor. Continuo nesse caminho. Não vejo razão nenhuma para mudar.

«D.L.» - *E o pensamento marxista teve alguma influência sobre si?*

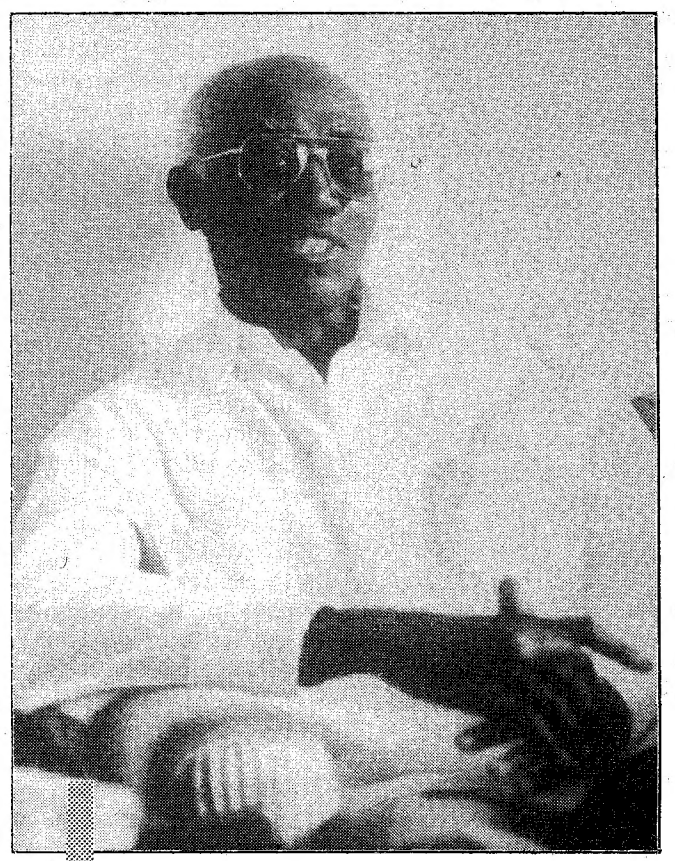
A.P. - Talvez, no que respeita aos métodos de análise: a maneira objectiva de analisar os factos e retirar as necessárias conclusões. Isso teve muita importância, principalmente no quadro da luta de libertação nacional.

Desenvolver a sociedade civil

«D.L.» - *Como caracteriza o regime cabo-verdiano na actual fase - isto é, desde a independência até agora?*

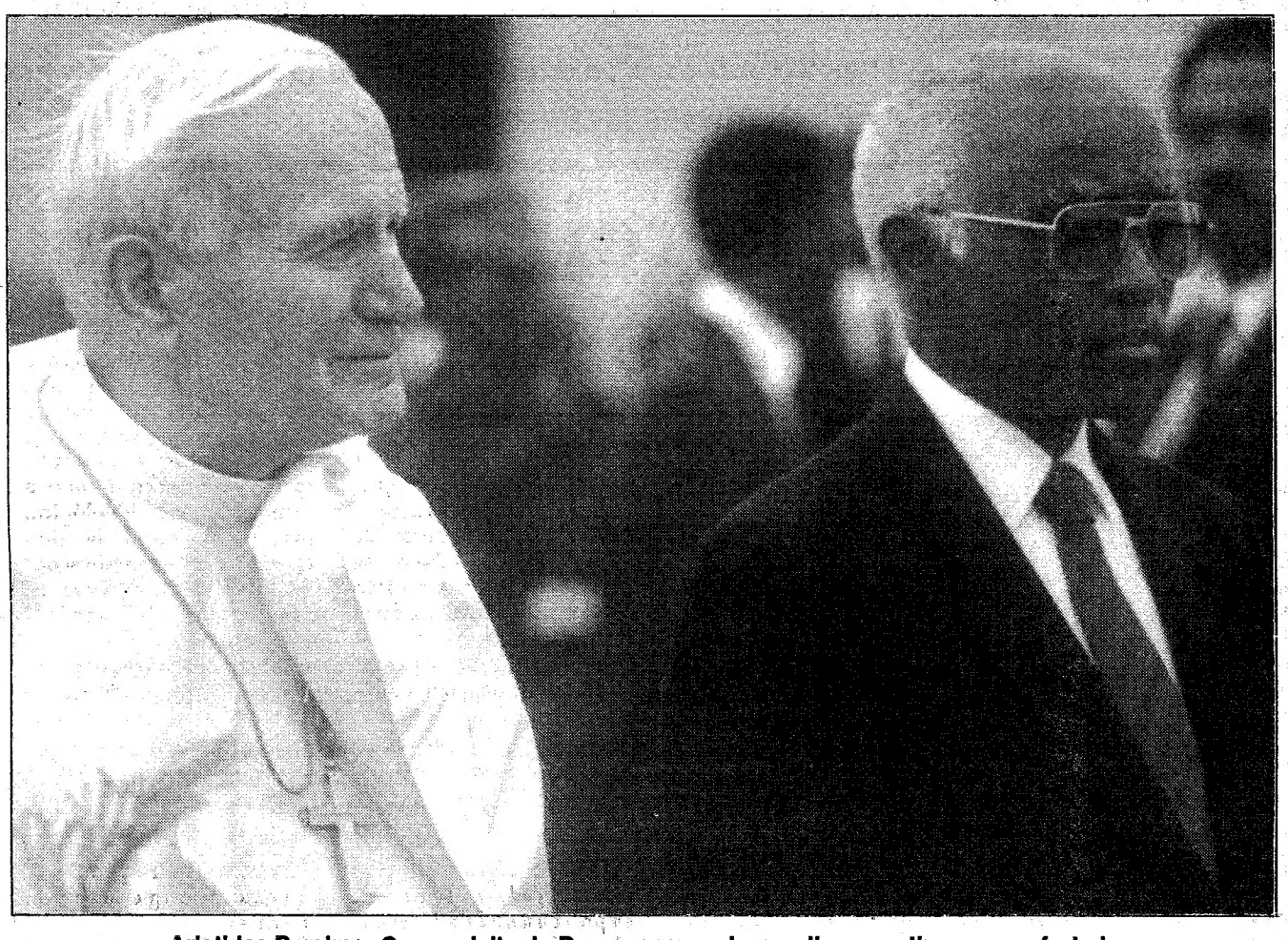
A.P. - Como o regime que conseguiu, através da luta armada, chegar ao poder, após negociações com o novo Governo português saído do 25 de Abril. A partir desta situação, mantivemo-nos no poder, mas sempre com a preocupação de fazer crescer e desenvolver a sociedade civil.

Conseguiu-se ultrapassar a fase de sobrevivência do país, lançar as bases mínimas do desenvolvimento e da formação de quadros. A determinada altura, veri-



Relações com Portugal alargam-se ao campo privado

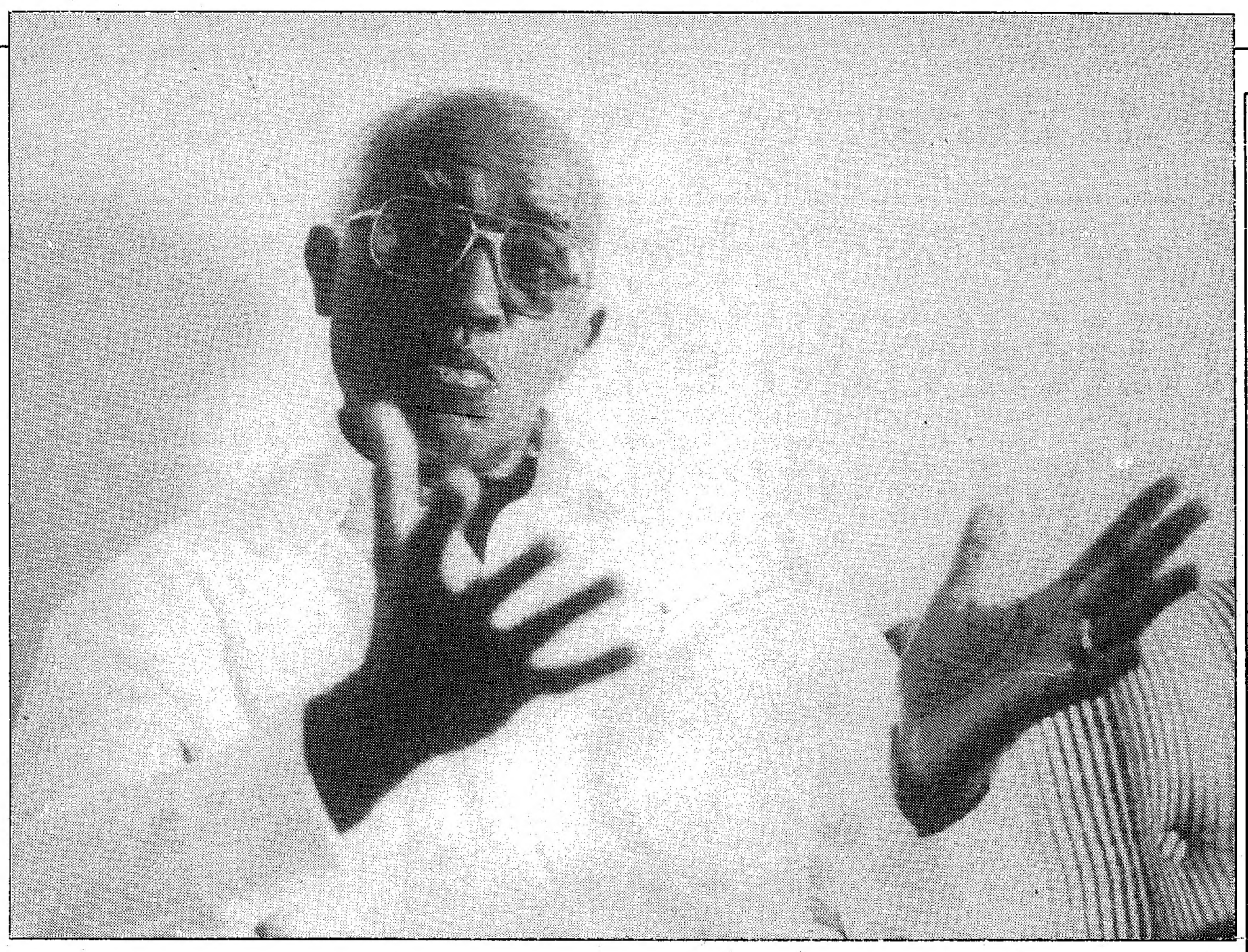
«As relações com Portugal ultrapassaram o plano dos Estados e desembocam no campo privado», acentuou o Presidente da República de Cabo Verde, que classificou de «muito bom» o relacionamento Estado a Estado. Na sua perspectiva, não se trata de relações meramente estacionárias, «porque temos conseguido sempre descobrir novos caminhos, novas vias de cooperação».



Aristides Pereira: «Com a visita do Papa o povo cabo-verdiano sentiu-se reconfortado e com mais coragem para continuar a sua luta pelo desenvolvimento»

vozdipovo
ANO XIV/Nº 954/PREÇO: 20$00 TRISSEMANÁRIO REPÚBLICA DE CABO VERDE
Terra Nova
ÓRGÃO CRISTÃO DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO / CABO VERDE

Duas faces da imprensa cabo-verdiana: «Voz di Povo», símbolo do regime, e «Terra Nova», ligado à Igreja...



«A social - democracia tal como praticada na Suécia sempre me atraiu muito...»

ficou-se que a sociedade civil se estava a constituir, a tornar-se cada dia mais exigente e que havia uma apetência cada vez maior para a participação na vida política do país.

Já antes do Congresso de 1988 se sentia esse movimento, mas não foi possível, então, avançar com as decisões que muitos esperavam. Este ano tomaram-se as decisões que conduziram à abertura política, que permite a expressão desta nova sociedade civil através das diferentes correntes de pensamento com vontade de participação na vida cabo-verdiana.

«D.L.» - *A abertura política cabo-verdiana deve-se apenas a factores internos? Digo isto porque tenho visto atribuir a mudança em Cabo Verde aos acontecimentos do Leste europeu...*

A.P. - Não se pode pôr de parte os acontecimentos do Leste europeu. Claro que chamaram a atenção! Quer para aqueles que pretendiam participar mais quer para aqueles que desejavam essa abertura a um determinado ritmo, não há dúvida nenhuma que houve uma aceleração...

«D.L.» - *Consta que se verificou uma certa resistência à mudança no interior do PAICV. Tratava-se de quadros formados em países como a URSS ou a RDA?*

A.P. - Não chegou a haver nenhuma resistência digna de registo, pelo menos que se notasse. A decisão tomada foi unânime. É possível que haja opiniões diferentes, mas não chegou a existir verdadeiramente uma resistência.

Onde estão os presos políticos?

«D.L.» - *O partido oposicionista em constituição (MPD) tem feito muitas críticas ao regime. Uma delas diz respeito à alegada existência de uma polícia política particularmente activa. Quer comentar?*

A.P. - É natural que existam críticas à actual Administração. No que se refere à polícia política, é algo que, do nosso ponto de vista, achamos um pouco bizarro. Do ponto de vista legal, não há nenhum diploma que tivesse criado uma polícia política.

Não ponho de parte que tenha havido quer excessos quer desmandos, particularmente nos primeiros anos da nossa independência. Isso tem-se passado em todas as grandes mudanças, particularmente num país que passa de colónia a nação independente, mas, no entanto, nunca houve uma polícia política instituída, de forma que estivesse ao alcance do Presidente da República providenciar para que ela fosse extinta.

Se há polícia política, onde estão os presos políticos? Onde está a prisão com os presos políticos? E se não há presos políticos, será que não há políticos? Ou essa polícia não serve para nada?

Essa acusação não facilita muito as coisas. É-me difícil fazer qualquer *démarche* no sentido de extinguir uma polícia política que não existe...

«D.L.» - *Nem sequer existem aqueles organismos que são legalmente consagrados nas próprias democracias ocidentais: os serviços de informação...?*

A.P. - Com certeza. Só esses...

«D.L.» - *O MPD tem sido muito crítico em relação à Comunicação Social. Estão previstas reformas nesse sector?*

A.P. - Há elementos do regime que também se queixam, mas a oposição está no seu papel ao fazer essas reclamações.

Por outro lado, a par de outras reformas em curso, haverá modificações no sector da Comunicação Social, de modo a isolá-la mais do poder e estar mais à-vontade para servir todas as correntes políticas.

«D.L.» - *O jornal «Terra Nova», ligado à Igreja, foi sempre consentido pelo regime cabo-verdiano. Porquê?*

A.P. - Esse jornal existia antes da independência. Estava fora da lógica do regime a hipótese da sua supressão.

Tem desempenhado um papel que não consideramos negativo, antes pelo contrário, embora tenhamos que reconhecer alguns excessos. Às vezes, certos organismos do Estado utilizaram as vias judiciais para apresentarem as suas reclamações. São as vias normais em qualquer país. Não havia razão nenhuma para tomar qualquer medida discriminatória.

«D.L.» - *Como caracteriza, enquanto observador exterior, o MPD?*

A.P. - É algo que estou aguardando. O movimento já me endereçou algumas mensagens. Primeiro, apareceu um abaixo-assinado e, depois, uma carta que me foi enviada, mas que a Voz da América difundiu antes de me chegar às mãos, mostrando certas irregularidades e fazendo certas críticas, mas, sob o ponto de vista ideológico, francamente, não tenho uma ideia clara. As declarações dos seus dirigentes têm constituido uma crítica cerrada à actual Administração e pouca coisa tem sido dita em relação a outros projectos. Se fossem mais explícitos em relação ao seu projecto político, talvez nesta altura se pudessem tirar já conclusões quanto à caracterização ideológica, mas, até agora, tenho tido apenas pequenas indicações que não chegam para se fazer um juízo de valor.

A maior percentagem de católicos em África

«D.L.» - *Admite que esse movimento possa obter o apoio da Igreja ou de certas instâncias da hierarquia católica de Cabo Verde?*

A.P. - Não me posso pronunciar a esse respeito, justamente pelo que acabo de lhe dizer.

Continua na pág. 5

A chuva dos Açores faz inveja aos cabo-verdianos

«O que separa bastante as nossas realidades é que os Açores são um Arquipélago onde chove quase em permanência. Francamente, teríamos o desejo de ter o mesmo!» O desabafo é de Aristides Pereira, a propósito da sua visita àquela região autónoma, no ano passado, em companhia do Presidente Mário Soares. Independentemente da chuva que marca a diferença entre os arquipélagos, o presidente cabo-verdiano assinala: «como insulares a nossa mentalidade é muito semelhante; é uma região de Portugal com a qual nos interessa ter um relacionamento mais intenso.» Aristides Pereira lembra que «os Açores também são constituidos por nove ilhas» e acentua o interesse cabo-verdiano em «aspectos de descentralização e desconcentração da administração dos Açores».

À MARGEM

Uma Florença africana e insular

A tranquilidade insular é mera aparência. A República de Cabo Verde vive o ano zero da sua democracia. A classe política aprende, à sua custa, as dificuldades do novo regime, mas ainda tem a pele pouco curtida e revela-se hipersensível à crítica. A oposição, gerada no seio da jovem República, eleva o tom de voz para se fazer ouvir e conquistar espaço próprio nas eleições anunciadas.

Os meios políticos de S. Tiago e S. Vicente fervilham de boatos. Consta que os partidários do ministro X, adepto da abertura política, lançaram um ultimato aos adeptos do ministro Y, um falcão do regime. Consta que... O «consta que» é rei e senhor neste universo insular de poder semioculto.

Os «panfletos» fotocopiados (o «parque de fotocopiadoras» é vasto e incontrolável) compensam lacunas da Imprensa propriamente dita e não poupam sequer a privacidade dos governantes. As correspondências cabo-verdianas dos jornais portugueses circulam, em fotocópias, de mão em mão. Os correspondentes, sobretudo quando cidadãos de Cabo Verde, não escapam à suspeita de estarem ligados a esta ou aquela corrente...

Cabo Verde é um microcosmos político. A coabitação entre adversários políticos é o pão nosso de cada dia: a tanto obriga a exiguidade de espaço própria das ilhas. É o caso de um dirigente da oposição que é director de um organismo administrativo dependente do primeiro-ministro. «Despacha directamente com Pedro Pires?.» Que sim, que tem uma «relação directa com o primeiro-ministro, muito cordial no plano profissional». O mundo é pequeno.

O próprio coordenador do MPD (Movimento para a Democracia) oposicionista foi, além de procurador-geral da República, um dos principais legisladores do regime. Mero técnico sem influência nas decisões políticas, dizem-nos do lado da oposição. Propunha medidas mais severas do que o próprio Governo, garantem nos meios governamentais.

O discurso oposicionista sobe de tom. O «Voz di Povo», afinal, não chegou a publicar a entrevista, já composta, com o advogado Carlos Veiga, líder da novíssima formação política. O MPD reclama: «Censura!». Afinal, o jornal oficial decidiu substituir a publicação em suplemento de quatro páginas, numa só edição, por dois capítulos, a distribuir pelos números seguintes...

A oposição parece reunir desde democrata-cristãos a dissidentes do PAICV, outrora suspeitos de trotskistas (« essa questão do trotskismo está ultrapassada; hoje, na própria terra do trotskismo, Trotsky é um herói», disse Carlos Veiga à «Voz di Povo»), mas hoje convertidos à democracia política ortodoxa. Procurará tirar benefícios do seu relativo descomprometimento político, ainda que, em ilhas onde toda a gente conhece toda a gente, o «estado de graça» seja relativo.

O PAICV, esse, autoproclama-se social-democrata à boa maneira sueca. Valorizará, em termos de opinião pública, o seu estatuto histórico (partido fundador da Pátria cabo-verdiana), o impulso decisivo que deu ao desenvolvimento do aquipélago, o prestígio e a simpatia popular de dirigentes como Aristides Pereira, mas também poderá arrostar com consequências negativas do seu monopólio do poder e da correlativa usura.

Inspirada pelo exemplo do Leste europeu, aconselhada por factores internos da sociedade cabo-verdiana, estimulada por percurso idêntico das ilhas irmãs de S.Tomé, a abertura política de Cabo Verde foi desencadeada a partir dos órgãos de topo do Estado e do Partido, sob o impulso da visão estratégica e determinação política do primeiro-ministro Pedro Pires (ao que dizem observadores avisados). Dentro do PAICV manifestaram-se focos de resistência passiva, mas tudo indica que a liberalização cabo-verdiana é já irreversível.

Mário Mesquita

De «laboratório de desenvolvimento» que já era, Cabo Verde transformou-se, igualmente, em campo de ensaios da democracia nos mares do Sul. Um laboratório complexo, onde acção política pressupõe engenho e arte, enquanto o debate político, nas linhas e nas entrelinhas, decorre em termos sibilinos, como se se tratasse de uma Florença africana e insular.

O ano zero da democracia em Cabo Verde

Alfredo Teixeira, dirigente do MPD, ao «DL»

Abertura política não é bónus oferecido pelo partido do Governo

«A abertura política surgiu devido a uma crise de legitimidade e de confiança do PAICV. Não é um bónus oferecido pelo partido do Governo», declarou ao «DL» Alfredo Teixeira, membro da direcção nacional provisória e co-responsável do gabinete de estudos do Movimento para a Democracia (MPD), corrente oposicionista cabo-verdiana. É jurista, licenciado pela Faculdade de Direito de Lisboa, e dirige, na Praia, o Centro de Formação e Aperfeiçoamento Administrativo, um serviço que depende directamente do primeiro-ministro, Pedro Pires.

«D.L.» - *Como é que se define o MPD, em termos políticos e ideológicos?*

AT - Neste momento, não estamos preocupados com uma definição em termos ideológicos, até porque isso poderia provocar clivagens e não é prioritário, sob o ponto de vista estratégico. O MPD congrega diferentes tendências e várias sensibilidades.

«D.L.» - *Por exemplo?*

AT - Desde pessoas que pertenceram ao PAICV e que são dissidentes, aos jovens, que lutaram, que se prepararam, e aos estudantes residentes no interior ou no exterior...

A democracia não varia com a latitude

«D.L.» - *Consta que, em termos ideológicos, o MPD engloba desde democratas-cristãos até dissidentes do PAICV, da chamada «corrente trotskista»...*

AT - Repare, relativamente a essa questão da corrente trotskista, para nós está fora de causa. Hoje em dia, já não se colocam essas questões ideológicas nesses termos: trotskismo, leninismo, maoísmo, etc. Em tempos falou-se muito nisso em Cabo Verde e isso serviu os interesses do PAICV. Muitos quadros tornaram-se dissidentes por causa disso. Mas actualmente não se coloca esse problema e não beneficia o MPD trazê-lo à discussão. A pretensão do PAICV é, com a introdução desse elemento, criar clivagens no interior do MPD, de tal modo que diminua o apoio que temos registado na sociedade cabo-verdiana. Para nós, a questão da ideologia não se coloca neste momento, não é prioritária...

«D.L.» - *Quais são as principais divergências com o PAICV?*

AT - Uma questão fundamental é que defendemos a democracia com verdade. Para nós, a democracia não varia consoante a latitude. Nenhuma pretensa originalidade pode pôr em causa valores como a alternância do poder, que é um valor sagrado da democracia. Um aspecto fundamental da democratização é a incerteza referencial, o que significa que os participantes no processo estão submetidos a um processo de eleição, cujo resultado não está determinado *a priori*. O PAICV não está interessado nisso, está interessado em mudar pouco, em fazer poucas mudanças para tudo continuar na mesma. Essa é primeira diferença substancial.

«D.L.» - *O PAICV responde a isso que foi ele próprio que tomou a iniciativa da abertura política...*

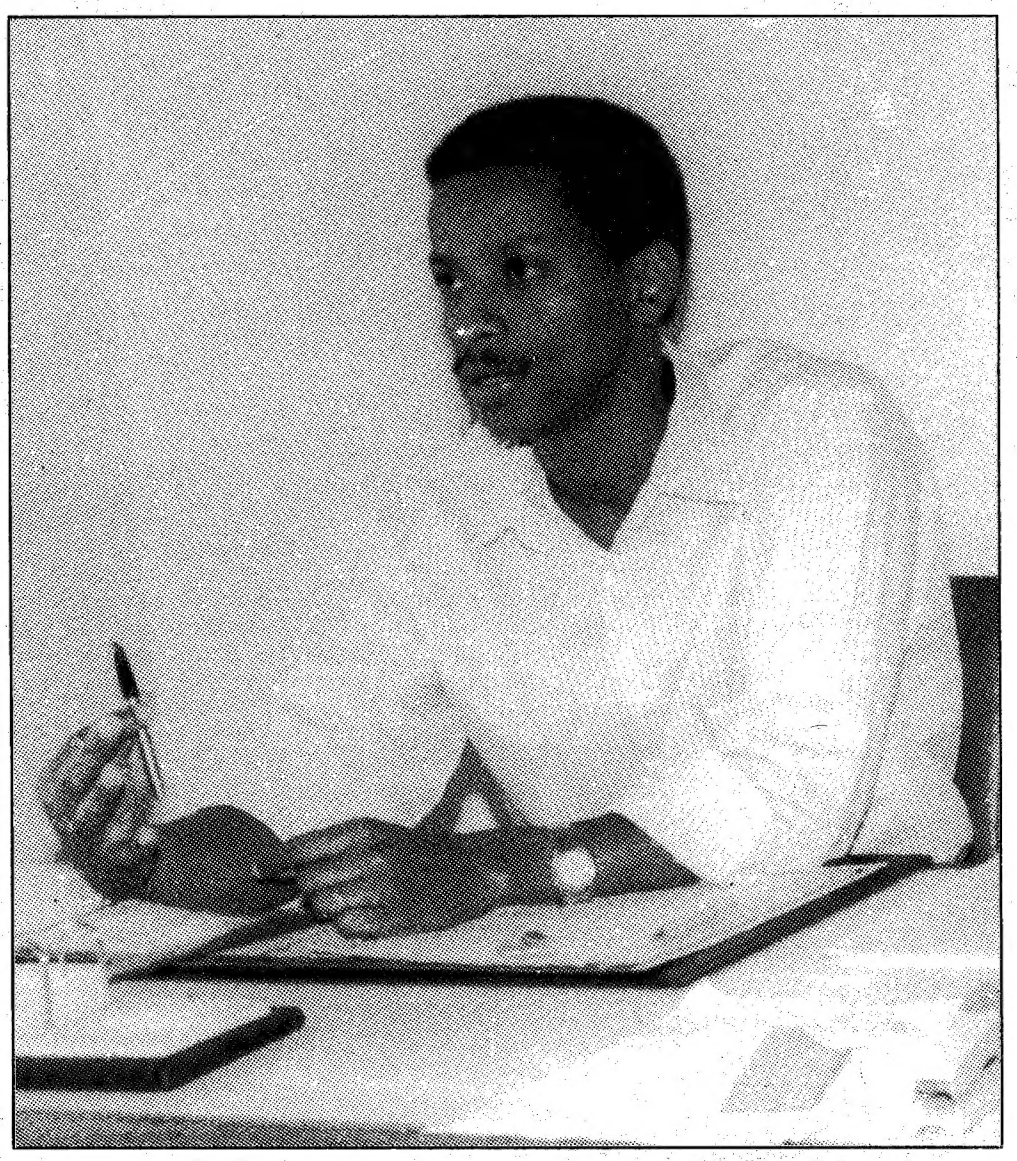
AT - Não constitui verdade. A abertura surge como consequência das mudanças no Leste e de uma crise de legitimidade do próprio PAICV. Houve uma crise de legitimidade no PAICV, que não conseguia gerar a confiança, nem mobilizar quadros. Havia um grande descontentamento a nível do país. É neste contexto que surge a abertura política. Não é um bónus que o PAICV oferece à própria sociedade cabo-verdiana. A mudança é imposta pela própria evolução das coisas.

«D.L.» - *O vosso juízo quanto ao PAIVC é puramente negativo? Não reconhecem aspectos positivos na sua actuação?*

AT - Nós reconhecemos o papel que o PAIGC - sublinho: PAIGC - desempenhou em termos históricos. Não pomos em causa a luta de libertação nacional, nem a independência que consideramos indiscutível e inegociável.

Não fazemos tábua rasa de tudo quanto o PAICV desempenhou. Pomos em causa, sim, a opção por um modelo que se mostrou falido, por uma experiência política que quis silenciar tendências, por uma prática política autoritária, tendo por detrás uma polícia política que teve intervenções no sentido de inibir a sociedade civil de qualquer participação.

«D.L.» - *Os dirigentes do PAICV dizem: «se não há presos políticos, porque motivo existiria polícia política...»*



Alfredo Teixeira (MPD): «Houve uma crise de legitimidade no PAICV»

AT - Dizem, de facto, isso. O ministro das Forças Armadas e Segurança declarou recentemente que não há delitos de opinião em Cabo Verde, mas os factos havidos e que se consideram praticados pela polícia política constituem crimes contra a segurança do Estado.

«D.L.» - *Que factos?*

AT - Procedemos a uma listagem de quinze casos de perseguições, prisões e tortura, desde as buscas e detenções arbitrárias no caso da reforma agrária em Santo António até à recente situação de intimidação aos subscritores do Movimento por um oficial da Segurança.

«D.L» - *É verdade que o principal dirigente do MPD, Carlos Veiga, participou, como jurista, na preparação de muitas leis do regime cabo-verdiano?*

AT - Ele próprio admitiu ter participado, como técnico, em algumas leis, mas o seu conteúdo era depois ajustado aos interesses do poder. Há um momento em que escapa ao técnico o processo de controlo da produção legislativa.

«D.L.» - *Ele foi procurador-geral da República...*

AT - ...mas não se lhe aponta qualquer acto de arbitrariedade praticado no exercício do cargo. A provar isso está a grande aceitação que está tendo.

O PAICV é sustentado pelo Orçamento do Estado

«D.L.» - *O MPD poderá ganhar as próximas eleições legislativas?*

AT - Ainda é cedo para falarmos disso, mas já há um movimento de apoio ao MPD, de tal modo vasto que, não seria demasiada pretensão encarar a hipótese de ganhar as eleições, não seria demasiado, porque temos vindo a receber apoios a todos os níveis, de todas as ilhas, de todos os concelhos do país, que excedem a própria expectativa.

«D.L.» - *O que eu li, na Imprensa, foi que a vossa meta seria a obtenção de um terço dos votos...*

AT - Não foi exactamente essa a expressão utilizada pelo dr. Eurico Monteiro (dirigente do MPD), no entanto, ela veio publicada no «Expresso» e no «Jornal de Notícias». O MPD ainda não se debruçou sobre isso, embora essa questão seja de importância vital.

«D.L.» - *O MPD colocou (ou colocará) condições para participar no acto eleitoral?*

AT - Essa é, de facto, uma questão complexa, porque o MPD, com a dinâmica que está ganhando, tem participar em todas as eleições. Em qualquer caso, há uma série de condições que nós estamos a reivindicar, como sejam: um tratamento não discriminatório ao MPD e o fim do subsídio concedido ao PAICV, que criou uma disparidade enorme em termos de oportunidades políticas. O PAICV é sustentado pelo Orçamento do Estado, enquanto que o MPD vive à custa das quotas e dos apoios pontuais que lhe são concedidos pelos particulares das diversas ilhas, que prestam apoio ao MPD. Há, neste aspecto, uma grande desigualdade.

A questão fundamental para nós, que pode pôr em causa o próprio processo de transição e constitui um elemento bloqueador, é a actuação que a Comunicação Social está a ter, subalternizando os actos públicos do MPD. Portanto, o facto mais gritante é a censura, por exemplo a censura da entrevista ao nosso coordenador (NR: questão surgida com uma entrevista de Carlos Veiga ao «Voz di Povo», a que aludimos noutro local desta edição).Uma outra questão é que o PAICV tem imobiliários e bens móveis do Estado que não são do Partido. Há uma confusão entre o Estado e o Partido e entre o Governo e o Partido, em que o PAICV figura como um órgão máximo do poder, que controla toda a superstrutura.

«D.L.» - *As vossas divergências em relação ao PAICV situam-se, sobretudo, na área das instituições políticas, ou têm, também, a ver com o modelo económico?*

«D.L.» - Têm a ver com o modelo económico. Nós defendemos, por exemplo, uma opção de desenvolvimento que acabe com os desequilíbrios regionais. O PAICV optou por um tipo de desenvolvimento económico através de pólos, o que levou a grandes desequilíbrios regionais. Esse é o primeiro aspecto.

Outra questão fundamental é a liberdade da iniciativa privada. Não pode ser vedada a iniciativa privada. Em todo o Mundo já se está a enveredar por este caminho. Em Cabo Verde, o sector empresarial do Estado está, todo ele, falido.

Há empresas com dificuldades em responder às suas obrigações.

É o caso dos TACV (Transportes Aéreos de Cabo Verde), onde os trabalhadores recebem com algumas dificuldades.

Os TACV eram uma empresa rendível, mas, depois do início da exploração da linha de Boston, por causas meramente políticas, são apresentados resultados negativos. Além disso a maioria das empresas públicas está numa situação de debilidade. Isso demonstra a falência da opção económica do PAICV.

«D.L.» - *Qual seria a resposta do vosso Movimento a esta situação? Privatizar as empresas públicas?*

AT - Essa é uma questão que deve ser seriamente discutida. Há sectores básicos cuja responsabilidade deve ser assumida pelo Estado, mas é preciso encarar a iniciativa privada, não numa

GRANDE ANGULAR

perspectiva individualista, mas como elemento do próprio progresso económico. A ideia da iniciativa privada para criar grandes capitalistas já não se aplica hoje em dia. O essencial é que a iniciativa privada, tal como a iniciativa cooperativa, se integre numa perspectiva de desenvolvimento económico. O Estado deve ter um papel regulador e não uma intervenção forte.

«D.L.» - *Isso será possível numa sociedade insular com as características de Cabo Verde?*

AT - O fundamental é não cortar a iniciativa. Isso é um princípio: deixemos ver quais são as potencialidades da iniciativa privada em Cabo Verde.

Não apoiaremos a recandidatura de Aristides Pereira

«D.L.» - *No que toca às eleições presidenciais, o MPD encarará a hipótese de apoiar a recandidatura do Presidente Aristides Pereira?*

AT - Já afirmámos que não apoiamos a candidatura de Sua Excelência, o Presidente Aristides Pereira. Não apoiaremos, também, qualquer candidatura que venha do PAICV.

«D.L.» - *Isso significa que apresentarão uma alternativa?*

AT - É uma hipótese que certamente encaramos. Não está discutida a nível do MPD, mas é uma hipótese que se encara, na globalidade. Não acreditamos que Sua Excelência, o Presidente da República possa ser um Presidente isento. É impossível, no caso de um homem que fez toda a sua trajectória no seio do PAICV. Inclusivamente, o discurso que proferiu na última assembleia é característico de um homem do Partido, que praticamente diz que o futuro está condicionado pelo passado, quer dizer, pelo Partido que continuaria, na sua perspectiva, a ser a força dirigente da sociedade e do Estado.

Não será, portanto, um Presidente que assegure o processo de transição.

Do nosso ponto de vista, as presidenciais não constituem as eleições principais. O fundamental são as legislativas, porque delas sairá a Assembleia com poder de revisão constitucional, que deverá alterar a Constituição e definir os poderes dos órgãos de soberania.

Só a partir daí, podemos saber que Presidente da República queremos.

Entrevista de Aristides Pereira

Cultura cabo-verdiana: nem portuguesa, nem africana

Continuação da pág. 3

«D.L.» - *Diz-se que o Senhor Presidente é um homem bem visto e que tem um bom relacionamento com a hierarquia católica de Cabo Verde...*

A.P. - Não há dúvida que tenho um bom relacionamento com a hierarquia católica em geral.

«D.L.» - *Que influência teve a recente visita de João Paulo II a Cabo Verde na evolução social, cultural e política do seu país?*

A.P. - Cabo Verde é o país com maior percentagem de católicos em África. A visita do Santo Padre foi um acontecimento que marcou profundamente o povo em geral e as massas populares.

Tendo em conta a personalidade do Santo Padre e o fascínio que exerce, foi um reconforto para o povo de Cabo Verde, que teve um passado de muito sofrimento e, com esta visita, sentiu-se compensado de todos os males passados e com mais coragem e mais forças para continuar a sua luta pelo desenvolvimento. Foi neste sentido que apreciámos a visita de Sua Santidade.

«DL.» - *Cabo Verde tem comunidades emigradas nos Estados Unidos, Holanda, Portugal, Itália e outros países. Imagino que nem sempre tenha sido fácil o relacionamento entre o regime cabo-verdiano e os seus emigrantes...*

A.P. - O relacionamento entre o regime cabo-verdiano e os nossos compatriotas no estrangeiro tem sido bastante positivo, apesar de ter havido certas dificuldades devidas principalmente às nossas próprias carências, por exemplo no que respeita à falta de informação, falta de conhecimento do que verdadeiramente se passa aqui no país.

Nos Estados Unidos, por exemplo, onde existe a nossa maior comunidade, não temos nada de especial a assinalar, a não ser no início, em 1975, em que houve mesmo um grupo que proclamou a República de Cabo Verde em Boston.

Mais recentemente tem havido um maior movimento nas idas e vindas de compatriotas residentes nos EUA. Desse intercâmbio resultou um maior conhecimento das realidades do país, embora haja grupos que se opõem, mas, agora, com a abertura política, vamos ter uma ideia clara do que significam.

«D.L.» - *A abertura política foi ponderada, igualmente, em função da realidade dos emigrantes?*

A.P. - A abertura parte de uma realidade interna e de outros avanços que se produziram. Poderá haver outros factores, mas não lhe posso dizer que tenham sido determinantes.

«D.L.» - *A nova configuração do regime facilitará a participação dos emigrantes?*

A.P. - Não acredito que a participação vá ter um grande incremento por causa da abertura. Já existe uma participação que considero satisfatória e que só se poderá desenvolver na medida em que tivermos uma maior capacidade de absorção e de orientação, na medida em que estivermos melhor organizados para orientar e ajudar a emigração a participar.

Uma cultura própria, um diálogo muito especial

«D.L.» - *Julgo que o debate sobre a cultura cabo-verdiana, anterior à própria independência, remonta aos intelectuais da «Claridade». Em seu entender, a cultura cabo-verdiana é euro-africana ou somente africana?*

«Não ponho de parte que tenha havido, quer excessos quer desmandos nos primeiros anos da independência cabo-verdiana...»

A.P. - Aprecio muito a própria definição dos «claridosos»: trata-se de uma cultura própria resultante do cruzamento, do encontro de diversos quadrantes, particularmente das culturas portuguesa e africana, num diálogo muito especial.

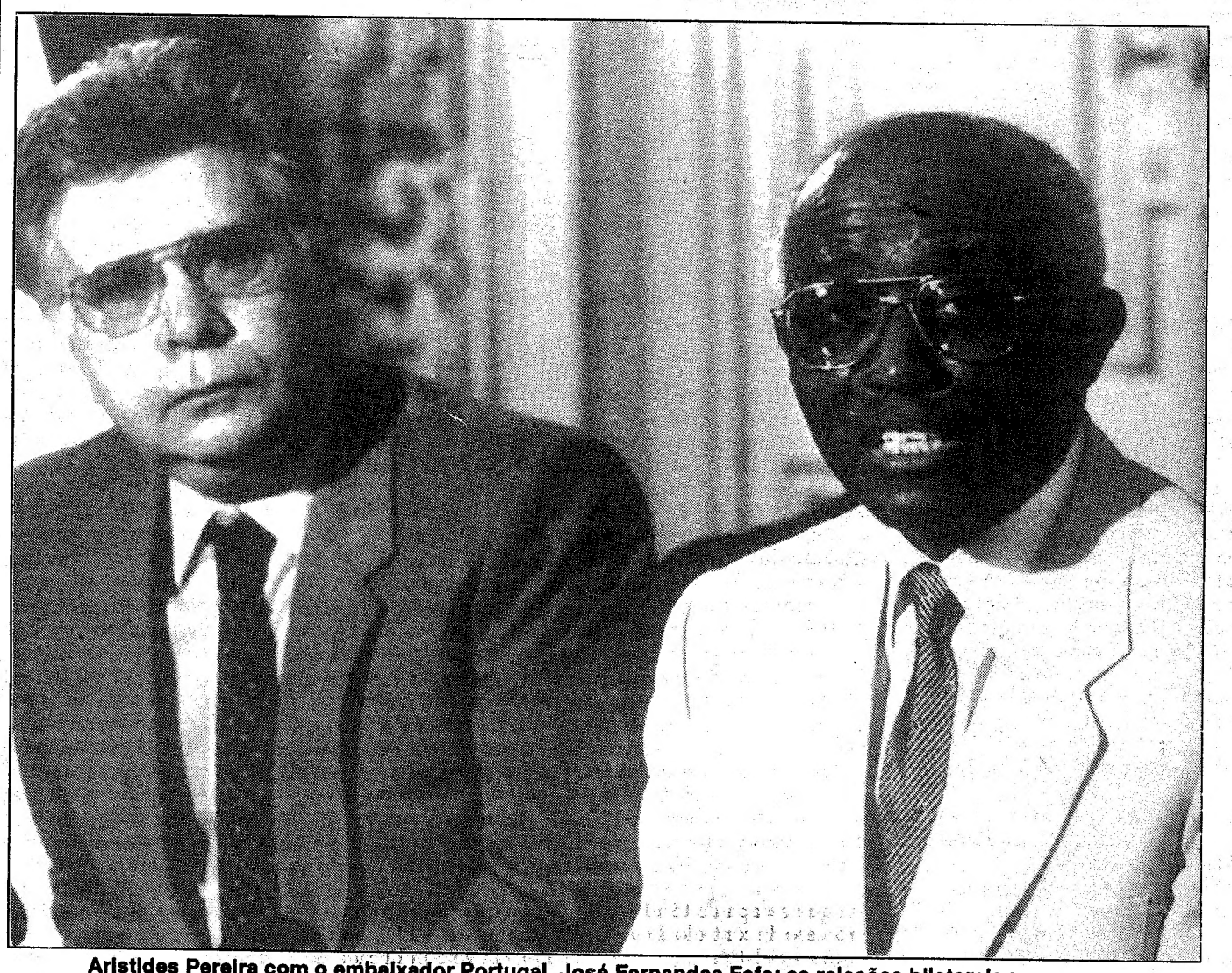
Os nossos intelectuais da «Claridade» tiveram a sensibilidade necessária para compreender que não se trata de uma cultura portuguesa, nem de uma cultura verdadeiramente africana, mas de uma cultura muito nossa. Não há dúvida que a cultura cabo-verdiana tem uma influência portuguesa e africana. Nós queremos aprofundar essas afinidades, quer de um lado quer do outro.

«D.L.»- *Será que se pode dizer, ressalvados os diferentes contextos, que a «Claridade» está para a nação cabo-verdiana como «Os Lusíadas» para Portugal?*

A.P. - Não há nada que se oponha a um conceito deste tipo, tendo em conta o contexto e a época em que apareceram os «claridosos» e, também, a acção deles, que se desenvolveu puramente na área literária.

Depoimento do Embaixador José Fernandes Fafe:

«Repare na mudança do adjectivo...»



Aristides Pereira com o embaixador Portugal, José Fernandes Fafe: as relações bilaterais passaram de *correctas* a *exemplares*

«Repare na circunstância de, ainda não há muito, os governantes cabo-verdianos - nomeadamente o Presidente Aristides Pereira - classificarem de *correctas* as relações com Portugal, e hoje as considerarem *exemplares* », disse-nos o embaixador de Portugal em Cabo Verde, José Fernandes Fafe. «A mudança do adjectivo revela, de uma forma sintética e elegante, o sintoma de uma mudança substantiva, operada, durante os últimos anos, nas relações entre os dois Países».

Esquivando-se a uma enumeração exaustiva das áreas de cooperação — «resultaria, por extensa, enfadonha» — José Fernandes Fafe salientou os domínios político-diplomático, da educação, da formação profissional, do comércio, da economia (áreas científica e tecnológica), militar, do idioma português, da historiografia e da arqueologia (restauros na Cidade Velha).

O embaixador de Portugal assinalou, ainda, uma data-fronteira nas relações bilaterais: 1986. É a data do 2º Plano de Desenvolvimento de Cabo Verde, que «abriu à cooperação possibilidades até aí inexistentes».

POLÍTICA

BREVES

Cartão do Deficiente proposto na Assembleia

O Partido Comunista vai propor à Assembleia da República a criação do Cartão do Deficiente com o objectivo de facilitar a vida aos cidadãos portadores de deficiência, nomeadamente quanto ao exercício dos seus direitos já consagrados nas leis. Se a proposta passar, os deficientes poderão mais facilmente identificar-se quando pretendam utilizar os centros de saúde ou de segurança social e até, por exemplo, para exercerem o seu direito de voto nas assembleias eleitorais. Os proponentes deste documento admitem o seu carácter «favoravelmente discriminatório» e sublinharam o facto de ele nascer de uma reivindicação do último Congresso Nacional de Deficientes. O cartão reune certas características do Cartão Jovem e do cartão dos deficientes das Forças Armadas, já em vigor há alguns anos.

Líderes da Oposição reúnem-se com o Governo

Jorge Sampaio, Carlos Carvalhas, Hermínio Martinho e Freitas de Amaral corresponderam, afirmativamente, ao convite do primeiro-ministro e do ministro dos Negócios Estrangeiros para juntos prepararem, amanhã de manhã, a intervenção de Portugal no Conselho Europeu de Dublin, marcado para os próximos dias 25 e 26. Apenas Álvaro Cunhal, entre as lideranças dos partidos com assento parlamentar, não participa nesta cimeira inédita de Cavaco Silva com a Oposição, fazendo-se representar por Carlos Carvalhas, secretário-geral adjunto e eurodeputado do Partido Comunista. O convite do primeiro-ministro fora divulgada no debate parlamentar de terça-feira passada sobre a integração europeia e foi de imediato confirmado por carta pessoal.

Reunião com Cavaco adia pelouros socialistas

A reunião convocada por Cavaco Silva com os líderes dos partidos representados na Assembleia da República ditou o adiamento para segunda-feira da distribuição de pelouros entre os secretários nacionais do Partido Socialista.

ANMP discute energia

Dívidas à EDP e pagamento da iluminação pública constituem os principais assuntos em análise na reunião da Associação Nacional de Municípios com o secretário de Estado da Energia, ainda a decorrer à hora de fecho desta edição. Os autarcas desejam atingir o mais rapidamente possível um acordo nestas matérias, que se arrastam há bastante tempo. A delegação da ANMP a este encontro com Ribeiro da Silva é constituida por Mário de Almeida, presidente, Daniel Branco, Fernando Costa e Vieira de Carvalho.

Rui Pacheco

Tony Coelho doutorado Mário Soares foi esta manhã o padrinho do doutoramento do antigo congressista norte-americano de origem portuguesa Tony Coelho, pela Universidade de Lisboa

Magalhães e Silva deixa Macau

Questões de princípio na base da demissão

As relações entre os órgãos de governo de Macau - Governador e Assembleia Legislativa - e uma alegada falta de firmeza por parte das autoridades portuguesas face à República Popular da China são as principais razões justificativas do pedido de demissão apresentado pelo secretário-adjunto para os Assuntos de Justiça de Macau, Magalhães e Silva.

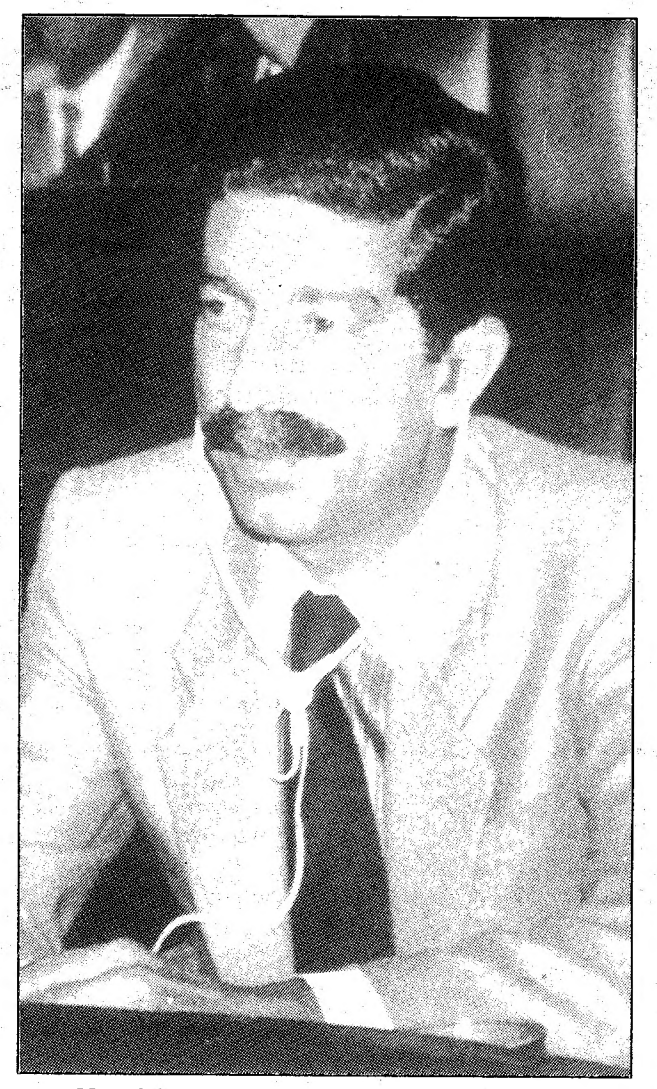
Em comunicado distribuído aos órgãos de informação, Magalhães e Silva alega «divergências quanto à articulação entre os órgãos de governo próprio do território relativamente à competência legislativa concorrente que lhes advém da Lei de Revisão do Estatuto Orgânico de Macau» e «o modo como alguns segmentos da filosofia de relacionamento entre Portugal e a China prejudicam de forma significativa o exercício das competências que me estão confiadas».

Fontes de Macau referem o desagrado de Magalhães e Silva pela forma de actuação do grupo de deputados à Assembleia Legislativa nomeados pelo Governador. Segundo essas fontes, na opinião do secretário-adjunto, a situação actual exigiria que esses deputados actuassem na Assembleia Legislativa como grupo de sustentação da visão portuguesa sobre Macau, concertando as suas posições com as da Administração, o que não se verificaria.

Magalhães e Silva criticaria também a falta de uma resposta firme por parte da Administração portuguesa às atitudes do representante de Pequim na Comissão de Redacção da Lei Básica de Macau, Lou Ping, que tem vindo a fazer públicos reparos à tradução para chinês do Estatuto Orgânico de Macau e defendido a necessidade de tomadas de decisão da Administração portuguesa sobre alienações imobiliárias e participações financeiras em Macau serem precedidas de consulta prévia ao lado chinês.

Segundo as nossas fontes, Magalhães e Silva entenderia que a estas atitudes deveria a parte portuguesa reagir com firmeza, dentro de uma filosofia que defende que se a China tem interesse na política de «um país, dois sistemas», traçada para a integração de Hong-Kong e Macau, se deve comportar como tal, sem tentar interferir em áreas que, até 99, são consideradas pelo Secretário-Adjunto da competência exclusiva da administração portuguesa.

Na sequência do seu comunicado, o secretário-adjunto para os Assuntos de Justiça afirmou ao DL considerar «não haver condições institucionais para realizar, com rigor e eficácia» os trabalhos em curso na sua área, que envolvem pontos como a tradução para chinês da legislação portuguesa, a preparação do novo Código Penal, e a adaptação, ao território, das leis de raíz portuguesa que aí deverão funcionar depois da passagem de Macau para a administração chinesa.



Magalhães e Silva: demissão contra a falta de firmeza

Apesar de qualquer dos pontos justificativos da demissão revelarem divergências políticas com Carlos Melancia, o último parágrafo do comunicado de Magalhães e Silva sublinha «o apreço» que lhe merece «o elevado sentido da responsabilidade com que o Governador de Macau tem exercido o seu mandato».

Carlos Melancia em Lisboa

Entretanto, o governador de Macau, Carlos Melancia, chega na segunda-feira a Lisboa, para tratar com Presidente da República e com o primeiro-ministro, assuntos de Estado relacionados com a administração do território.

O motivo desta curta visita de dois dias tem a ver especialmente com as relações entre Portugal e a República Popular da China, que nos últimos tempos não estão a correr como seria necessário e desejável aos interesses e ao futuro de Macau.

O desagrado de Pequim não se prende com a administração do território, mas com a forma como o Governo de Lisboa está a encarar as relações com a República Popular da China.

Os chineses, segundo fontes que exprimem as posições de Pequim, queixam-se de que, nos últimos meses, a cooperação entre os dois países está reduzida a zero. Sublinham compreender as dificuldades de Portugal nesse campo, por se tratar de um país pequeno, membro da Comunidade Europeia, e que, obviamente, não pode contrariar as decisões comunitárias. O que já não compreendem é que, apesar disso, países como a Itália, Inglaterra e RFA, igualmente membros da CEE, mantenham níveis de cooperação mais desenvolvidos e em constante crescimento.

Este cenário, cuja responsabilidade Pequim não imputa à administração do território, mas à falta de iniciativas do Governo português, afecta as relações Portugal-China e, indirectamente, Macau.

O papel importante que Portugal poderia desempenhar naquela zona do mundo corre, assim, o risco de vir a ser ocupado por países terceiros, designadamente a Itália.

Prevê-se que a cimeira de europeia de Dublin, no próximo fim de semana, adopte medidas no sentido de um abrandamento das sanções impostas pela CEE à República Popular da China, após os acontecimentos de Tianamen. Na semana seguinte a Itália assume a presidência da Comunidade, sendo de presumir que não deixará de aproveitar as decisões que vão ser tomadas.

É isto que Carlos Melancia vem explicar a Lisboa, na tentativa de que Portugal possa, ainda, por antecipação, tomar iniciativas que preservem a sua importância no Oriente.

Para esse efeito, Melancia terá audiências na próxima terça-feira com o Presidente da República e na quarta-feira com o primeiro-ministro, Cavaco Silva.

Soares não conhecia discurso de Dias Loureiro

Uma fonte do gabinete do ministro dos Assuntos Parlamentares, Dias Loureiro, embora confirmando que as alterações introduzidas por Melancia no discurso do ministro excederam o que havia sido acordado, refutou a existência problemas de relacionamento institucional entre o Governo e a administração de Macau, para além do desagrado já expresso por Dias Loureiro.A mesma fonte acrescentou que, a partir do momento em conseguiu chegar ao território, o ministro cumprirá integralmente o programa previamente estabelecido.

Uma contradição parece no entanto existir entre a posição de Dias Loureiro e a do seu partido. Enquanto o ministro tomou sobre este caso a posição que entendeu mais adequada, apresentando-o como um incidente ultrapassado, o PSD parece querer empolar a questão, ao anunciar a sua intenção de pedir uma audição parlamentar ao governador de Macau e ao ministro dos Assuntos Parlamentares.

Entretanto, segundo apurou o DL, apesar do ministro Dias Loureiro se ter deslocado ao território em representação do Presidente da República, Belém não tinha conhecimento do teor do discurso preparado por aquele membro do Governo.

POLÍTICA

FAUL aquece eleições com avanço de Rui Cunha

A disputa pela liderança da Federação da Área Urbana de Lisboa (FAUL) entrou na recta final e Rui Cunha, o primeiro candidato a ser conhecido, deu uma conferência de Imprensa para separar as águas do Congresso Nacional das do congresso federativo a que concorre com a moção «FAUL activa», salientando que entre os seus apoiantes há militantes que estiveram com Jorge Sampaio, na reunião magna do Porto.

Deputado e bem conhecido participante da sensibilidade conotada com João Soares, Rui Cunha comunicou a Jorge Sampaio a sua decisão de avançar quando o líder socialista acabava de ser eleito presidente da Câmara de Lisboa.

«Tem sido visível o interesse em nos catalogarem como a moção de uma sensibilidade. A meu ver, esse objectivo esconde o receio de que seja claro para os militantes que os erros cometidos na FAUL tenham criado um clima propício ao entendimento entre camaradas de diversas sensibilidades», considera Rui Cunha.

António Costa e Rui Cunha: à noite, encontram-se para os debates

Reagindo às críticas do seu camarada-adversário António Costa, que definiu o seu avanço como uma «candidatura de exclusão», Rui Cunha sublinharia a sua independência porque «não nasceu de nenhuma indigitação» a sua primeira assinatura no documento «FAUL activa».

Ao responder a uma pergunta sobre as linhas de clivagem entre a sua candidatura e a do ex-secretário nacional António Costa, Rui Cunha sublinhou que António Costa deseja uma actividade só virada para o exterior, ao passo que na sua opinião é necessário balancear bem as acções interna e externa, porque será de uma «forte mobilização interna» que dependerão os sucessos eleitorais destinados a reeleger Mário Soares e fazer de Jorge Sampaio o próximo chefe do Governo.

Rui Cunha chegou mesmo a utilizar fraseologia castrense para definir «a preparação das nossas tropas» perante um adversário de respeito, o PSD.

A propósito da autonomia da FAUL, sublinhou que António Costa apenas saiu do Secretariado Nacional «para uma comissão de serviço na Área Urbana de Lisboa» e não garante a autonomia da estrutura partidária que quer liderar, dada a sua ligação estreita com a direcção nacional do PS. E acha que «a FAUL deve fazer ondas quando for preciso», aliando ao entusiasmo militante a capacidade de assumir iniciativas autónomas.

No fundo, as divergências nem são de grande tomo. Mas estas eleições são as de maior significado interno para o PS, porque delas resultará o rosto da ofensiva de Outono a desencadear pelos socialistas.

Redacção «DL»

PS abre fogo contra desaires de Cavaco

«Mesmo que os preços estivessem congelados nos últimos sete meses do ano, a meta da inflação apresentada pelo Governo, entre 9,5 e 10,5 por cento, já estaria totalmente pulverizada», sustenta Ferro Rodrigues, secretário nacional do Partido Socialista.

Depois de constatar que «as consequências do eleitoralismo estão à vista», aquele responsável do PS acusou o Executivo de Cavaco Silva de ter deixado de governar, a partir das eleições autárquicas.

«O Governo não tem políticas nacionais, tem políticas eleitorais», frisou ao «DL», antes de verificar que a inflação no último mês de Maio apenas foi suplantada pela do mês homólogo em 1979.

Sobre a alta geral do custo de vida, como no que diz respeito ao défice da Balança Comercial e ao endividamento público, Ferro Rodrigues assumiu a crítica à «partidarização de políticas fundamentais», à revelia da procura de consensos nacionais sobre questões em que todo o País está envolvido.

No que respeita a contas externas, recordou que o défice da Balança Comercial conduziu Portugal a uma situação cambial cada vez mais dependente da entrada de capitais estrangeiros.

No capítulo das contas públicas, anteviu um orçamento suplementar.

Não poupou também a política comunitária, ao denunciar o facto de o Governo ter apresentado à CEE «compromissos sobre política económica para o período entre 1992 e 1995, sem legitimidade para os assumir» e sem que a Assembleia da República e os parceiros sociais tivessem conhecimento, por exemplo, do Programa Quantum.

Na linha das posições habituais do PS, Ferro Rodrigues defendeu o empenhamento nacional nos grandes objectivos, nesta época de transição da Economia portuguesa, em contraposição à política governamental que repetiu ser apenas «eleitoralista».

Redacção «DL»

Carlos Lilaia é o novo líder do grupo parlamentar do PRD

O deputado do PRD Carlos Lilaia vai ser o sucessor de Hermínio Martinho na bancada parlamentar dos renovadores. A decisão será tomada em definitivo, hoje, durante a reunião do grupo parlamentar do PRD.

Em declarações ao «DL», Hermínio Martinho apesar de manter algumas reservas quanto ao nome em definitivo «porque a decisão não é minha é do grupo parlamentar», confirmou que Lilaia «deputado de reconhecido mérito» é neste momento o parlamentar que tem melhores condições para assegurar a liderança dos renovadores na Assembleia da República.

«O grupo parlamentar é pequeno e alguns renovadores como Marques Júnior, vice-presidente da Assembleia, e Rui Silva, vice-presidente da mesa da AR, têm cargos, que desempenham com grande dignidade, que são estatutariamente incompatíveis com a liderança parlamentar», salientou Martinho.

O presidente do PRD referiu ainda que Natália Correia devido às suas actividades profissionais não está disponível, Barbosa da Costa enquanto vereador da Cultura em Vila Nova de Gaia, «onde desempenha um papel importante, tem três dias por semana ocupados» e Isabel Espada «está muito empenhada no debate das questões sociais, que consideramos fundamentais e além disso está numa situação de substituição».

A escolha de Carlos Lilaia para a liderança do grupo parlamentar vai permitir satisfazer um desejo do renovador: a vice-presidência do partido. Lilaia entrará por inerência para a Comissão Directiva do PRD com um estatuto equivalente ao dos vice-presidentes.

M.J.R.

FESTAS POPULARES

JUNHO

Festão em papel e plástico.
Balões Globos – Lanternas – Aeróstatos – Grinaldas – Bandeiras – Flores de papel
Fogos de artifício para crianças e adultos e muitos mais artigos para todos os géneros de festas.

ALMEIDA e OLIVEIRA, Lda.
Armazenista – Retalhista
Trav. Nova S. Domingos, 8 a 14
Tel. 328566 – 1100 Lisboa

STAL

É O GOVERNO QUE IMPÕE

GREVE NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

fp federação

DIA 22 JUNHO — SEXTA-FEIRA — ADMINISTRAÇÃO CENTRAL — Convocada pela Federação da Função Pública.

DIA 25 JUNHO — SEGUNDA-FEIRA — ADMINISTRAÇÃO LOCAL — Convocada pelo S.T.A.L.

TRABALHADORES EM LUTA POR:
- **Actualização salarial em 1990**
- **Revalorização de carreiras**
- **Descongelamento de escalões e negociação séria**

Pseudoproposta do Governo para descongelamento de escalões:

Técnico Superior Técnico (actualmente no escalão "0")	6 anos na categoria para passar ao escalão "1" 12 anos na categoria para passar ao escalão "2"	Exemplos: Um Terceiro Oficial Administrativo que tinha 4 diuturnidades foi integrado no escalão 3 (índice 180) para passar ao escalão 4 (índice 190) precisa de ter 18 anos na categoria.
Restantes Grupos de Pessoal	6 anos na categoria para passar ao escalão "2" 12 anos na categoria para passar ao escalão "3" 18 anos na categoria para passar ao escalão "4" 24 anos na categoria para passar ao escalão "5" 30 anos na categoria para passar ao escalão "6" 36 anos na categoria para passar ao escalão "7" 42 anos na categoria para passar ao escalão "8" a) a) Só para os Grupos Auxiliar, Operários e para as Carreiras de Escriturário-Dactilógrafo e Adjunto de Tesoureiro	Um Operário Qualificado que era de 1.ª Classe e tinha 2 diuturnidades foi integrado no escalão 6 (índice 175) para passar ao escalão seguinte, o 7 (índice 190) precisa de ter 36 anos na Categoria. Um Cantoneiro de Limpeza que era de 1.ª Classe e tinha 1 diuturnidade, foi integrado no escalão 5 (índice 165) para passar ao escalão seguinte o 6 (índice 180) precisa de ter 30 anos na Categoria. Um Motorista de Pesados que era de 1.ª Classe e tinha 3 diuturnidades foi integrado no escalão 4 (índice 175) para passar ao escalão seguinte, o 5 (índice 190) precisa de ter 24 anos na Categoria.

O GOVERNO FOI LONGE DE MAIS NA PROVOCAÇÃO AOS TRABALHADORES.
O STAL e os Sindicatos da Função Pública (Federação) em convergência de objectivos e acção apelam à adesão maciça à GREVE

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

Numa sessão parlamentar dominada por nova barragem de fogo da Maioria sobre os presidentes socialistas das Câmaras Municipais de Lisboa e Porto, o PSD provocou ontem alguma surpresa com a apresentação do seu próprio pedido de inquérito vinculativo à televisão

Parlamento de olho na RTP

O PSD entregou ontem na Assembleia da República o seu próprio pedido de inquérito vinculativo à televisão, repondo a situação praticamente nos mesmos termos em que ela se colocara quando o assunto foi discutido no plenário.

O PSD já então anuira a apoiar o inquérito promovido pelo PRD mas condicionara o seu voto ao alargamento de âmbito da matéria a averiguar, para abranger também as responsabilidades de anteriores Conselhos de Gerência. O PRD não aceitou este alargamento, considerando-o como tentativa de diluir as responsabilidades da gerência de Coelho Ribeiro e promoveu de imediato a recolha de 50 assinaturas, entre os deputados da oposição. Foi, assim, imposto um inquério de amplo mais vasto quanto aos factos a apurar e relativamente objectivo mas mais limitado no tempo aferindo-o, apenas, ao exercício do actual Conselho de Gerência.

Ontem, aos deputados da Maioria deram a este desfecho uma resposta eminentemente política, avançando com o seu próprio inquérito de realização obrigatória e determinando-lhe o objectivo de averiguar as situações previstas no inquérito promovido pela Oposição mas alargando-o às responsabilidades «de anteriores Conselho de Gerência».

A existência de duas comissões para inquirir a mesma entidade é uma situação inédita na recente história parlamentar e o resultado prático desta acumulação é que vai demorar mais tempo a desembrulhar a meada. No fundo, vai dar tudo ao mesmo com a particularidade de ser, agora, possível apurar não só os comportamentos irregulares que deterioraram a credibilidade pública da televisão, mas também os seus responsáveis mesmo que remotos.

Quanto à RTP propriamente dita, a situação ontem criada pelo PSD só agrava os riscos em que incorrem os seus gestores: já não é só a Oposição a quer saber, por exemplo, como é que vamos de tráfico de influências na empresa, quem entre os funcionários mantém relações comerciais com os fornecedores externos de bens e serviços e se há ou não publicidade subliminar, nomeadamente, nos noticiários e reportagens sobre automóveis; agora, também a Maioria se mostra disponível para apurar estas responsabilidades e para as comparar com as de Conselhos de Gerência precedentes.

Carlos Coelho protagonizou novo ataque ao PS

É muito provável que os promotores dos dois inquéritos aceitem nomear os mesmos deputados para as duas comissões. Para além disto, deputados do PSD manifestaram a opinião de que os dois inquéritos devem correr em paralelo, completando o apuramento dos factos que a oposição pretende averiguar, com imediatas reuniões para determinar a génese da sua responsabilidade, se ela for imputada a gerências anteriores à de Coelho Ribeiro.

Socialistas debaixo de fogo

A pretexto dos assessores de Jorge Sampaio, na Câmara de Lisboa, e da continuada acumulação de funções de Fernando Gomes, como eurodeputado e presidente da Câmara do Porto, o Partido Socialista foi ontem novamente colocado debaixo do fogo da Maioria parlamentar.

O artilheiro de serviço - Carlos Coelho, um dos vice-presidentes da bancada do PSD- insistiu especialmente em confrontar as reiteradas declarações de Fernando Gomes, durante a campanha eleitoral autárquica, com a sua obstinação actual em não ceder o lugar de eurodeputado.

Chegou mesmo a qualificar tal comportamento como imoral e acusou o presidente socialista da Câmara Municipal do Porto de incorrer, explicitamente, em «mentira, hipocricia e exibicionismo gratuito com manifesto prejuizo para o interesse nacional».

Daniel Reis

Primeira reunião decorreu ontem

Fernando Nogueira em reflexão estratégica

O ministro da Defesa, Fernando Nogueira, reuniu-se ontem, pela primeira vez, com o Grupo de Reflexão Estratégica, um orgão consultivo, cujo «principal objectivo é a análise da evolução internacional, em matéria de Defesa e Segurança, por forma a fornecer, ao responsável pela pasta, sugestões sobre quais as respostas mais adequadas ao movimento actual de profundas alterações do equilíbrio geo-estratégico mundial».

Ao que tudo indica, a iniciativa de Fernando Nogueira foi bem acolhida, já que estiveram presentes nesta reunião personalidades de todos os quadrantes político-partidários, do CDS ao PCP,e ainda representantes de várias instituições ligadas à estratégia e à segurança.

Permanecem algumas dúvidas sobre a participação de Jaime Gama no Grupo, dúvidas essas que só poderão ser dissipadas após o regresso do deputado socialista dos EUA, onde se encontra actualmente.

Estiveram também reunidos com o ministro da Defesa, o Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas, Soares Carneiro, os generais Cabral Couto e Gonçalves Ribeiro e os deputados João Amaral, do PCP, Marques Junior, do PRD, Adriano Moreira, do CDS e Ângelo Correia, do PSD.

Como referiu o ministro, «trata-se de um grupo de grande qualidade. Estão presentes personalidades que foram escolhidas em função da sua posição institucional, da sua posição político-partidária e por se terem destacado na análise dos problemas de Defesa e Segurança.

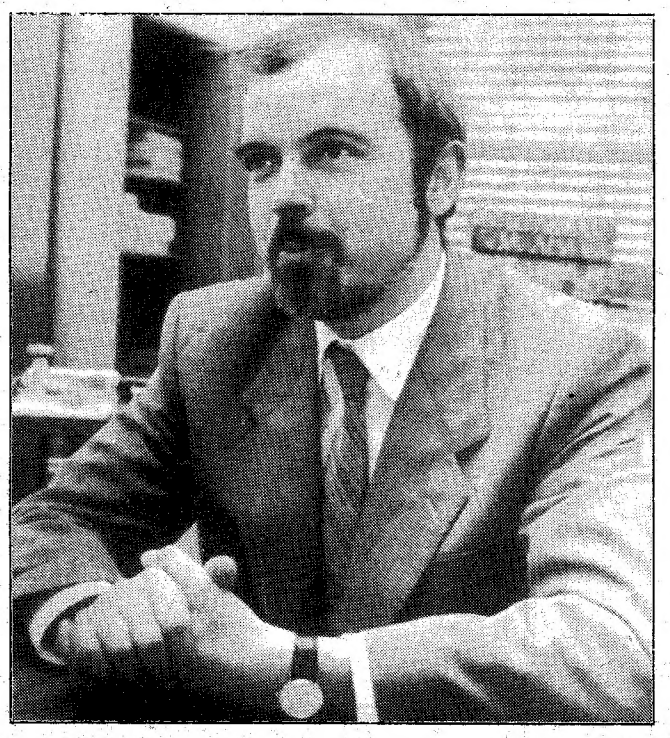
«Iremos realizar, até praticamente final do ano, reuniões quinzenais, que ajudem a estabelecer consensos , uma vez que a política de Defesa nacional tem, como o nome indica, natureza nacional e, portanto deve ser tão participada quanto possível, devendo-se, também, procurar sensibilizar a opinião pública».

Segundo Fernando Nogueira, o Grupo de Reflexão pode ajudar a atingir aqueles objectivos. Simultaneamente, o Ministério está a promover o debate público sobre Defesa Nacional, cujas acções já se iniciaram em Maio e se prolongarão até Outubro. Estas iniciativas contam com a participação de organizações estatais e não estatais.

Na primeira dessas iniciativas, «A lei e os conceitos de defesa nacional: a sua adequação à nova situação», integrada no ciclo «As Transformações na Ordem Europeia: Suas Implicações para Portugal», o secretário de Estado da Defesa Nacional, Eugénio Ramos, referia, já, o «papel importante que terá o chamado Núcleo de Reflexão Estratégica»

De entre acções futuras podem destacar-se, a título meramente exemplificativo, o colóquio sobre «As transformações no Leste Europeu e as suas implicações para Portugal, com uma particular incidência na Região Autónoma dos Açores», organizado pela Universidade dos Açores, que se realiza nos dias 26 e 27 de Julho.

Outro exemplo é o seminário «Portugal no Contexto da Segurança Regional: a Cooperação no Atlântico Oriental», que será organizado pelo Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais entre 27 e 29 de Setembro, estando prevista a presença de especialistas portugueses, espanhóis e caboverdianos.



A iniciativa de Fernando Nogueira foi bem acolhida

«Todas estas iniciativas deverão dar lugar às primeiras Jornadas de Defesa Nacional, a realizar no final do ano, e onde poderão ser divulgadas as conclusões das reuniões do Grupo de Reflexão», referiu Fernando Nogueira.

Redacção «DL»

FORUM

público e privado

EUROPA: FESTA, NÃO «PARTY»

De há três anos para cá, em fins de Maio, atribui-se em Amalfi o Prémio Europeu da Sociologia e Ciências Sociais. Este prémio é precedido por um congresso, no qual participam os estudiosos europeus mais eminentes nestas matérias. É um dos muitos indícios do nascimento da nova Europa. Até há bem pouco tempo, os países europeus tinham como único ponto de referência os Estados Unidos. Não havia relações directas entre italianos, alemães, polacos, checoslovacos, suecos e dinamarqueses. Não existiam iniciativas comuns, nem encontros, nem problemas ou linguagem comuns.

É incrível como a distância social se transforma imediatamente em diferenças de pontos de vista, diferenças de línguas, desconfiança, arrogância, desprezo. Por que razão existem tantas línguas, tantos dialectos no Mundo? Porque, por toda a parte, as pessoas viviam nas suas pequenas comunidades e, para se poderem entender com as poucas centenas de conterrâneos que conheciam, criaram uma linguagem própria, tornando-se, assim, incompreensíveis para terceiros.

também no que diz respeito à ciência, sobretudo no campo humanístico e social, se notam estes obstáculos, estas muralhas de incomunicabilidade, um pouco encapotadas pelo uso comum da língua inglesa. Cada um dos grupos fala por si, cada uma das nações no seu interior. Comunica quem antes já comunicava, entende-se quem antes já se entendia. Nós, os europeus, encontrávamo-nos dispersos, ao contrário do grupo americano que sabíamos totalmente integrado, em completa harmonia, devido a uma longa tradição. Uma verdadeira comunidade científica defronte das nossas, tresmalhadas e despedaçadas. E só quando se pôs em movimento o processo comunitário de integração, só quando começou a aparecer o primeiro embrião de uma afinidade política e cultural, é que deixaram de ser os franceses - fortes nas suas tradições - os que ainda conseguiam organizar qualquer coisa. Porque ingleses, alemães e outros dialogavam directamente com os americanos.

Depois veio a mudança. Uma curiosidade recíproca, ainda meio suspeitosa, titubeante. Os primeiros cxontactos foram um tanto burocráticos, frios e formais. Porque é difícil perder hábitos consolidados durante anos; porque é difícil, mesmo quando as forças históricas tendem a unir-se, a romper barreiras, barreiras estas que continuam a existir entre os indivíduos - a sua couraça defensiva e ofensiva.

Para que haja verdadeira comunicação é preciso que se desenvolva uma nova comunidade. Uma unidade não só intelectual mas, sobretudo, emocional.

Não é discutindo, polemizando e respondendo miudamente às críticas e às polémicas que as pessoas se entendem. Havia um divertidíssimo programa de Funari, «Abboccaperta», no qual as pessoas quanto mais discutiam menos se entendiam, e quanto menos se entendiam mais discussões desencadeavam.

Uma outra situação em que as pessoas não comunicam é a que é criada por um «party». Aqui, gira-se com um copo na mão, de um grupo para outro, saudando um rosto conhecido no meio de uma centena de desconhecidos, com a impressão de ter muito para perguntar, para receber, para dar; e, no entanto, não há mais nada senão a pura presença, a expressão idiota «eu também lá estava».

Francesco Alberoni

No extremo oposto do «party» encontra-se a festa, onde as pessoas se reúnem pelo prazer de estarem juntas; comendo, tagarelando, cantando e dançando em conjunto. Uma actividade sem objectivos individualistas, nem cálculos mentais, na qual cada um esquece o seu embaraçoso Eu e as suas próprias pretensões. Onde o que conta não é o prestígio nem o dever, mas um clima de cálida simpatia, uma intimidade física. Que é também o que as pessoas procuram na efervescência de um estádio, numa competição desportiva ou numa discoteca. O ambiente emocional colectivo no qual devemos mergulhar para encontrarmos uma língua comum. Para ter êxito, a nova Europa tem necessidade desta dimensão bizarra, caprichosa, emocional e imotivada. À nova Europa é indispensável uma festiva amizade.

Exclusivo Corriere della Sera/«DL»

(Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

FÉRIAS de 60 DIAS

NO PAGAMENTO do seu FIAT Tipo.

Neste Verão a Fiat oferece-lhe mais tempo e dinheiro. Na compra do seu novo Fiat Tipo **50%** * de redução no montante dos juros e **60 dias** para o pagamento da 1.ª mensalidade ou, ainda, se o pagamento da 1.ª mensalidade for a **30 dias**, oferta de **60%** * de redução no montante dos juros!
Na compra a pronto, a Fiat oferece-lhe o valor equivalente em **COMBUSTÍVEL!**

Aproveite! Vá de férias com a família ao volante de um Fiat Tipo.

OFERTA VÁLIDA ATÉ 14 DE JULHO

Oferta válida para as viaturas disponíveis na rede de vendas Fiat e não acumulável com outras iniciativas em curso!

* Valor calculado para 50% de entrada e 12 mensalidades.

FIAT

Encargos Anuais: Consumo - 121.680$00 a 139.100$00 • Seg. Ob. Resp. Civil: 21.983$00 a 24.745$00 • Imp. S/ Veículos: 2.840$00 a 4.630$00 • Imp. Compensação (Diesel): 42.000$00 • Base 15.000 km • Abril/90.

FORUM

GENEALOGIAS DA ACTUALIDADE

A ILUSÃO TÉCNICA DA CIÊNCIA

Apesar de continuarmos a associar a ciência a modalidades rigorosas, metódicas e precisas de conhecimento, generalizou-se, nos últimos tempos, junto do público a ideia de que são as aplicações técnicas que fundamentam o conhecimento científico. É esta ideia de ciência que tende hoje a prevalecer como ideologia generalizada, infiltrada, como erva daninha, nas próprias políticas científicas dos Estados e sobretudo dos cada vez mais poderosos organismos internacionais.

Basta abrir os jornais de grande informação e até as revistas de divulgação científica para nos darmos conta de que quase só os domínios que integram fortes componentes tecnológicas são hoje considerados como científicos. Nesta visão redutora da ciência já não se trata tanto de uma estratégia de exclusão de domínios não científicos, tais como os que confinam com a charlatanice e os diversos modos de ilusionismo. O que mais salta à vista é a estratégia de sistemático silenciamento a que são votados largos campos tradicionais do saber, com quadros teóricos, finas e experimentadas motodologias, só porque não integram significativas aplicações tecnológicas. Deste modo, a fronteira entre aquilo que é científico e aquilo que o não é deixa de apresentar uma configuração racional estável para se tornar uma linha movediça, ao sabor de estratégias meramente utilitárias de produção de novos inventos. A ciência é assim cada vez mais tudo quanto permite realizações inéditas, de preferência espectaculares, susceptíveis de encher o olho.

Neste contexto técnico-científico, os próprios cientistas tendem a fazer depender a validade das suas descobertas dos instrumentos técnicos postos ao seu dispor, invertendo, assim, a lógica da investigação científica. Em vez de darem a ver os procedimentos racionais de indagação, passam a insistir na tecnicidade que as descobertas incorporam ou permitem realizar.

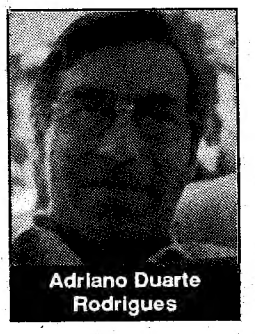
É impossível demonstrar que um determinado conhecimento é certo, rigoroso e legítimo pelo facto de incorporar um elevado nível de tecnicidade ou de se prestar a determinadas aplicações. Um objecto técnico não é uma realidade científica, tal como uma lei científica não é uma realidade técnica. Há um abismo intransponível entre estes dois domínios do saber, assim como a legitimidade do conhecimento científico pressupõe inevitavelmente uma interrogação acerca das suas responsabilidades humanas e sociais. Mesmo que possuam uma sólida formação científica e técnica, os cientistas são membros de uma comunidade humana. A legitimidade dos conhecimentos científicos não depende por isso da sua tecnicidade, mas da sabedoria de um povo, dos seus valores e do seu destino colectivo.

As aplicações técnicas do saber exigem, além da solidez científica das suas regras, uma capacidade de ponderação das vantagens que as diferentes opções apresentam e dos compromissos a fazer entre exigências práticas contraditórias, de maneira a minimizar eventuais efeitos indesejáveis das escolhas feitas. Se fosse uma realidade meramente científica, a técnica apresentar-se-ia como uma realização natural e espontânea; não como um domínio sujeito a um processo de constantes ajustamentos e adaptações.

Vêm estas observações a propósito da recente implantação de um programa da CEE que dá pelo nome de programa Ciência, com maiúscula e tudo. A delimitação dos projectos susceptíveis de serem financiados por este programa é um dos muitos exemplos actuais da confusão grosseira entre ciência e técnica, uma vez que os 50 milhões de contos que a Comunidade Europeia reservou para a implementação em Portugal deste programa comunitário são exclusivamente destinados a financiar equipas de tecnólogos.

Os políticos já começam aliás a dar-se conta de que, em virtude das insuficientes infra-estruturas científicas do país, o investimento desta soma impressionante terá inevitavelmente como efeito a formação de um número considerável de tecnólogos portugueses em centros estrangeiros. Deste modo, embora reconheçamos que Portugal poderá vir a beneficiar com os inventos entretanto realizados, corremos o risco de assistir a uma depauperação científica ainda maior do nosso país. A nossa multissecular riqueza científica e cultural, apesar de internacionalmente reconhecida, vê-se assim, por efeito do embotamento da visão eurocrata e da cumplicidade dos nossos governantes, reduzida a uma expressão envergonhada de sobrevivência. Não podendo competir com os meios assim postos à disposição do desenvolvimento técnico, os membros das míseras equipas que ainda teimam em respeitar a sua função de estudiosos, de promotores da nossa riquíssima cultura e de confronto com as outras culturas são cada vez mais votados ao ostracismo, encarados como espécie rara e de luxo, destinada apenas a embelezar uma paisagem reduzida às tarefas alfandegárias de importação acelerada de tecnologias exógenas.

Os próprios domínios de saber vocacionados para o estudo das ciências sociais e das humanidades vêem-se condenados a exercer uma tarefa instrumental de fornecedores de dados que habilitem os poderes públicos a gerir um espaço colectivo cada vez mais rarefeito, reduzido a uma mera função gestora. Para além desta resposta às preocupações do Estado-gestor e, na melhor das hipóteses, da celebração de contratos de programa em íntima relação com as celebrações comemorativas rituais, a Universidade tende hoje já a perder não só o dinamismo de formulação de questões novas, mas também a sua função de desbravamento de novos rumos para o destino colectivo.


Adriano Duarte Rodrigues

A recentemente instituída autonomia universitária está assim confrontada com efeitos particularmente perversos, levando ao rápido estiolamento das áreas que não conseguirem ou não quiserem pactuar com o destino que lhes está reservado de clientes dos tecnólogos e de compiladores dos feitos do passado. As somas avultadas postas à disposição de cursos e de centros universitários ao sabor das exigências técnicas do sector económico ou reservadas pelo erário público às celebrações dos Descobrimentos contrastam com os cortes orçamentais impostos às Faculdades de Letras e de Ciências Sociais e Humanas, obrigadas a demonstrar a rendibilidade dos seus serviços como condição de sobrevivência. Apesar de responderem sem contrapartidas às solicitações do próprio Estado para a formação dos docentes dos vários graus do ensino, apesar de serem constantemente solicitadas a compensar as insuficiências de outras redes de ensino entretanto criadas pelo próprio Governo, como é o caso dos Institutos Politécnicos, ou criadas anarquicamente com a complacência do poder político, como é o caso das Universidades privadas, apesar de partilharem com essas outras instituições os seus próprios docentes, as Faculdades de Letras e de Ciências Sociais e Humanas são agora confrontadas com a necessidade de facturar serviços extra, sob risco de verem as suas dotações orçamentais reduzidas para níveis de miséria.

ALEMANHA SENTIDO ÚNICO

A única dimensão estável da política europeia nos tempos que correm parece ser, por ironia, a unificação alemã. Depois de ter desempenhado, durante trinta anos, as funções do perturbador continental, e após quarenta como o lugar efectivo dos afrontamentos entre o Leste e o Oeste, a Alemanha deixou de lado a sua tradicional ansiedade e surge crescentemente como a âncora de uma Europa em movimento. No mínimo, Deus está do seu lado.

Muito germanicamente, as elites alemãs têm vindo a procurar impor à imprevisibilidade e à instabilidade das dinâmicas de mudança europeia um programa e um calendário centrado sobre o essencial, isto é, determinado pela estratégia de unificação dos dois Estados alemães (se é que ainda existe a RDA, desde que o seu Parlamento eleito suspendeu a vigência da respectiva Constituição).

Até à data, a *mise em oeuvre* do programa de unificação não só foi um claro sucesso, como as várias etapas do calendário previsto foram cumpridas, com rigor e precisão, e na ordem apropriada. As Cassandras que previam um veto soviético, ou que os alemães orientais, habituados à segurança inerte do regime comunista, iam detestar o caos capitalista, ou que a conta calada da unificação monetária ia arruinar a economia alemã estão provisoriamente com falta de argumentos.

A estratégia alemã é relativamente simples: trata-se de proceder pelo método dos *faits accomplis* e passo a passo, anunciando no termo de cada etapa a irreversibilidade da unificação. Até agora, os adversários e os aliados da Alemanha - sem excluir os Estados que são as duas coisas ao mesmo tempo - não tiveram a menor interferência directa na execução deste programa, e desistiram das suas resistências e das suas objecções perante os ditos factos consumados.

Mais importante, todas as forças políticas alemãs aderiram ao processo e à política de unificação: os que a consideravam excessiva e demasiado rápida, bem como os que se opuseram aparecem agora alinhados com as posições oficiais, ou no extremo oposto, como é o caso dos ecologistas deputados à *Volkskammer*, que defendem a unificação já. Paralelamente, os intelectuais da RDA, que em boa parte queriam preservar um Estado alemão socialista, popular e germânico, pós-comunista e anticapitalista, estão a render-se e, não tarda, serão os mais irresponsáveis dos «reunificadores».

Se é possível separar a política interna da externa no caso alemão, pode dizer-se que *intramuros* o problema que resta é a marcação da data das eleições alemãs-alemãs, que substituíram as previstas para a República Federal em fins deste ano. Nesse momento, a unidade nacional ficará selada pela vontade democrática e só outra guerra poderá voltar a dividir a Alemanha.

A escolha do momento eleitoral está, naturalmente, ligada à resolução dos problemas que restam na ordem externa - além da devolução dos poderes de soberania das quatro potências vencedoras, a fronteira polaca e o estatuto da Alemanha na segurança europeia. Para os dirigentes alemães, e para os seus aliados ocidentais, estes são falsos problemas: a devolução far-se-á nos próximos meses, os dois parlamentos alemães vão desde já aprovar uma resolução garantindo as suas fronteiras actuais com a Polónia, e a Alemanha continuará a ser membro da Aliança Atlântica.

A parte real do falso problema está na indefinição, ou no excesso de definição da posição soviética.

Nas últimas semanas, a URSS conseguiu voltar a apresentar para a questão alemã todas as propostas que fez nos últimos quarenta anos. A razão mais evidente será a proximidade do Congresso do PCUS, que força o adiamento de uma tomada de posição realista. A menos evidente é que a União Soviética tem o potencial estratégico da Alemanha, enquanto valerem as garantias que proíbem o seu acesso ao estatuto de potência nuclear, que os aliados ocidentais subscrevem.

Carlos Gaspar

Entre uma coisa e a outra, a impressão que fica da multiplicação das velhas propostas é a de que a URSS não tem outras, e de que pode, portanto, passar muito bem com a Alemanha unificada na NATO. A alternativa seria, como sempre, criar uma situação em que se tornasse imperativa politicamente uma retirada conjunta das tropas soviéticas e das tropas norte-americanas de território alemão, ou de que estas forças ficassem subordinadas a uma entidade única. Ora, esta hipótese não está nas mãos da decisão soviética neste momento.

Mas também não está nas mãos dos Estados Unidos, por mais evidente que seja a necessidade de assegurar a continuidade da dissuasão estratégica perante uma União Soviética que, por estar em mau estado, não deixou por isso de ser a outra grande potência nuclear e a primeira na Europa. À falta de um acordo entre as duas grandes potências sobre a evolução do regime de segurança europeia, a decisão, também neste caso, será sobretudo alemã e determinada pelo sentido da sua estratégia de unificação.

E o que se sabe sobre o sentido dessa estratégia é apenas o que está anunciado, antecipando o seu sentido único, alemão. *Gott mit uns.*

INTERNACIONAL

Uzbequistão independente

Após intenso debate, o Parlamento da República Soviética do Uzbequistão aprovou por maioria uma declaração de independência que consagra a soberania do Estado uzbeque e a supremacia das suas leis. Nos termos dessa declaração, citada pela agência noticiosa Tass, o Uzbequistão reconhece e respeita as leis internacionais, que determinarão no futuro as suas relações económicas e culturais com a União Soviética e outros Estados.

Trata-se da primeira república soviética centro-asiática a romper com Moscovo. À semelhança do que ocorre nas restantes repúblicas da zona, o Uzbequistão, com 447.400 quilómetros quadrados e uma população de 19,6 milhões de habitantes, na sua grande maioria muçulmanos, tem um baixo nível de vida e um alto índice de desemprego.

Por seu turno, o Soviete Supremo da Geórgia, no Cáucaso, decidiu criar um mecanismo legal para restaurar a independência da república, segundo a Tass.

A decisão segue-se ao anúncio da declaração de independência do Uzbequistão.

Nenhuma das posições ora tomadas, é tão radical como as declarações de independência das repúblicas do Báltico, mas mostram como o espírito de ruptura com o poder central se está a espalhar na URSS.

A Tass diz que os legisladores da Geórgia (uma república montanhosa de 5,3 milhões de habitantes) apelaram ao Parlamento da Federação russa, liderado

Ligachev acusa a direcção do PCUS de não respeitar pontos de vista diferentes

pelo radical Boris Ieltsin, para que estabeleça laços com ela, como entidade soberana.

Já a 9 de Março o Parlamento georgiano condenara a anexação soviética e pedira negociações para a independência, tornando-se a quarta das 15 repúblicas soviéticas a iniciar uma luta parlamentar pela secessão.

Por outro lado, a primeira-ministra da Lituânia, Kazimiera Prunskiene, reafirmou o apoio à proposta do seu Governo de adoptar uma moratória à declaração de independência, em discussão no Parlamento.

A chefe de Governo lituana reafirmou que a proposta de moratória, em vigor apenas enquanto decorrem as conversações entre Vilna e Moscovo, é «um sinal de confiança» imprescindível para conseguir uma solução para o conflito.

Apenas uma das frentes

O ressurgimento dos nacionalismos na URSS é apenas um dos problemas com que o Presidente Mikhail Gorbachev se debate internamente.

Num momento crucial do país, e em vésperas do XXVIII Congresso do PCUS, o líder soviético tem sido o alvo de um cerrado ataque dos conservadores, entre os quais se incluem os militares, que o acusam de «capitulação ideológica» e de encaminhar o império para o caos.

Ontem, Gorbachev admitiu poder perder o seu cargo de secretário-geral do PC soviético, no Congresso que começa no dia 2 de Julho.

O Presidente soviético, que falava no segundo dia de trabalhos da Conferência das Organizações Russas do PCUS, que decidiram criar um Partido Comunista da Rússia, afirmou numa resposta aos seus críticos que «amanhã, ou daqui a 10 ou 12 dias, pode haver outro secretário-geral ou presidente do partido».

Na mesma sessão, o conservador Igor Ligachev acusou a direcção do PCUS de estar a perder, ultimamente, os princípios colectivos, o carácter democrático e o respeito por pontos de vista diferentes.

Redacção «DL»/Lusa/Novosti

Baker discute ajuda económica à URSS

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, que se encontra na Europa, para participar na reunião «2+4», a ter início amanhã em Berlim-Oeste, reune-se hoje com os aliados dos EUA para discutir sobre os pacotes de ajuda ocidental destinada a ultrapassar a resistência do Kremlin à filiação da Alemanha na NATO e favorecer as reformas da Perestroika.

A revelação, feita por funcionários norte-americanos não identificados, coincidiu com o anúncio feito pelo jornal oeste-alemão «Die Welt» de que Bona tenciona patrocinar a concessão de mais de três milhões de dólares em créditos a Moscovo para apoiar o desenvolvimento de um mercado aberto na URSS.

As consultas norte-americanas surgem na sequência da inclusão de uma oferta de ajuda económica, feita há meses por Bona a Gorbachev, num plano de nove pontos destinado a tornar aceitável por Moscovo a integração da Alemanha unificada na NATO.

No entanto, o Presidente George Bush disse ontem existirem ainda sérios obstáculos para pôr em marcha um plano de ajuda económica à URSS. Entres eles, Bush citou a ajuda anual soviética de cinco mil milhões de dólares a Cuba que, segundo afirmou, discutiu durante a Cimeira de Washington, no princípio do mês, com o Presidente Gorbachev.

Porém, o Presidente norte-americano manifestou-se disposto a discutir essa ajuda com os aliados, na próxima cimeira económica de Houston.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Alemanhas

União monetária e fronteiras são hoje aprovadas

Os Parlamentos das duas Alemanhas votarão hoje e amanhã o tratado de unificação monetária, económica e social que, a partir de 1 de Julho, entrará definitivamente em vigor. Hoje será a vez do Bundestang (Câmara Federal) da RFA votar o tratado. Apesar do chanceler da RFA, Helmut Kohl, ter aberto o debate parlamentar sobre a ratificação pedindo aos alemães federais para estarem preparados para os sacrifícios económicos necessários para levar a cabo a unificação, o tratado deverá ser aprovado com uma larga maioria . Amanhã será o Bundesrat (Câmara Alta composta pelos representantes dos Estados Federados da RFA) a completar a ratificação do tratado oeste-alemão.

A votação no Parlamento da RDA, diferentemente da do alemão ocidental, contará provavelmente com a oposição dos Lander do Sarre e da Baixa Saxónia.

Ainda hoje será votada também, pelos dois parlamentos, uma resolução comum que reconhecerá a inviolabilidade da fronteira germano-polaca traçada em 1945 ao longo das margens do rio Oder e do seu afluente Neisse.

A fronteira, fonte de dissídio entre a Alemanha Federal e a Polónia ao longo de mais de 40 anos, fora reconhecida em 1950 pela RDA enquanto a RFA, pressionada pela *lobbie* dos alemães expulsos dos antigos território orientais do Reich, nunca chegou a admitir o carácter definitivo da fronteira. Diversos deputados conservadores da União Cristã-Democrata e da União Cristã Social já anunciaram que irão votar contra a resolução. Contra também manifestou-se a Liga Federal dos Desterrados dos antigos territórios orientais da Alemanha.

No entanto, o chanceler Helmut Kohl repetiu que apesar de ser uma «decisão difícil» o reconhecimento da fronteira é necessário e indispensável para a unificação alemã.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Comissão Europeia desiste da compra do Berlaymont

Do nosso correspondente em Bruxelas

A Comissão europeia já informou a Regie des Batiments Publiques, proprietária do Berlaymont, o edifício em forma de estrela, autêntico ex-libris comunitário, não estar interessada na sua aquisição. O problema encontra-se agora nas mãos do Estado belga. A comissão revelou ao «DL» a intenção de se manter como inquilino até ao final do contrato, em 1995. Para solucionar um buraco orçamental, a Regie des Batiments Publiques, que administra os edifícios públicos na Bélgica, tinha efectuado uma proposta de venda à Comissão Europeia.

Posteriormente insistiu, por carta, dando amavelmente a entender a eventualidade de aparecerem outros interessados. Entretanto, circulou uma versão que apontava como presumível comprador um grupo japonês, o que, a concretizar-se, constituiria um golpe de asa dos políticos asiáticos: a aquisição do eficício onde se localiza a sede do executivo comunitário. No entanto, esta versão está definitivamente posta de parte. O Estado belga não está interessado em perder a sede da Comissão Europeia, instalada em Bruxelas a título provisório. Por isso, está a estudar uma alternativa para resolver a situação económica da Regie, que passará provavelmente pela injecção de capitais privados e outros, provenientes de instituições a operar no mesmo ramo.

O «DL» apurou em Bruxelas que a Comissão encara a possibilidade de sair do Berlaymont. Trata-se de um símbolo comunitário, mas igualmente de uma construção de operacionalidade duvidosa, cuja habilidade só é garantida desde que não se efectuem obras, segundo um estudo recente.

As enormes quantidades de amianto utilizado na construção do edifício constituem uma ameaça permanente para os funcionários que ali exercem a sua actividade. Medições sistemáticas são efectuadas e os resultados têm-se colocado abaixo dos níveis de perigosidade para o ser humano. No entanto, o espectro do cancro pulmonar e das doenças respiratórias paira sobre os eurocratas, sobretudo depois das organizações sindicais terem desencadeado uma campanha que pretendia evitar a compra do Berlaymont. Provavelmente em primeira mão, mesmo para os próprios sindicatos, o «DL» está em condições de informar que o Berlaymont não vai ser comprado pela Comissão. Aliás, esta decidiu estabelecer com a Regie des Batiments Publiques um tipo de relação inquilino-senhorio. Assim, exige da Regie obras de grande vulto que possibilitem a extracção total do amianto do edifício. Esta solução, a verificar-se, implicará a mudança maciça de funcionários para outros edifícios, operação que, à cautela, já foi desencadeada em relação a algumas Direcções-Gerais.

Outra informação fornecida ao «DL» atribui ao edifício (com terreno incluído) o valor entre dez e quinze mil milhões de francos belgas. No entanto, esta cifra só deve ser considerada após beneficiações, como a remoção do amianto e outras que tenham como objectivo a melhoria da operacionalidade do «monstro» como também é designado.

Um porta-voz da Comissão declarou que o executivo encara a hipótese de, no fim do contrato, abandonar o edifício se, entretanto, não forem efectuadas as obras, extremamente vultosas. O significado que se lhe atribui, segundo algumas opiniões, seria rapidamente dissipado com a implantação da Comissão noutro edifício. A Comissão está disposta a remeter o imbróglio para o Conselho de Ministros, que ficaria com um complicado problema político nas mãos. Neste momento a localização das instituições comunitárias é fonte de divergências no seio dos Doze. Essas querelas seriam extremamente ampliadas se o Berlaymont transmitisse para o Conselho dos Doze. O Estado belga ainda não viu de todo resolvida a medição de forças com Estrasburgo em que se meteu por causa da localização da sede do Parlamento Europeu. A Comissão encarregou uma empresa especializada dinamarquesa de efectuar um estudo aprofundado sobre as condições de salubridade do Berlaymont, tendo em vista o bem-estar de milhares de funcionários.

As análises, de grande envergadura, têm fornecido resultados que desaconselham a realização de qualquer obra no edifício. Assim aconteceu até há pouco tempo quando surpreendentemente se iniciaram as obras para a construção do bar destinado aos jornalistas. Segundo a Comissão, estas obras estavam previstas no contrato. «Por nós não se fariam» - disse um informador.

José Rui Cunha

BREVES

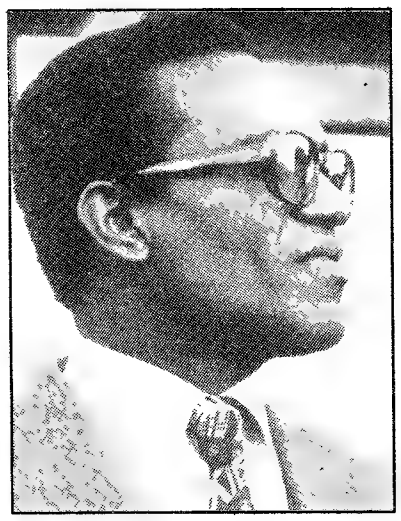
EUA mantêm as sanções contra a África do Sul

O Presidente norte-americano George Bush congratulou-se com as reformas do regime sul-africano mas considerou que ainda não tinha chegado a altura de Washington levantar as sanções económicas contra Pretória. «Existem ainda algumas coisas a fazer, segundo os termos da nossa lei, para que as sanções possam ser levantadas», afirmou, ontem, Bush durante uma conferência de Imprensa. Estas palavras foram sem dúvida o melhor discurso de boas-vindas que Nelson Mandela poderia ouvir. O vice-presidente do ANC, que hoje será recebido por George Bush, conseguiu já à partida um dos principais objectivos da sua visita aos EUA. A posição norte-americana poderá sobretudo ter um efeito sobre a decisão dos chefes de Estado e de Governo da CEE, em Dublin, que tem já agendada a discussão sobre o levantamento ou não das sanções contra a África do Sul.

Cristãos-democratas checos discutem coligação

O Movimento Democrata-Cristão (MDC) da Eslováquia aceitou participar nas conversações para a formação de um Governo de coligação com o Forum Cívico, o vencedor das eleições que decorreram nos dias 8 e 9 de Junho. O MDC é o mais forte das três formações da coligação democrata-cristã que obteve 40 lugares no Parlamento. Até agora recusaram-se a participar no Governo alegando, segundo o seu líder Jan Carnogurski, que não queria ser o «quinto violino» do Gabinete. Em aberto está a distribuição das pastas ministeriais. Segundo garantiu Petr Kucera, porta-voz do Forum Cívico, até ao fim desta semana estará já constituída a equipa governativa não só do Governo federal, mas também dos governos regionais das repúblicas Checa e Eslovaca.

Trovoada candidata-se à presidência de São Tomé



O antigo primeiro-ministro são-tomense, Miguel Trovoada, tornou pública, em conferência de Imprensa, ontem na capital de são-tomense, a sua decisão de se candidatar às eleições presidencias. Miguel Trovoada, que chega esta tarde a Lisboa, afirmou que decidiu candidatar-se para «não decepcionar a expectativa da grande maioria» da população.

Redacção «DL»
AFP/Lusa

Suspensão do diálogo EUA-OLP

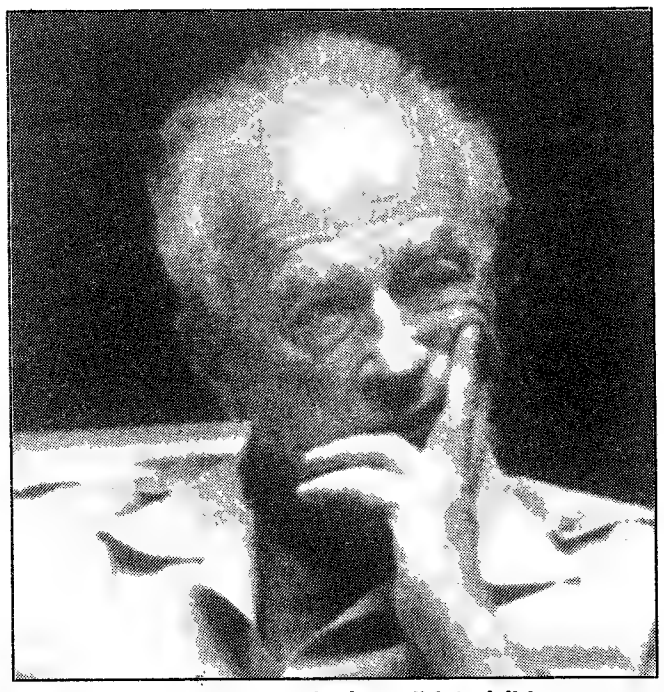
Likud e trabalhistas satisfeitos com Bush

Do nosso enviado especial

«Então os EUA sempre deram uma ajuda ao Likud». Foi com estas paralvras que o ex-primeiro-ministro trabalhista e ministro da Defesa do último Governo israelita, Ytzhak Rabin, recebeu ontem em Telavive a delegação do Partido Socialista Português que está de visita a Israel. Pouco antes do encontro, Rabin acabara de saber que os norte-americanos tinham decidido suspender todos os contactos com a OLP. Com excepção das forças à esquerda dos trabalhistas, esta notícia foi bem recebida por todos os partidos e pela opinião pública do país, que continua a desconfiar do tom moderado adoptado por Yasser Arafat nas suas recentes declarações.

Mais tarde confirmada por George Bush, a suspensão dos contactos entre os EUA e a OLP teve como causa próxima a não condenação por Arafat de uma operação de um comando da Frente de Libertação da Palestina, uma das facções da OLP, liderada por Abbu Abban, que desembarcou numa praia de Israel a 30 de Maio. O comando foi interceptado pelo exército e pela marinha israelita antes de desembarcarem.

No entanto, o motivo principal da decisão norte-americana parece ser a demonstração de que Arafat não controla a organização que lidera e, como tal, não é um interlocutor válido no processo de negociações. George Bush continua a insistir no diálogo israelo-pelestiniano que se realizará, possivelmente, dentro de duas ou três semanas, no Cairo.



Yitzhak Rabin, o principal candidato à liderança dos trabalhistas

Compreende-se que Rabin (que é dado como certo na liderança dos trabalhistas, depois do fracasso de Shimon Peres na tentativa de formar uma maioria) esteja algo desapontado pelo facto de ser precisamente o Likud a colher os louros desta «vitória», num momento em que os EUA dão sinais claros que estão a perder a paciência com a falta de flexibilidade dos sectores mais duros de Israel, agora maioritários no Governo. Porém, quer conservadores quer trabalhistas, são unânimes na exclusão da OLP da mesa de negociações. Os traumas causados pelas acções dos palestinianos contra civis continuam presentes na grande maioria da população israelita que os considera pura e simplesmente como terroristas que querem destruir o Estado de Israel.

Mas, segundo Rabin, uma das grandes diferenças entre o seu partido e o Likud reside no facto de acahar que os territórios ocupados poderão ter autonomia, até porque qualquer anexação implicaria a absorção de mais de um milhão e meio de árabes que desfiguraria por completo o Estado sionista.

Rabin aposta no ressurgimento de lideranças palestinianas moderadas nos territórios ocupados em quem possa confiar para o estabelecimento de um diálogo. No entanto, admite que nas eleições nos territórios possam concorrer listas de todas as tendências, incluindo as pró-OLP e os fundamentalistas islâmicos, representados pelo movimento Hamas, cada vez mais forte entre os palestinianos, sobretudo os da Faixa de Gaza.

Hipótese de confederação

Se numa eventual autonomia os palestinianos derem provas que podem conviver pacificamente com os israelitas, torna-se possível pensar, ainda que a longo prazo, em diversas hipóteses, uma das quais seria uma confederação com a capital em Jerusalém, que incluisse israelitas, palestinianos e jordanos.

É claro que todas estas hipóteses estarão a ser examinadas nas conversações do Cairo, mas não há ninguém que aposte no seu desenvolvimento. Primeiro porque o actual Governo israelita vai a contragosto, apenas para salvar a face perante americanos e europeus. Segundo porque a OLP jamais aceitará não ser considerada a legítima representante do povo palestiniano. Em terceiro e último, a Jordânia do rei Hussein não está nada interessada na criação de um Estado palestiniano, já que mais de metade da sua população é constituída justamente por palestinianos, o que poria em causa a sua própria razão de existir. Nem Yitzhak Rabin, nem ninguém em Israel, põe em dúvida as enormes dificuldades de se iniciarem negociações, quando não há sequer interlocutores definidos por cada uma das partes. Mas apesar do radicalismos das forças em confronto, qualquer passo no sentido de um entendimento israelo-árabe poderá ser suficiente para fazer renascer as esperanças paz na região.

Duarte Calvão,
em Telavive

No Irão

Violento sismo causa mais de mil mortos

Mais de mil pessoas morreram e duas mil e 700 ficaram feridas num violento sismo que abalou ontem à noite o norte e oeste do Irão. Segundo a rádio de Teerão, captada pela BBC, este tremor de terra, de uma magnitude de 7,3 pontos na escala de Ritcher, causou um número de vítimas ainda não completamente detectado nas cidades e vilas da província de Gilan, 200 quilómetros a Noroeste de Teerão, onde se situou o epicentro do sismo, bem como na província de Zanjan, 300 quilómetros a noroeste de Teerão.

No entanto, o porta-voz do Instituto norte-americano de Pesquisa Sismológica, Russ Needham, anunciou que o abalo atingiu 7,7 pontos na escala de Ritcher (mais 0,4 pontos do que a estimativa feita por Teerão) e que o epicentro do sismo se localizou a 250 quilómetros a sul de Baku, capital do Azerbeijão soviético. A agência oficial islâmica, que divulgou a magnitude do sismo citando o Centro de Geofísica da Universidade de Teerão, afirmou que um número ainda não especificado de mortes ocorreram ainda na cidade portuária de Rasht, junto ao Mar Cáspio, 280 quilómetros a noroeste da capital do país, na cidade de Zanjan e na localidade vizinha de Hir, igualmente a noroeste de Teerão. «O número exacto de baixas e a extensão dos prejuízos são ainda desconhecidos», referiu a agência Irna, acrescentando que o sismo foi sentido às 0 e 30 horas locais (22 horas de quarta-feira em Lisboa).

Por seu lado o porta-voz do grupo da oposição Mujahedin, Ali Safavi, afirmou em Bagdad que o Governo iraniano subestimara o número de baixas e os prejuízos.

A estrada Teerão-Racht encontra-se fechada em numerosos pontos, a electricidade foi cortada em Gilan, e os habitantes da região estão igualmente privados de água. As antigas instalações da Câmara Municipal de Racht, um edifício histórico construído por russos no centro da cidade, encontram-se inteiramente destruídas.

O sismo foi igualmente sentido na capital, onde estilhaçou vidros de janelas, mas não provocou vítimas, acrescentou a agência Irna. «Algumas pessoas que estavam em edifícios altos a assistir a jogos do campeonato do mundo de futebol correram para as ruas», afirmou, pelo telefone, um residente de Teerão que insistiu em não ser identificado.

Neste momento a Cruz Vermelha iraniana assistida pelas populações, continua a descobrir cadáveres entre os escombros. As últimas informações sobre o abalo referem que as cidades mais afectadas foram Lahijan, Langround e Astaneh, todas na província de Gilan, assim como outras localidades na província de Zanjan.

O sismo mais violento registado no Irão ocorreu em 16 de Setembro de 1978, em Tabas, leste do país, e teve uma magnitude de 7,7 pontos na escala de Ritcher, tendo provocado a morte de mais de 25 mil pessoas.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Auxílio ocidental à Roménia em questão

A Roménia não será contemplada na reunião ministerial de 24 países sobre o alargamento da ajuda ocidental à Europa de Leste, que vai decorrer no próximo dia 4 de Julho em Bruxelas, se a situação não mudar rapidamente no país, revelou ontem o vice-presidente da Comissão Europeia, Frans Andriessen.

A Comissão Europeia, encarregada de preparar esta reunião, vai propor aos outros países ocidentais - entre os quais, além dos Doze, se incluem os EUA, o Japão e o Canadá -a exclusão do auxílio a Bucareste, enquanto vigorarem as circunstâncias actuais. «Não podemos aceitar as medidas tomadas a semana passada pelas autoridades romenas para restabelecer a ordem», explicou o comissário europeu numa conferência de Imprensa em Bruxelas.

Este anúncio da Comisão Europeia foi divulgado no mesmo dia em que Ion Iliescu, no discurso da sua investidura como presidente da Roménia, criticava veementemente as reacções internacionais aos incidentes dos passados dias 14 e 15 em Bucareste.

Hoje, o ministro romeno do Interior, Doru Ursu, tentará reatar o diálogo com os estudantes.

Redacção «DL»/AFP

QUOTIDIANO

O presidente norte-americano trocou a cerimónia inaugural pela presença na campanha de um ultraconservador considerado pelos homossexuais como o seu principal inimigo

Manifestações pressionam conferência sobre sida

Os 12 mil investigadores, médicos e assistentes sociais que assistiram ontem à noite, em São Francisco (Califórnia), à sessão oficial de abertura da Conferência Internacional sobre Sida vão trabalhar sobre a pressão dos acontecimentos da rua. Os manifestantes homossexuais já se manifestaram exingindo à aceleração das investigações para salvar o milhão de americanos infectados pelo vírus.

Para esta VI Conferência, que se prolonga por quatro dias, a maior reunião até hoje realizada sobre a sida, as organizações homossexuais anunciaram que se manifestarão todos os dias, conscientes que estão da presença de cerca de dois mil jornalistas.

«Não estamos aqui para agradar seja a quem for. Estamos para salvar a nossa vida», afirmou um militante da Act-up, a organização homossexual americana mais radical, que está na origem do movimento de protesto que envolve esta conferência já de si controversa.

Com efeito, pela primeira vez em seis anos, esta reunião foi alvo de um boicote da parte de uma centena de organizações não governamentais, como a Cruz Vermelha e de associações homossexuais e de governos, designadamente os da CEE.

Estas entidades pretendem protestar conta a política americana que proíbe a entrada nos Estados Unidos de estrangeiros seropositivos e de doentes com sida, classificada por elas como discriminatória. A criação de um visto especial de dez dias, em Abril passado, autorizando os doentes estrangeiros a assistir à conferência, não foi julgada suficiente por esses governos e asssociações.

Elizabeth Taylor presente

Entre os participantes na reunião de São Francisco encontra-se a actriz Elizabeth Taylor, que recentemente teve alta de um hospital de Los Angeles, onde foi tratada a uma pneumonia. Na sua qualidade de presidente da Fundação Norte-americana para Investigações sobre a Sida, Taylor anunciou a criação de um fundo internacional para lutar contra a doença nos países do Terceiro Mundo.

Os manifestantes fazem questão de criticar a investigação sobre a temível doença. «É o lucro que guia os laboratórios farmacêuticos», acusou Kevin Farell, militante da Act-up.

O presidente norte-americano, George Bush, convidado para estar presente no encontro, preferiu assistis à recolha de fundos para a campanha do senador Jesse Helms, ultraconservador de Carolina do Norte, que os homossexuais consideram o seu inimigo público número um.

Do ponto de vista científico, parece pouco provável que as duas mil exposições que serão feitas durante a conferência tragam grandes revelações a esta reunião que é, antes de mais, uma troca de experiências e de pesquisas.

Tribunal do Trabalho condena CP

O Tribunal do Trabalho declarou nulos os serviços mínimos decretados pela CP durante a greve dos maquinistas dando, assim, razão à queixa apresentada pelo Sindicato Nacional dos Maquinistas dos Caminhos de Ferro Portugueses. O mesmo tribunal anulou igualmente a escolha e nomeação de trabalhadores para cumprirem esses serviços, bem como os descontos efectuados nos salários dos trabalhadores que se recusaram a acatar a ordem.

A decisão, tomada no passado dia 6, mas só ontem conhecida publicamente, obriga a CP a repôr os descontos previamente efectuados. Esta sentença torna-se particularmente importante devido ao facto de, em muitas empresas de transportes, as administrações tomarem, habitualmente, atitudes deste género quando os seus trabalhadores entram em greve.

Entretanto, os maquinistas da CP continuam hoje em greve, cumprindo assim a decisão de paralizar nas últimas quatro horas de cada turno dos dias ímpares, até 25 de Junho. Os comboios regionais e inter-regionais são os mais afectados, embora a empresa esteja a garantir algumas composições especiais.

Morte de manifestante em Barqueiros

Nove meses de prisão para ex-soldado da GNR

O colectivo do Tribunal Militar do Porto condenou ontem o ex-soldado da GNR, António Fernandes, a nove meses de prisão por homicidio culposo durante os incidentes em Barqueiros, Barcelos, registados há cerca de um ano.

O ex-soldado da GNR da Companhia Territorial de Braga, do batalhão número 4, foi julgado e condenado por ter assassinado o jovem Carlos Simões.

Populares e forças da GNR envolveram-se em confrontos, na altura, devido à exploração de caulinos na freguesia de Barqueiros. A população local revoltou-se contra os efeitos que aquela exploração causava no meio ambiente.

Na sequência dos protestos e da morte do jovem o Governo determinou a suspensão da actividade considerada prejudicial.

Fernando Lemos, advogado de defesa de António Fernandes, vai apresentar um recurso ao Supremo Tribunal, o que leva o ex-soldado a aguardar a aplicação da pena em liberdade.

O juiz do Tribunal Militar do Porto referiu que «a condenação de António Fernandes, de 39 anos, é censurável a título de negligência» e salientou que as forças da GNR destacadas para o local dispararam um total de 30 tiros para o ar e um para o pavimento que, na sequência de ricochete, viria a matar Carlos Simões.

O ex-soldado da GNR António Fernandes sai cabisbaixo do tribunal, depois da condenação

«Quando ele usou a arma, não teve em conta as ordens dadas pelo comandante da força local. O capitão Dornelas havia determinado que os tiros fossem disparados para o ar, para dispersar a população que se encontrava concentrada junto ao entrocamento que liga Barqueiros à Apúlia, e não para o pavimento», disse o juiz auditor. Nos termos do acórdão, o réu, que não tem antecedentes criminais, «não prefigurou a possibilidade de vir a ferir a vítima ou qualquer outro cidadão».

O ex-soldado da GNR está «na primeira classe de comportamento militar desde 1976», tendo recebido duas medalhas de cobre, uma das quais por assiduidade e três louvores atribuídos em 1980, 82 e 85.

B R E V E S

Nova ponte sobre o Tejo liga Xabregas ao Montijo

Uma nova ponte sobre o Tejo vai ser construída entre Xabregas e o Montijo, estando posta de parte a hipótese de um túnel entre as duas margens. Segundo a agência Lusa, que cita fonte oficial, a ponte será construída e explorada por particulares, decorrendo o respectivo concurso ainda este ano.

Clube Português de Imprensa atribuiu prémios

Maria João Martins, nossa camarada de trabalho, foi distinguida com um dos quatro prémios de jornalismo/89, atribuído pelo Clube Português de Imprensa. «Com o teatro na bagagem» é o trabalho de Maria João Martins, distinguido na modalidade Revelação-Reportagem. «Em Tókio» foi a reportagem que valeu a Joaquim Furtado o prémio na modalidadde de Televisão, enquanto que Adelino Gomes viu escolhido o seu trabalho «Israel/Palestina-peregrinação aos lugares da guerra» na modalidade Rádio.. Na Foto-reportagem foi premiado Fernando Farinha, com a imagem «Atropelamento durante a manifestação do 1º de Maio»

Câmara de Lisboa solicita repreciação de contratos

A Câmara Municipal de Lisboa deliberou ontem pedir ao Tribunal de Contas a reapreciação dos contratos com a empresa de publicidade J. P. Decaux, que haviam recebido um parecer desfavorável daquele tribunal. A edilidade aprovou, também, a realização de concursos para a construção de passagens desniveladas na Avenida da República e para a ligação da Avenida de Ceuta com a Segunda Circular. Algumas artérias da capital vão ser repavimentadas, por decisão tomada pela vereação.

Trabalhadores do « O Diário» contestam administração

A comissão negociadora, eleita pelos trabalhadores do extinto jornal «O Diário» reune-se, amanhã, com a administração da Editorial Caminho, para iniciarem as negociações decorrentes do processo de despedimento. Segundo Clara Vieira, da comissão inter-sindical negociadora, os trabalhadores de «O Diário» vão contestar os fundamentos da administração e tentar apresentar, até meados do próximo mês, propostas de viabilização do jornal.

Corpo de mulher serrado ao meio

O corpo de uma mulher foi encontrado, ontem, em Coimbra, serrado ao meio, presumivelmente poucas horas depois de assassinada. A metade constituída pela cabeça e tronco encontrava-se dentro de uma mala de viagem e os membros inferiores apareceram ao princípio da tarde dentro de um saco, que continha também um serrote. A mala foi localizada, cerca das oito horas, na margem esquerda do Rio Mondego e o saco, pelas 15 horas, a boiar no rio.

Juiz do caso Dopa nega ter recebido dinheiro

O juiz Verdasca Garcia, ex-instruror do processo Dopa, ouvido ontem em tribunal como declarante, negou ter recebido dinheiro para soltar o arguido Queiroz de Andrada. Perante a declaração da funcionária judicial Lúcia Moreira, de que lhe teria mandado bilhetes, admitiu ter enviado um, que acreditava haver desaparecido, em que aconselhava Lúcia a dizer a verdade. No entanto, Lúcia Moreira disse possuir dois desse papelinhos que prometeu ir entregar ao tribunal. O colectivo, entretanto, decidiu confrontar nas próximas audiências Verdasca Garcia, com Lúcia Moreira, Manuel e Teresa Queiroz de Andrada.

Mea culpa

O «DL» penitencia-se. Na nossa edição de ontem antecipamos de um dia a chegada do Verão. O certo é que o Estio começa, de facto, apenas hoje lá pelas 16H33, para acabar ao fim de 94 dias com a chegada do Equinócio do Outono, a 23 de Setembro.

Do equívoco pedimos desculpa aos leitores e ao Astro Rei, especialmente nesta altura em que atinge o seu auge no nosso hemisfério.

Mostra internacional de artesanato

Passado e futuro em diálogo na FIL

O tempo é de excepção, de 6 a 15 do próximo mês, nas instalações da FIL. Aí terá lugar a terceira Feira Internacional de Artesanato (FIA), uma das mais ricas e variadas manifestações da cultura popular que reúne, este ano, cerca de 400 a 500 expositores nacionais e estrangeiros. Para já, estão inscritos 18 países e a organização, da responsabilidade da própria feira e da Associação Industrial Portuguesa (AIP) de parceria com o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) garante que a prova de fogo está ultrapassada.

Um mapa de Portugal, desenhado no chão desde a entrada até ao pavilhão 3, está reservado para as 17 autarquias e casas regionais representadas e um Pavilhão das Nações trará a esta mostra a variedade dos 18 países já inscritos.

A par desta exposição-venda, em que os produtos podem ser adquiridos a preços especiais, decorre um conjunto de iniciativas paralelas. Três seminários subordinados aos temas «Qualidade no artesanato», «Formação permanente dos artesãos» e, por último, «Análise dos resultados e perspectivas de actuação futura» farão o balanço da actividade, enquanto o segundo Festival do Traje e o Arraial Regionalista prometem rivalizar com os *stands* de cerâmica de José Franco e de brinquedos de Carlos Barroco, confeccionados em materiais do tempo dos avós.

André Neves evita detenção

Advogados preparam recurso para o Supremo

O «caso Taveira» não deverá estar concluído antes das próximas férias judiciais, que começam a 15 de Julho, afirmou ao «DL» Sanches Osório, um dos advogados de André Neves. O director da revista «Semana Ilustrada» recorreu da sentença para o Supremo Tribunal de Justiça evitando, deste modo, ter sido imediatamente detido. Os advogados têm apenas um prazo de 5 dias para apresentar a motivação do recurso, visto estar em causa um crime de abuso de liberdade de imprensa. Com a interposição do recurso, de acordo com o novo Código de Processo Penal, ficaram suspensos os 15 meses de prisão efectiva a que André Neves foi condenado, na terça-feira, no Tribunal da Boa Hora, bem como os 300 dias de multa remíveis ao pagamento de 900 contos ou em alternativa mais 200 dias de prisão e os 20 mil contos de indemnização por danos não patrimoniais.

Sanches Osório, um dos advogados de André Neves, prevê que o caso não esteja concluído antes das férias

Segundo Sanches Osório, devido ao elevado número de recursos pendentes no Supremo Tribunal de Justiça (STJ), alguns deles urgentes, o «caso Taveira» só deverá voltar a ser apreciado por aquele órgão no princípio do próximo ano judicial. Quanto à possiblidade do director da revista «Semana Ilustrada» recorrer ao Tribunal Europeu, como foi noticiado pela agência Lusa, Sanches Osório considerou que essa hipótese só será colocada se se esgotarem todas as diligências judiciais a nível interno.

Além de André Neves, foi também ré a sua mulher, Dulce Neves. Como proprietária da editora, Dulce Neves é solidária no cumprimento da indemnização por danos patrimoniais, caso esta seja confirmada pelo STJ. Os 20 mil contos de indemnização são acrescidos do montante que resultar da aplicação do índice ponderado de preços do consumidor, relativo ao período compreendido entre o dia da publicação do número dois da «Semana Ilustrada» e a data do presente acórdão, com juros de mora, além de um quinto das custas do tribunal. Os advogados de Tomás Taveira, por seu turno, congratularam-se com a decisão do tribunal, considerando-a «exemplar» e afirmaram, após a sentença, que «agora vai ser tudo pior. Vamos ser cada vez mais rigorosos e as indemnizações vão ser ainda mais pesadas do que as inicialmente pedidas».

Desde 1974, apenas um jornalista, Manuel Maria Múrias, foi efectivamente detido por crime de abuso de liberdade de imprensa.

P.S.

ESPECIAL FÉRIAS/90

no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

S. R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-D Processo 109

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Op. Distribuição Tejo, a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 30 kV, com origem no apoio n.º 7 da linha para o PT n.º 350, Samora Correia e término no PT 588 Arneiro das Pedras, com 1876 metros, na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente.

Linha área, a 30 kV, com origem no apoio n.º 8 da linha para o PT n.º 588 Arneiro das Pedras e término no PT n.º 589 Arneiro dos Corvos, com 204 metros, na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente.

Linha aérea, a 30 kV, com origem no apoio n.º 5 da linha para o PT n.º 588 Arneiro das Pedras e término no PT 590 Arneiro dos Corvos, com 29 metros, na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente.

Na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL de Benavente durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL dentro do citado prazo.

Lisboa, 7 de Junho de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 21/6/90

Município de Lisboa

EDITAL N.º 47/90

VENDA DE LOTES PARA CONSTRUÇÃO
(Hasta Pública)

Faz-se saber público que em reunião de 1990/05/17, a Assembleia Municipal deliberou alienar, sob a forma de hasta pública, três lotes municipais sitos à Av. José Malhoa.

A referida praça terá lugar no dia 26 de Junho de 1990, às 10 horas na sala da mesma Assembleia Municipal sita na Rua Teixeira de Pascoais, n.º 10.

Os lotes a alienar, destinados à construção de edifícios de escritórios e comércio, têm as seguintes características:

Lotes	Área de Implantação	Área de Construção	
		Comércio	Escritórios
1790	774,90 m²	279,20 m²	4172,00 m²
1791	1312,50 m²	933,00 m²	8912,50 m²
1792	1225,00 m²	498,00 m²	6145,00 m²

A alienação obedecerá às condições gerais previstas no Regulamento de Património e às demais condições especiais publicadas no «Diário Municipal».

As licitações terão como base um preço de 80 000$00/m²-p. estando fixados lanços para licitação de 1600$00/m²-p.

As demais condições jurídicas, arquitectónicas e técnicas, encontram-se patentes no Departamento de Património, sito à Rua Alxandre Herculano, 46-5.º andar, onde poderão ser adquiridas e também no edifício do mesmo Departamento, sito à Rua Saraiva de Carvalho, n.º 8.

Paços do Concelho em Lisboa, 30 de Maio de 1990

O PRESIDENTE
Por delegação
O VEREADOR
Luís Simões

Novo jornal agita Nazaré

«Notícias da Nazaré» é o título de um novo jornal que acaba de ser publicado naquela vila. Dirigido por José Maria Trindade, licenciado em Antropologia, este mensário surge numa altura em que a Nazaré tem sido eco na imprensa nacional de várias notícias relacionadas com as acusações de irregularidades à gestão da respectiva Câmara Municipal e ao seu presidente, Luís Monterroso, sem que a imprensa local se manifeste.

Jornal que se afirma independente do poder político e empresarial, «Notícias da Nazaré» é pertença da ADN., Associação de Defesa da Nazaré, com mais de 300 associados, constituída em 14 de Março de 1988. Tem como presidente da assembleia eral Augusto Vítor Coelho, presidente do Supremo Tribunal de Justiça e como vice-presidente Álvaro Laborinho Lúcio, ministro da Justiça, ambos naturais da Nazaré.

O editorial assinado por José Maria Trindade refere que Luís Monterroso se recusou a dar uma entrevista que lhe foi solicitada para publicação no primeiro número, alegando «não reconhecer a ADN». A diferença, em relação aos outros órgãos de comunicação social existentes naquela vila, vai ser, pelos vistos, a tónica deste jornal que teve boa aceitação na população nazarena.

R.F.S.

QUOTIDIANO

O acordo para um aumento salarial de 17 por cento foi alcançado na união de esforços de dois sindicatos da Inter com um da UGT. Mas ficou uma terceira estrutura de fora

Negociação contratual na cortiça divide sindicatos da CGTP

A negociação da revisão do Contrato Colectivo de Trabalho da indústria corticeira provocou a ruptura no seio dos sindicatos da CGTP no sector. Subscrito por duas estruturas da Inter e pelo sindicato da UGT, o acordo, que estabelece um aumento na massa salarial de 17 por cento, não contou com a assinatura da estrutura representativa dos trabalhadores unitários do Norte.

O processo negocial ficou concluído terça-feira com a assinatura de um acordo entre a comissão negociadora patronal e a maioria das estruturas sindicais: Sindicato Democrático da Indústria Corticeira (Sindecor-UGT), Sindicato dos Operários Corticeiros do Distrito de Portalegre e Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Corticeira do Sul, ambos da CGTP. O Sindicato dos Operários Corticeiros do Norte, também da Inter, não assinou, por considerar, segundo afirmou ao DL o seu dirigente Paulo Renato, que «podemos ir mais além».

A revisão do contrato, tida pelos subsritores como muito satisfatória, uniu à mesa de negociações organizações das duas centrais e provocou a divisão entre os sindicatos da CGTP (o que já não acontecia há 10 anos). Inédito foi ainda o facto de o porta-voz da comissão negociadora, José Dinis, dirigente da Federação da Construção, Madeiras e Mármores, ter sido desautorizado pelo sindicato do Norte.

«Os representantes do Sindicato dos Operários Corticeiros do Norte declaram que não reconhecem em qualquer dos porta-vozes sindicais presentes o direito de nos representar, uma vez que não tiveram em conta a defesa das justas reivindicações dos nossos associados, maioritários em todo este processo, e tendo em conta a autonomia sindical», lê-se na acta número 4 da negociação de revisão do CCT.

No entanto, José Dinis, em declarações ao DL, desmentiu as afirmações dos dirigentes sindicais, afirmando: «Não me foi retirado qualquer poder».

CGTP deve intervir

João Baptista, vice-presidente do sindicato de Portalegre, afirmou ao DL que o desentendimento verificado «é muito mau», pelo que se «terá que fazer alguma coisa, como convocar todos os sindicatos. A própria CGTP deveria tomar conhecimento do que se passou e actuar de forma a que tal não volte a acontecer».

As duas estruturas sindicais da Inter subscritoras do contrato consideram, segundo João Baptista, que os entraves que o sindicato do Norte apresentou como justificativo para a recusa da sua assinatura são irrelevantes: «O Sindicato do Norte levantou problemas por causa de uma cláusula que não levava a nada», disse João Baptista.

«Temos estado sempre os três unidos nas negociações e agora, nós e os do Sul, somos surpreendidos com a posição do sindicato do Norte, que faz retornar a situação ao que se passou há 10 anos atrás, quando também se negociou individualmente. E nessa altura fez-se uma reunião por esse motivo», acrescentou o dirgente de Portalegre.

Para este responsável, «dividirmo-nos só serve de arma ao patronato e os trabalhadores é que são prejudicados».

Bastaram quatro reuniões para os operários corticeiros conseguirem, este ano, através dos seus sindicatos, a assinatura de um contrato considerado vantajoso

«Não vamos a reboque»

Opinião substancialmente diferente tem o Sindicato dos Corticeiros do Norte. Em declarações ao DL, Paulo Renato afirmou que a estrutura que representa concorda com os aumentos salariais alcançados - como declarou para a acta -, mas considera que «podemos ir mais além noutras matérias», razão que o levou a não subscrever o acordo.

«Não assinámos o acordo porque não foram atingidos os nossos objectivos. Reivindicamos uma alteração à cláusula referente ao subsídio de refeição, no sentido de que o trabalhador, mesmo que se atrase e não cumpra o período integral diário, tenha direito a essa regalia. Por outro lado, exigimos também que seja acrescentada ao contrato uma alínea dando aos pais o direito a dois dias por nascimento de um filho. Estas duas questões para nós são fundamentais, porque grande parte das empresas já as pratica, principalmente as do Grupo Amorim», explicou o dirigente nortenho. As entidades patronais não aceitaram aquelas reivindicações.

Relativamente à divergência de posições entre as três organizações da CGTP, Paulo Renato confirma que «não é habitual, mas consideramos que não temos que ir a reboque dos outros, até porque somos o sindicato maioritário». Em sua opinião, «a divisão até é salutar, pois não temos que prejudicar os nossos associados por meras questões formais de unidade».

O Sindicato dos Operários Corticeiros do Norte pretende agora prosseguir as negociações com a Comissão Negociadora Patronal «de forma directa», embora para a acta da reunião final tenha declarado: «Propomos que as negociações continuem em sede de concertação, do Ministério do Trabalho».

UGT canta vitória

Por sua vez, o Sindecor, formado em 1987, afirma: «A nossa actuação à mesa de negociações tem sido no sentido de moralizar o diálogo», considerando que o resultado dessa postura é «o aumento conseguido de ano para ano».

João Videira Santos, dirigente do Sindecor, afirmou ao DL que este ano foi obtido «o melhor contrato da indústria corticeira dos últimos anos. Mesmo que a inflação chegue aos 13 por cento, os trabalhadores ganharam 3 pontos». Segundo o dirigente ugtista, «houve uma conjugação de esforços entre os dois sindicatos da CGTP e o nosso, o que tornou possível os resultados obtidos», posição também confirmada pelo dirigente de Portalegre.

A negociação deste ano foi «extremamente rápida (quatro reuniões), contrariando o que é habitual no sector. Ainda o ano passado tivemos que ir para a greve e só em Julho o acordo foi assinado», disse João Videira Santos. Aumentos nas tabelas salariais de 16 por cento para os homens e 16,48 por cento para as mulheres (que mantêm vencimentos inferiores) e 30 por cento no subsídio de refeição (de 100 para 130$00), o que significa um aumento na massa salarial de 17 por cento, foram os resultados das negociações.

Elsa Andrade

Administração central pode parar amanhã

Reunião derradeira antecede greve anunciada

«Se o Governo não alterar a sua posição na reunião de hoje estou confiante que muito em breve poderemos ter uma convergência de lutas de todos os sindicatos do sector», afirmou ao DL Felipe Ferreira, dirigente da Federação dos Sindicatos da Função Pública (CGTP), que decretou já greve na administração central, para amanhã e na local, para a próxima segunda-feira.

Segundo aquele dirigente sindical, «face à situação e às propostas que as outras organizações apresentaram, o futuro provável é a luta convergente de todos». Além disso, a Federação «tem mantido contactos com os sindicatos da UGT e dos Técnicos do Estado e tudo aponta nesse sentido», acrescentou.

Em comunicado, também a estrutura da UGT no sector (Fesap) considera «inaceitável» a proposta do Executivo, afirmando que caso não se chegue a uma plataforma de entendimento, «ver-nos-emos obrigados a avançar pelas formas de luta na defesa dos nossos interesses».

As reivindicações que estão na base da greve de 24 horas decretada para amanhã na administração central e para dia 25 nas autarquias são as mesmas: compensação salarial de 12 por cento em 1990; verdadeiro descongelamento de escalões; revalorização das carreiras; uniformização dos horários nas 35 horas e a revisão do estatuto de aposentação.

Perante a proposta do Governo de descongelamento dos dois escalões do novo sistema retributivo, a Federação considera que foram «iludidas as expectativas», e apelida-a de «fraude» e «farsa».

O Governo «recusou negociar uma compensação salarial nos vencimentos de 1990, tendo imposto em Outubro de 89 um aumento de 12 por cento para 15 meses, que já está ultrapassado pela inflação», acusa a federação.

Segundo a estrutura, o Executivo congelou, o ano passado, a progressão dos escalões das tabelas salariais alegando razões financeiras, mas «garantindo que o descongelamento seria feito em Junho de 90, tendo em conta a antiguidade na carreira e na categoria, bem como as expectativas de diuturnidades, entretanto extintas.

No entanto, apresentou agora uma proposta de descongelamento que só se aplicaria a uma ínfima parte dos trabalhadores».

Outra das razões para a greve é o facto de o Governo «recusar liminarmente negociar a revalorização das carreiras, estagnadas há dezenas de anos» e continuar «sem aplicar o novo sistema retributivo da Função Pública a diversas carreiras e categorias existentes».

Segundo Felipe Ferreira, a greve de amanhã afectará os serviços essenciais da administração pública central, como direcções-gerais e ministérios que, «apesar de abertos, funcionarão com dificuldades».

A Federação espera um «razoável nível de adesão» por parte dos trabalhadores, e conta mesmo que serviços como a portagem da ponte, os serviços informáticos e o de Meteorologia «não funcionem».

E.A.

ABC do Mundial de futebol

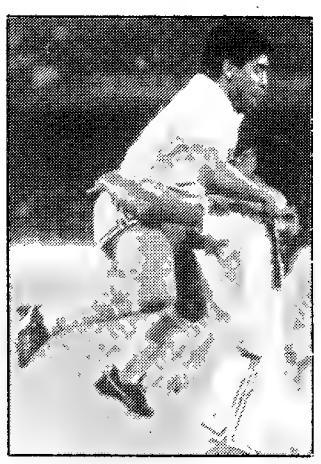
Valderrama: o maior fiteiro

ARBITRAGENS- Exceptuando o negativismo das actuações do espanhol Soriano Aladren, do soviético Spirin, do italiano Agnolin e do sueco Fredriksson, o nível das arbitragens protagonizadas na primeira fase deste Mundial poderá considerar-se satisfatório, sendo relevante verificar que Carlos Valente se situa entre os do topo da escala, mercê das suas actuações como fiscal de linha (duas vezes) e na coordenação do Argentina-Roménia. Refira-se que algumas insignificantes falhas cometidas pelos árbitros foram originadas pelo extremo rigor das instruções dadas pela FIFA, algumas delas a contrariar o que universalmente se dava como estabelecido.

BRASIL - A selecção brasileira, formada por artistas de raro engenho, inquestionável talento e singular tecnicismo, não tem proporcionado as exibições de regalo a que nos habituaram Pelé, Gerson, Carlos Alberto, Tostão, Jairzinho, Rivelino ou Clodoaldo. Foi com esse futebol que o Brasil logrou ser tricampeão...

CAMARÕES - A grande surpresa de Itália 90. Começaram com uma vitória diante de el rei Maradona e seus pares, confirmaram perante a Roménia e sucumbiram ante os soviéticos. Resta saber se foi colapso ou se os africanos, comandados por um veterano de 38 anos, Milla, imposto pelo chefe de Estado ao treinador, já deram o que tinham a dar.

DIEGO - Don Diego Maradona já não é o que era. Por ora limita-se a passear a sua classe e as uns passes de trinta metros que põem os colegas mais novos a correr e que criam, naturalmente, lances de perigo. Mas o Maradona goleador, com ou sem mão de Deus não apareceu ainda (a mão já, para travar golo soviético). Mas Diego é rei, até porque não se vislumbra quem o possa substituir no curto prazo.



EUA- Passaram por Itália sem se dar por eles e se referência especial merecem é porque serão os anfitriões do próximo Mundial.

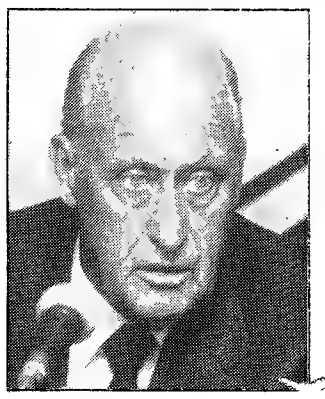
FIASCO - Querida televisão: não haverá por aí quem seja capaz de comentar os jogos sem o lugar comum frequente e ridículo e que seja conhecedor das regras de apuramento para a fase seguinte? Diz-se que a venda de parabólicas cresceu nestes últimos dias: haverá relação? Por favor, telefonem-lhes para o Alfa Romeo e recomendem-lhes juízo.

GOLOS - No decurso dos 32 encontros já efectuados foram marcados 75. Geniais alguns, espectaculares outros, decisivos uns tantos, úteis foram todos. Três remates certeiros foram rubricados pelos germânicos Matthaeus e Voeller e pelo espanhol Michel, mas o mais histórico coube ao sueco Ekstroem no encontro de ontem. Foi o n.º 1400 da história da Taça do Mundo.

HOOLIGANS - Estão a perder. Para bem do futebol. A polícia está a ganhar. A senhora Thatcher conclui que não é ainda altura de os ingleses voltarem às competições europeias de clubes. A declaração só tem a ver com disciplina e não está relacionada com qualquer reserva à unidade europeia.

ITÁLIA - Tudo pelo Mundial tem sido o lema italiano de há uns anos a esta parte. Estradas, estádios, hotéis, infra-estruturas variadas deveriam ter crescido a tempo dos jogos. Lá se remendou tudo como se pôde. Acabado o Mundial há que recolher o lixo e continuar as obras, então sem o olhar fiscalizador da FIFA e sem os operários a aproveitarem a mais pequena coisa para uma greve. Os italianos estarão satisfeitos?

JOÃO HAVELANGE - O senhor quero posso e mando do reino do futebol. Foi nele que alguns portugueses confiaram para se candidatarem a organizar uma empresa semelhante ao Itália 90. Mas Havelange anda nestas vidas há tempo suficiente para saber que quando diz sim quer dizer talvez. E, em Itália, já pôs reservas ao Portugal 98 tão querido a Roberto Carneiro e Cavaco Silva, dispostos a desembolsar cinco milhares de milhões de contos por amor...ao futebol. Há quem aposte que o Mundial 98 será no Brasil.



LOTHAR MATTHEUS - É alemão, vai na frente dos melhores marcadores e Beckenbauer tem -no talhado à sua imagem. Quando a Alemanha jogar, ponham os olhos nele.

MOZER - O ex-benfiquista, agora ao serviço do Marselha, tem-se evidenciado como principal candidato ao «prémio limão» mercê de incríveis manifestações de má educação no seu relacionamento com os jornalistas, utilizando gestos e palavras dignas do mais credenciado rufião. Igualzinho, dentro e fora do palco.

NEGÓCIOS - Pois claro: business time é o lema de Manuel Barbosa, Borge Lantz, Juan Figguer e outros modernos comerciantes do que melhor existe na montra mundialista. Pontas de lança? Milhões pela Lacatu: e é se o querem em Florença. Kief no Bordéus? Venha de lá um vagão com notas de 500 francos. Bobby Robson catapulta-se: da selecção inglesa para o PSV holandês, uma ninharia de dez mil contitos por mês, fora casa, popó, assistente para os meninos e uma dúzia de viagens até Londres, para ir tirando saudades do *smog*. E, se há artistas que iam a leilão e vão acabar por ser rifados em hora de levantar a feira, quando os últimos saldos tornarem possível a arrematação por pataco o quilo, outros estão subindo de cotação até nível jamais adivinhado. No topo mais baixo, Magnusson é um caso: ou o Benfica o trespassa baratinho ou sujeita-se a

A.M.A. ®
Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

não poder comprar as habilidades de Brolin, desejado como companheiro de Thern e Schwartz, agora já podendo fazer mesa para jogar à copa na quinta bonita que Jorge de Brito proporcionou e Eriksson na risonha e sedutora Malveira da Serra. Quanto ao cume do monte, lá mora já o tal de Schillaci, cá para nós feio como as cobras mas, para dilatado milhão de garotas o belo pagem com que sonham nas noites de romance. O que pode um par de pernas com jeito para dar uns chutos na «Etrusco»! Enfim: estamos na hora de puxar pelos livros de cheques. Tempo para bulharem os magnatas que pagam tudo com dinheiro plástico.

OSSOS - Entre os intérpretes da cena futebolística, é o guarda-redes aquele que corre mais riscos de ser remetido para a maca mais próxima. Pela especificidade da função, terá que meter o corpo onde os seus opositores metem a biqueira da bota. Em Itália, a grande vítima foi o «keeper» argentino Neri Pumpido que, após o encontro com a União Soviética, foi forçado a regressar ao seu país com dupla fractura da tíbia e do peróneo da perna esquerda, depois de ter sido operado num hospital napolitano.

PORTUGAL- Por... quem? Em Itália ninguém conhece. Resta-nos a esperança de Carlos Valente.

QUEM É QUEM? - Exacto: quem sabia que o Roger Milla ainda mexia e que também viviam Schillaci, Conejo, Cayasso, Dunga, Uwe Bein, Higuita ou Hossam Hassan? Agora, na boca do povoléu, circulam os nomes das estrelinhas que, neste mundial, estão enfiando para o cano vedetas que se esperavam como primeiras figuras no cartaz. O triunvirato diamantino do país das túlipas (Gullit, Van Basten, Reijkaard) anda com os costados muito tocados por assobiadelas. Polster nãomete medo nem aos catraios de bibe. Lineker tem o jogo escondido. Butragueño goza férias em Itália. Valdano está com a mala feita. Bessonov passou à história. Magnusson é uma desgraça. Mozer continua mal educado. Carlos Alberto Parreira vai enriquecendo a bolsa mas perdendo créditos. Lobanovsky só não tem guia de marcha para a Sibéria porque os brandos costumes tocaram Gorbachev. Recapitulando: no túnel sem luz mora um batalhão. Escoando-se para a claridade vai brilhando um punhado de novos meninos de ouro.

ROMÉNIA - Em campo têm estado bem. Na bancada brilharam. Não há como aproveitar a TV para exibir cartazes. E alguns despertam consciências. Como aquele que dizia: "Itália, não nos mandes para a morte. SOS".

SURPRESA - Costa Rica, Camarões e Colômbia já fizeram que chegasse para entrar no clube dos oitavos de final. Mais logo se saberá se o Egipto também os acompanhará. Com surpresas assim, habituados que estamos ao poderio europeu, ninguém contaria.

TOTO - Em Itália não se fala noutra coisa. É avançado, joga na Juventus, há dois anos andava esquecido pela II Divisão. Assim como o Vítor Paneira. Mas Toto Schillaci tem por si as liras. E as pernas. Boas de bola e já classificadas como as melhores pernas de Itália. Sem excepção e com todo o exagero dos tiffosi. Na casa onde nasceu, na Sicilia, há romaria diária. Duas sílabas no nome, como Pelé, a Itália fabrica o seu ídolo e quem o tem visto jogar acredita que Toto se não é o maior, para lá caminha.

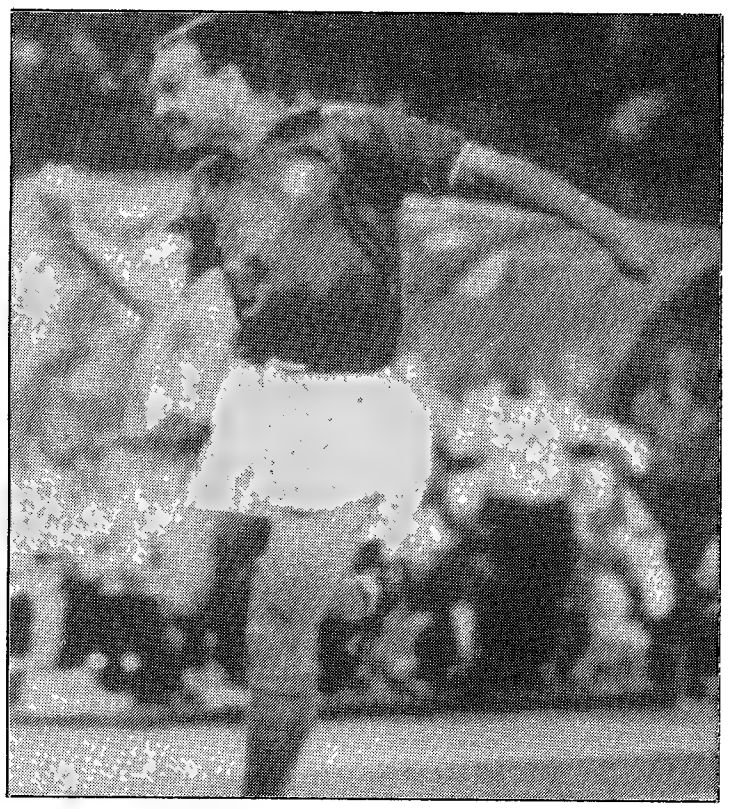
URSS - A grande decepção. Os soviéticos entraram como favoritos e a esta hora já estarão em casa tendo como única referência positiva a goleada imposta aos Camarões. Quanto ao resto, podem apenas queixar-se: da mão de Deus e das arbitragens. Sobretudo das arbitragens que, quer diante dos romenos quer com os argentinos, prejudicaram largamente os rapazes da URSS.

VALDERRAMA - Valderrama é aquele rapaz moreno de farta cabeleira loira que joga pela Colômbia. Artista do drible, sai deste Mundial, a não ser que alguém tenha outra na manga, com o título de rei da palhaçada. Foi ele que, frente à RFA, saiu em maca, gravemente lesionado, pensava-se. Transportado pelos maqueiros, ei-lo que salta e volta ao jogo. Prejudicados serão os jogadores que se lesionarem a sério. Nunca mais ninguém acredita.

XIS - Xis é a incógnita. Quem ganha este Mundial? RFA? Itália?Uma Argentina ou um Brasil renascidos? Uma surpreendente Bélgica? E a Holanda?

ZENGA - Num texto de A a Z dá sempre jeito ter alguém chamado Zenga. Mas o guarda redes de Itália merece distinção por outro motivo: ele é até agora o único que não sofreu qualquer golo. Nos oitavos de final, em Roma, dia 25, ele terá pela frente um dos repescados dos terceiros lugares, o que lhe dá, aparentemente, boas hipóteses de continuar "limpo".

Alves Henriques, José Leite Pereira e Neves de Sousa



Toto: as melhores pernas, segundo os italianos

Classificações

Grupo A

Itália - Áustria, 1-0; Estados Unidos - Checoslováquia, 1-5; Itália - Estados Unidos, 1-0; Áustria - Checoslováquia, 0-1; Itália - Checoslováquia, 2-0; e Áustria - Estados Unidos da América, 2-1.

	J	V	E	D	G	P
Itália	3	3	-	-	4-0	6
Checoslováquia	3	2	-	1	6-3	6
Áustria	3	1	-	2	2-3	2
EUA	3	-	-	3	2-8	0

Grupo B

Argentina - Camarões, 0-1; URSS - Roménia, 0-2; Argentina - URSS, 2-0; Camarões - Roménia, 2-1; Camarões - URSS, 0-4; e Roménia - Argentina, 1-1.

	J	V	E	D	G	P
Camarões	3	2	-	1	3-5	4
Roménia	3	1	1	1	4-3	3
Argentina	3	1	1	1	3-2	3
URSS	3	1	-	2	4-4	2

Grupo C

Brasil - Suécia, 2-1; Costa Rica - Escócia, 1-0; Brasil - Costa Rica, 1-0; Suécia - Escócia, 2-2; Brasil - Escócia, 1-0; e Suécia - Costa Rica, 1-2.

	J	V	E	D	G	P
Brasil	3	3	-	-	4-1	6
Costa Rica	3	2	-	1	3-2	4
Escócia	3	1	-	2	2-3	2
Suécia	3	-	-	3	3-6	0

Grupo D

Emirados Árabes Unidos - Colômbia, 0-2; Alemanha Federal - Jugoslávia, 4-1; Jugoslávia - Colômbia, 1-0; Alemanha Federal - Emirados, 5-1; Alemanha - Colômbia, 1-1; e Jugoslávia - Emirados, 4-1.

	J	V	E	D	G	P
RFA	3	2	1	-	10- 3	5
Jugoslávia	3	2	-	1	6- 5	4
Colômbia	3	1	1	1	3- 2	3
E. Árabes	3	-	-	3	2-11	0

Grupo E

Bélgica - Coreia do Sul, 2-0; Uruguai - Espanha, 0-0; Bélgica - Uruguai, 3-1; e Espanha - Coreia do Sul, 3-1.

	J	V	E	D	G	P
Bélgica	2	2	-	-	5-1	4
Espanha	2	1	1	-	3-1	3
Uruguai	2	-	1	1	1-3	1
C. Sul	2	-	-	2	1-5	0

Faltam disputar os jogos: hoje — Bélgica - Espanha; e Coreia do Sul - Uruguai.

Grupo F

Inglaterra - República da Irlanda, 1-1; Holanda - Egipto, 1-1; Inglaterra - Holanda, 0-0; e Irlanda - Egipto, 0-0.

	J	V	E	D	G	P
Inglaterra	2	-	2	-	1-1	2
Irlanda	2	-	2	-	1-1	2
Holanda	2	-	2	-	1-1	2
Egipto	2	-	2	-	1-1	2

Faltam disputar (horas de Lisboa): hoje — Inglaterra - Egipto (20h, em Cagliari); e Holanda - Irlanda (20h, em Palermo).

Equipas já apuradas para os oitavos de final: Itália, Roménia, Checoslováquia, Camarões, Brasil, RFA, Jugoslávia, Bélgica, Argentina, Colômbia e Costa Rica.

Equipas com probabilidades de obterem o apuramento: Áustria (Grupo A), Escócia (Grupo C), Espanha, Uruguai e Coreia do Sul (Grupo E), Inglaterra, Holanda, Irlanda e Egipto (Grupo F).

Equipas já afastadas: URSS, EUA, Emirados Árabes Unidos e Suécia.

COMPRIMIDOS
À BASE DE LIMÃO
ALGAS E ALOÉS
maxiliber®
EMAGRECA COM PRODUTOS NATURAIS
maxiliber®
CHÁ COM
NOVE PLANTAS
SELECCIONADAS
GOTAS COM
SEIS ESTRATOS
REPRESENTAÇÃO EXCLUSIVA: FEREL COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES, LDA. — Rua do Alecrim, 71-1.º Tel. 32 00 59/32 13 88 — 1200 LISBOA

MUNDIAL

Só uma certeza

Checoslováquia - C. Rica nos oitavos de final

São várias as hipóteses de acasalamento das selecções para os jogos dos oitavos de final. Até agora, só uma certeza: Checoslováquia e Costa Rica defrontar-se-ão sábado em Bari. De resto, só hipóteses, com a curiosidade de a Argentina poder vir a ser obrigada a jogar com a RFA ou o Brasil.

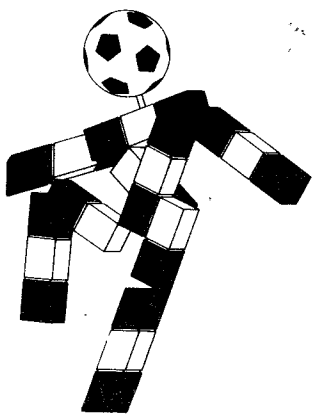
Vejamos as hipóteses:
Camarões - Áustria / Escócia / Colômbia.
Checoslováquia - Costa Rica.
Brasil - Áustria / Argentina / 3.º Grupo F.
RFA - Argentina / 3.º Grupo E / 3.º Grupo F.
Itália - Escócia / Colômbia / 3.º Grupo E.
Roménia - 2.º Grupo F.
1.º Grupo F - 2.º Grupo E.
Jugoslávia - 1.º Grupo E.

MARCADORES

Sueco marca golo histórico

Na lista dos melhores rematadores do Mundial (que registou até ontem, 75 golos) os germânicos Matthaeus e Voleller e o espanhol Michel continuam a liderar com três rematates certeiros, seguindo-se com dois tentos os seguintes elementos: Careca (Brasil), Marius Lacatus (Roménia), Thomas Skuhravy (Checoslováquia), Roger Milla (Camarões), Davor Jozic (Jugoslávia), Michal Bilek (Checoslováquia), Juergen Klinsmann (RFA), Gavril Balint (Roménia), Darko Pancev (Jugoslávia), Salvatore Schillaci (Itália), Muller (Brasil).

Depois segue-se uma lista de 44, com um golo.



Uma curiosidade: no minuto 32 do encontro Suécia-Costa Rica, o nórdico Johnny Ekstrom obteve um dos golos «centenários», o 1400 da história da Taça do Mundo.

O COMENTÁRIO DE NEVES DE SOUSA

Selecções de valores espremida até à última pinguinha

Estamos (mesmo) em época dos poderosos tombarem dos pedestais, quase sempre sem honra nem glória no rastilho da queda. No Mundial de futebol, o calendário está certo por esta mudança de valores: ao abrir do Verão, deixam a Itália suecos reduzidos à mais simples expressão, com Magnusson e alguns outros pares do reino que alinhavam muitos zeros nos sonhos de transferência a enfiarem a viola no saco e a ficarem agora sujeitos a leilão de bairro, assim a modos que ao som de pregoeiros de desperdícios. E, no entanto, havia no conjunto quem bem merecesse transitar para melhor montra de talentos: Stromberg foi sempre a unidade nórdica mais relutante a aceitar qualquer supremacia alheia e, tanto Ravelli como o próximo benfiquista Schwarz, Ekstroem ou o cobiçado Brolin, foram artistas que não desmereceram da antiga fama de antepassados que, como Nordhal ou Liedolm, desses velhos mas recuados tempos da década de 50, ganharam direito a internacional carta de alforria.

Todavia, o futebol tem destas coisas e, com inusitada frequência, acontece: o favorito para um duelo fica com a língua entaramelada. E, se é permitido ter lenitivo para a dor, aos suecos fica a compensação dos seus «vikings» terem regressado aos fiordes com partida simultânea de outros comparsas igualmente credenciados: caso mais flagrante sucedeu com soviéticos, que longamente prepararam a sua excursão a Itália e terminaram abruptamente o passeio, apesar do técnico dos Camarões (seu compatriota) não se ter esforçado muito por impedir o desfavorável 4-0 que podia ser tábua de salvação para cidadãos do seu país.

Em frente. Nesta altura, uma dúzia de países continuam na peneira, fazendo treinos e estudando todo o leque de eventuais próximos adversários: Itália, Checoslováquia, Camarões, Roménia, Argentina, Brasil, Costa Rica, RFA, Jugoslávia, Colômbia e Bélgica. Na balança flutuam outras candidaturas: ao mesmo tempo que Áustria e Escócia (ambos com dois pontinhos) ficam dependentes dos desfechos desta noite (nos Grupo E e F), enquanto essa esperança durar até tombar a noite em Udine, Cagliari e Palermo, também todas as hipóteses estão rasgadas no horizonte do quarteto do último bloco eliminatório e ainda para o Uruguai, caso esta tarde saltite sobre a barreira coreana. Quer dizer: a sorte (ou o acaso) fizeram com que o alongar de espectáculos no cartaz tivesse a virtude de prender o universo futebolístico até ao final do último acto da revista.

Recordando

Ontem, a turma brasileira, tentando correr ao de leve uma cortina sobre as tremendas divergências que conturbam o seio da equipa, esteve a um passo de permitir que a Escócia lograsse o empate que seria imediata salvação britânica no naufrágio. Simplesmente, o chuto de Johnston, a um minuto do exuberante juiz Helmut Kohl dar a função como concluída, saiu a um metro da trave superior da caixinha de Taffarel, provavelmente dando motivo para a bela Andreia melhor dançar na bancada o samba que vai endereçando ao namoradinho guardião de balizas.

No outro despique da rodada a Suécia teve o passarinho na gaiola, o peixinho na rede: voou o pardal, soltou-se das malhas a enguia costa-riquenha, escrevendo nova sensação neste torneio onde a ordem para derrube parece ter sido inoculada firmemente em quantos pobretanas ou pindéricos, menos ricos ou com menor recheio na bagagem, encaram os soberanos de ontem com o olhar firme e sem tremuras.

Adiantando

Afadigam-se os enviados da Roménia a procurar saber como vão as coisas lá por casa. Religiosamente preocupa-se o guarda-meta colombiano Luis Gabelo Conejo em rezar quatro vezes ao dia para os seus santos protectores. Todas as tardes Abdel-Ghany endereça as suas orações até Meca, ao mesmo tempo que algum outro pensamento possa voar até Alvalade, vamos lá a ver se o faraó aveirense vestirá ou não de verde no esquadrão de Marinho Peres.

Controlos «antidoping»: todos negativos, os jogadores estão só a água pura e couve-flor. Hooliganismo: parou para obras na fachada. Vinho nos restaurantes da Sicília: lá para a ceia já estará nas mesas. Meninas de difícil vida fácil: vai melhorar o negócio quando amanhã o dia de folga geral permitir que os castelos baixem pontes até às cidades.

Pois é: lá para o fim do dia saberemos como ficou condimentado o banquete que, no sábado, começa a ser aviado na mesa dourada. Até lá, ainda se aceitam palpites: os Rúbens (Sosa, Pereira e Paz) mais mestres Francescoli vão saltar à vara sobre aquela rapaziada vinda de Seul que tem sido bombo de festa nas unhas contrárias? E, quem será, dentro do frasquinho onde moram Lineker e Gullit, Cascarino e Hossam Hassan, que vai soltar-se das correntes e pular para a luz de novos projectores?

O fascínio do futebol é exactamente esse: certo, certinho só antecipadamente se sabe que a bola é redonda. Caprichosa e volúvel como mulher esbelta, apenas se rende quando a conversa lhe agrada. Resta saber quem vai encontrar, logo à noite, as palavras capazes de cativarem a donzela.

Festa conjunta de escoceses e brasileiros durou enquanto houve 0-0

Golo da Suécia frente à Costa Rica só valeu como efeméride

Grupo C *Costa Rica, 2 - Suécia, 1*

Acabou o mito dos nórdicos

O negócio começou bem para os suecos que, com um tento de Ekstrom aos 32 minutos, logo passaram para a defesa dessa vantagem, conseguindo os intentos até que, um deslize dos centrais, autorizou que o «back» Roger Flores estabelecesse a igualdade quando estavam jogados 75 minutos. Imediatamente a Suécia se afundou, com total confusão na cortina à frente de Ravelli, um meio campo que não funcionava e, na frente, dois atiradores sem pontaria nem força. A três minutos do termo do duelo, surgiu o golo que catapultou a Costa Rica para façanha inédita no seu historial: já então os nórdicos estavam de braços caídos, aceitando perfeitamente o adeus ao mundial e a queda do seu efémero pedestal. Restará saber as consequências deste desaire na eventual mudança para melhor vida de alguns jogadores suecos.

Arbitragem correcta do jugoslavo Zoran Petrovic.

COSTA RICA: Luis Conejo; Roger Flores, Ronald Gonzalez, Mauricio Montero e José Chavez; German Chavarria (Alexander Guimarães, 73), Oscar Ramirez, Roger GOmez (Hernan Medford, 60) e Hector Marchena; Juan Cayasso e Claudio Jara.

Magnusson: pouco utilizado em Itália

SUÉCIA: Thomas Ravelli; Glenn Hysen, Peter Larsson, Roland Nilsson e Stefan Schwarz; Klas Ingesson, Joakim Nilsson, Glenn Stromberg e Tomas Brolin (Gren, 35); Johnny Ekstrom e Stefan Petterson.

Golos: Ekstrom, Roger Flores e Hernan Medford. Cartão amarelo para Stromberg, Gomez, Marchena e Schwarz.

Grupo C *Brasil, 1 - Escócia, 0*

«Escrete» escalado pelo «escrete»

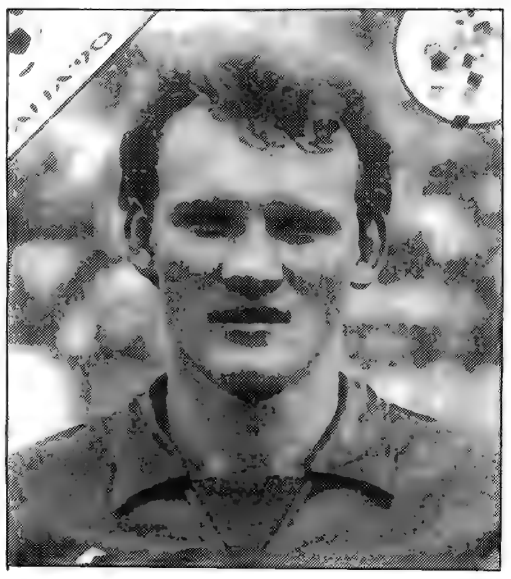
Um «team» feito pelos jogadores, ao que parece sem a mais leve interferência do técnico Lazaroni (completamente ultrapassado por um punhado de colegas de Dunga, Alemão, Careca e Mauro Galvão) cobrou à Escócia o preço da pouca audácia e da fragilidade táctica ante um «escrete canarinho» que continua primando por poupar ao máximo a sua artilharia, a sua capacidade física e o seu sentido inventivo. Ontem, foi o suplente Muller quem resolveu o leve problema levantado por escoceses sem garra, já feitos à ideia de que seria difícil bater o «onze» capitaneado por Ricardo Gomes. O nulo servia aos homens do saiote, mas mesmo isso foi objectivo impossível para os alunos de Andy Roxburgh, um técnico já com mala feita para ir até aos EUA, à procura de outros alunos mais esclarecidos.

Autoritária arbitragem do austríaco Helmut Kohl.

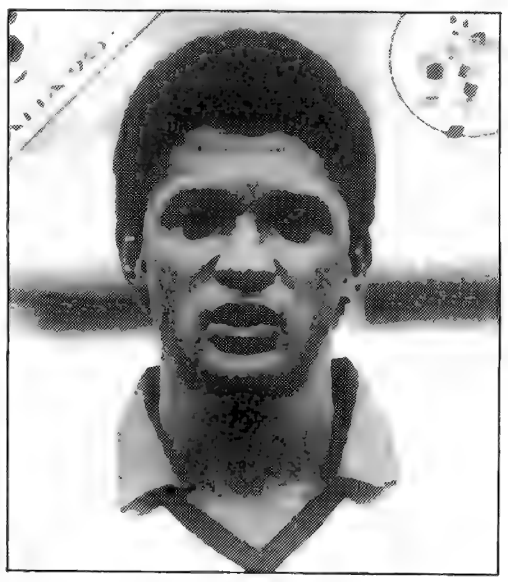
Brasil: Tafarell, Mauro Galvão; Jorginho, Ricardo Gomes, Ricardo Rocha e Branco; Dunga, Alemão e Valdo; Careca e Romário (Muller, 65).

Escócia: Leighton; McLeish, Malpas, McKimmie e McPherson; Aitken, MCstay, McLeod (Gillespie, 39) e McCall; Johnston e McCoist (Fleck, 77).

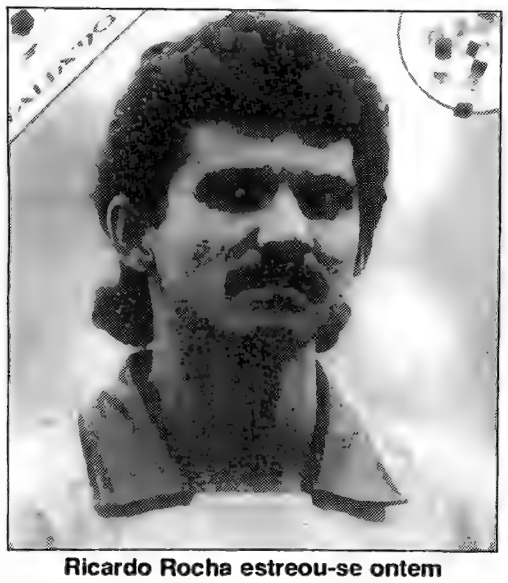
Golo de Muller. Cartão amarelo para Johnston e McLeod.



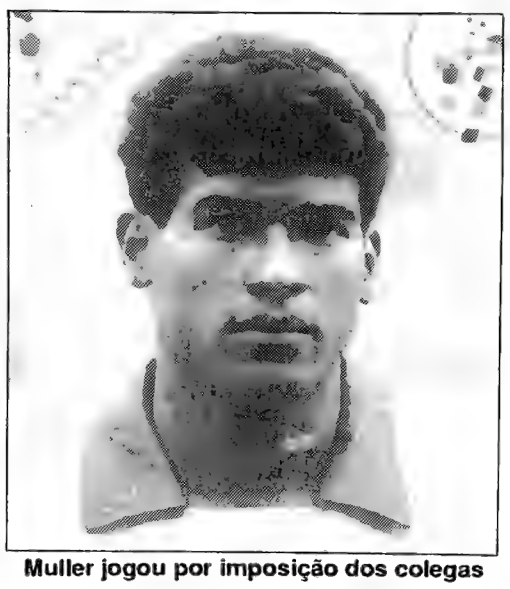
Tafarel tem a namorada na bancada



Valdo tem estado a bom nível

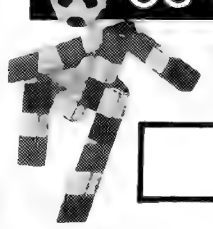


Ricardo Rocha estreou-se ontem



Muller jogou por imposição dos colegas

OS JOGOS NA TV



HOJE

Bélgica - Espanha

RTP 1 16H00

IRLANDA HOLANDA

RTP 2 — 20H00

Pat Bonner	1	Hans van Breukelen
Chris Morris	2	Berry van Aerle
Steve Staunton	3	Frank Rijkaard
Chris Hughton	4	Ronald Koeman
Kevin Moran	5	Adri van Tiggelen
Ronnie Whelan	6	Jan Wouters
Paul McGratgh	7	Erwin Koeman
Ray Houghton	8	Gerald Vanenburg
John Aldridge	9	Marco van Basten
Tony Cascarino	10	Ruud Gullit
Kevin Sheedy	11	Richard Witschge
David Oleary	12	Wim Kieft
Andy Townsend	13	Grame Rutjes
Mick McCarthy	14	John Vant Schip
Bernie Slaven	15	Brian Roy
John Sheridan	16	Joop Hiele
Niall Quinn	17	Hans Gillhaus
Frank Stapleton	18	Heink Fraesser
David Kelly	19	John van Loen
John Byrne	20	Aaron Winter
McLoughlin	21	Danny Blind
Gerry Peyton	22	Stanley Menzo

INSTALE PORTAS DE SEGURANÇA
E... VÁ DE FÉRIAS DESCANSADO
SEMES
SEMES – SISTEMAS ELECTRONICOS E METALOMECÂNICOS DE SEGURANÇA LDA
Novas instalações
FUNDIÇÃO DE OEIRAS – ☎ 443 03 24

MUNDIAL

O Mundial de Futebol cativa a atenção de muita gente, mesmo dos que, normalmente, pouca importância ligam ao desporto-rei. «Fora de jogo» é uma secção onde, diariamente, damos a palavra a gentes das Artes, das Letras, do Espectáculo e da Política. São olhares diferentes sobre o espectáculo do momento

FORA DE JOGO

Torço pelo Brasil

Não pude assistir ao jogo, todo. Vi só os últimos vinte e cinco minutos e tive pena, primeiro, porque gosto de futebol, depois porque era o Brasil-Escócia.

O Brasil, devo confessar, é a equipa por quem torço neste Campeonato do Mundo. Não sei se é normal que quem comenta os jogos faça destas confissões. Mas, como acontece em geral com todos os portugueses, sinto o Brasil como um país especial e não vale a pena disfarçar.

Como se isso não bastasse, a verdade é que também não se pode ser indiferente num jogo em que uma das equipas integra alguns jogadores que nos habituámos a ver jogar em Portugal, ao serviço de equipas portuguesas, envolvidos durante o ano nas voltas e reviravoltas do Campeonato Nacional. Isso também pesa muito na incapacidade de ser neutral nos jogos em que entra o Brasil.

Joaquim Ferreira do Amaral ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Quanto aos vinte e cinco minutos que vi, o que me pareceu é que o Brasil não se esforçou a fundo. Não precisava — e vêm aí jogos (esperemos que no plural) que hão-de ser naturalmente cada vez mais difíceis. A Escócia ficou-se por uma exibição também pouco entusiasmada e no vigor que tradicionalmente põe no jogo parece ter chegado para empolgar os espectadores e para se empolgarem os jogadores a eles próprios. Aliás a ideias que tenho do futebol dos escoceses é que umas vezes as coisas correm muito bem e ninguém os segura, de outras vezes sai um futebol chocho e sem graça. Quando vai suceder uma coisa ou quando vai suceder a outra parece ser questão aparentemente imprevisível.

Nestas circunstâncias, o espectáculo não podia ser muito bom. Vi frequentemente jogadas desnecessariamente interrompidas na sua sequência, isto é, não por habilidade dos adversários, mas por erros de quem tinha a bola. O jogo talvez não tenha tido o interesse e o dramatismo que todos procuramos nos jogos do Campeonato do Mundo.

É claro que mesmo assim é sempre um gosto ver jogar o Brasil, com um futebol cheio de surpresas, em que muitas vezes surge inesperadamente a solução mágica para um lance que se diria sem saída, em que um pormenor, mesmo que pouco rentável, acabava por entusiasmar quem assiste ao jogo. Com o Brasil, nem só os golos são espectáculo.

Mas também faz golos. E o de ontem foi interessante, porque deu tempo a compreender bem o desenrolar da cena, mesmo antes do recurso às várias repetições que aparecem depois e a que já nos habituamos. O espectador teve a capacidade de avaliar o que estava a suceder e de apreciar devidamente, em tempo real, o acontecimento. Recordo a, força do remate inicial que o guarda-redes não foi capaz de segurar.

Foi, como diria se regressasse à escola primária onde me enrouqueci em vibrantes discussões futebolísticas nos plenários do pátio do recreio, «uma grande pastilha»...

DIGEST

Camarões: «Agora somos ricos»

A Federação dos Camarões deu aos jogadores um prémio de seis milhões de FCFA (3200 contos) pela qualificação para o Itália-90 e mais seis milhões pelas duas vitórias no Grupo «A», frente á campeã mundial Argentina e da Roménia.

Agora somos ricos, afirmou sorrindo o capitão da equipa, Stephen Tataw, reconhecendo a diferença entre o valor dos prémios e o salário médio de um cidadão do seu país.

Nos Camarões, onde dois terços dos 11 milhões de habitantes são agricultores ou artesãos, o rendimento médio anual é de 150 000 FCFA (cerca de 31 contos).

No entanto, apesar de os jogadores dos Camarões terem prémios elevados relativamente ao nível de vida do seu país, estão ainda longe de receber bónus capazes de rivalizar com os dos seus colegas de outras selecções.

Os «mundialistas» italianos, por exemplo, vão receber entre 260 mil e 270 mil dólares (mais de 40 mil contos) e os dos Emirados Árabes Unidos foram premiados com cerca de um milhão de dirhams (55 200 contos) só por terem conseguido o primeiro apuramento da selecção nacional para fases finais do Campeonato do Mundo.

Beckenbauer critica árbitros por causa dos amarelos

O seleccionador alemão-federal, Franz Beckenbauer, pediu aos árbitros do Mundial de Futebol Itália-90 para que utilizem critérios uniformes na amostragem do cartão amarelo.

Para Beckenbauer, os diferentes tipos de critérios usados, até ao momento, pelos árbitros nomeados para o Mundial, têm afectado jogadores e treinadores das formações presentes em Itália.

A FIFA deveria ter uma reunião com os árbitros, com vista a serem alertados para este problema, sugeriu Beckenbauer.

Americanos entram no mercado

O médio norte-americano Tab Ramos é pretendido pelo Roda JC da primeira divisão holandesa de futebol, enquanto o guarda-redes da selecção norte-americana Tony Meola quer naturalizar-se italiano.

Ramos afirmou desejar que o acordo com o Roda fosse firmado por apenas um ou dois anos, tendo a Federação norte-americana fixado em 750 mil dólares (cerca de 112 mil contos) o passe do futebolista.

Por seu turno, o guarda-redes dos Estados Unidos Tony Meola, cujos pais são transalpinos, está a estudar a possibilidade de vir a naturalizar-se italiano. Caso seja bem sucedido o guardião dos Estados-Unidos poderá transferir-se facilmente para um clube italiano, pois não estará abrangido na lei que apenas permite às equipas italianas incluírem nas suas fileiras três futebolistas estrangeiros.

Distúrbios à inglesa

Vários adeptos ingleses e ainda um italiano foram detidos durante uma noite de distúrbios, nos quais a Polícia transalpina foi obrigada a utilizar gás lacrimogéneo.

O cônsul britânico Kay Coombs referiu que os 23 adeptos são acusados de causar distúrbios e resistir à autoridade policial, numa altura em que se encontravam embriagados na via pública.

Ingleses doam sangue

Sangue como charme

A Associação Inglesa de Apoio aos Adeptos do Futebol promoveu uma operação de recolha de sangue entre os seus apoiantes que ajudarão os hospitais da ilha da Sardenha.

Oito adeptos britânicos deslocaram-se ao hospital de Brontzu, em Cagliari, para darem sangue, numa operação que contou com o auxílio dos médicos locais.

Euforia na Costa Rica

Milhares de pessoas festejaram ontem nas ruas de San José a vitória da selecção da Costa Rica contra a Suécia por 2-1, que lhe garantiu a passagem aos oitavos-de-final do Campeonato Mundial de Futebol.

O presidente da Costa Rica, Rafael Calderon, juntou-se às celebrações de rua e considerou *«um triunfo histórico»* do desporto nacional a passagem da selecção à fase seguinte no Mundial de Futebol.

Baixas germânicas

Thomas Haessler, um dos elementos-chave da formação da RFA, lesionado no jogo com a Colômbia, poderá não alinhar domingo, no encontro dos germânicos nos oitavos de final.

Segundo o porta-voz da equipa germânica, Haessler sofreu uma luxação na coxa esquerda, e deverá ficar em repouso nos próximos dias.

O médio Uwe Bein e o defesa Stefan Reuter encontram-se também com lesões ligeiras, mas o técnico Beckenbauer afirmou que ambos os jogadores vão estar aptos para jogar no domingo.

Hoteleiros descontentes

Os proprietários de hotéis de Cagliari, cidade que tem sido palco de diversos confrontos, afirmaram que a taxa de ocupação nos seus estabelecimentos é de 40 por cento em relação ao habitual para esta época.

«Até este momento, só temos tido prejuízo com o Campeonato do Mundo», disse Gugliemo Capolino, presidente da Associação de Hotéis da Sardenha.

Robson recorre a curandeira

Uma curandeira britânica seguiu para Itália, para tentar curar o «tendão de aquiles» de Bryan Robson, «capitão» da selecção inglesa de futebol, tentando recuperar o jogador para o encontro decisivo frente ao Egipto, anuncia o «The Sun».

O jornal londrino anuncia que Robson enviou um telegrama á curandeira Olga Stringfellow, de 66 anos, pedindo-lhe que o cure da lesão na perna esquerda, de forma a poder defrontar, hoje, o Egipto, jogo que irá decidir a continuação ou não da equipa inglesa no «mundial».

Robson, 33 anos, está desesperado porque os tratamentos tradicionais não resultam, e a curandeira afirma que *com a ajuda de Deus, vou curá-lo.*

«Holligans» sem cadastro

Os adeptos ingleses detidos nos últimos dias na ilha da Sardenha, não fazem parte da lista de *adeptos perigosos*, enviada pelas autoridades inglesas para Itália, anunciou, em Cagliari, um representante do governo britânico.

O sub-secretário do Ministério do Interior, Lord Ferrers, tem acompanhado actuação dos «holligans» ingleses na Sardenha e afirma que a Polícia italiana tem desempenhado um trabalho eficiente.

Amnistia Internacional denuncia Polícia brasileira

Elementos da Amnistia Internacional distribuíram, à entrada do Estádio Comunale, de Turim, cópias de um documento a denunciar torturas e violações aos direitos humanos exercidas pela Polícia brasileira.

A Amnistia Internacional iniciou a sua campanha de denúncia em Asti, onde está concentrada a formação canarinha, que ontem defrontou a Escócia, em Turim, no seu jogo da fase preliminar do Mundial de Futebol de Itália-90.

Em conferência de Imprensa, os representantes daquele organismo asseguraram que a Polícia civil e militar do Brasil pratica actualmente a tortura com os seus presos, adiantando que as referidas autoridades operam no seio dos esquadrões da morte, com total impunidade.

Amarelos e Vermelhos

Com uma média superior a três cartões por jogo, os árbitros estão no centro das atenções. Só em dois jogos os árbitros não puxaram de qualquer cartão: Costa Rica-Escócia e Inglaterra-Holanda desenrolaram-se num clima que, pelos vistos, é excepcional. Excepcional foi também o Áustria-EUA, arbitrado pelo sírio Jamal Al-Sharif: 10 cartões, um deles vermelho, são, realmente, um triste recorde.

ECONOMIA

Informática: identificar e enfrentar desafios

A API pretende «extravasar as tecnologias de informação para a sociedade», pondo-as ao serviço do seu desenvolvimento

Um desafio às empresas, às pessoas, mas também às tecnologias de informação é o que se pretende atingir com o 6º Congresso Português de Informática que se inicia na próxima segunda-feira, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, dez anos depois do primeiro e quando a Associação Portuguesa de Informática (API) celebra os seus 25 anos de existência. Espera-se a presença de mil participantes.

«Este congresso marca uma mudança na forma de estar da API no meio informático português, mas pretende também significar uma mudança nas capacidades e incapacidades das pessoas que estão nesse meio», afirma Gomes de Almeida, da comissão organizadora do acontecimento.

Pretende-se, assim, acrescenta, dar passos em frente na integração europeia de Portugal, por um lado, como consumidor de tecnologias de informação e, por outro, como fornecedor de ideias, inovação e também de produtos.

«Portugal tem conseguido demonstrar uma capacidade intelectual que já resultou em trabalhos para fora das suas fronteiras no domínio do *software*», afirma Gomes de Almeida.

Abertura

O programa do congresso foi elaborado de forma a «abrilo para além dos técnicos de informática e dos investigadores», segundo refere Gomes de Almeida.

Complementa este pensamento Pereira da Costa, presidente da API: «Se a informática não extravasa para a sociedade nós falharemos na nossa missão».

Para ele, torna-se necessário e urgente pôr as tecnologias de informação ao serviço da sociedade, como base para o seu desenvolvimento.

Por isso, explica, o tema do 6º Congresso, «Informática: que desafios?», contrapõe-se de forma evolutiva ao do primeiro, realizado há dez anos: «Informática: que futuro?».

Pretende-se, agora, «enquadrar e globalizar os desafios que a informática levanta a quem a utiliza, assim como os desafios que ela própria enfrenta.

Programa

O 6º Congresso tem a sua abertura solene na próxima segunda-feira à tarde, com a presença do Presidente da República, Mário Soares, e o director da DG XIII, da CEE, Michael Hardy.

Três painéis vão originar o debate dos seguintes temas: «Que gestão na época da informação», «Informática: desafios sociais e profissionais» e «Sistemas informáticos: estratégias e perspectivas para os anos 90».

Estes debates são complementados com oito mesas-redondas sobre temas mais específicos, nomeadamente: Microinformática e ensino; Informáticos/utilizadores: o desafio; Infocentro: experiências e perspectivas; Indústria nacional de *software*; CASE - engenharia de *software* apoiada em computador; Bases de dados na época do relacional; Que correio electrónico para as escolas portuguesas?; e rede pública de transmissão de dados.

Serão igualmente debatidos temas relacionados com a gestão da informação e das tecnologias da informação, as linguagens de 4ª/5ª geração, sistemas periciais (inteligência artificial), fluxo electrónico de dados e comunicação de dados.

Paralelamente ao congresso realizam-se várias outras iniciativas, das quais se destaca uma jornada sobre «Segurança de dados e criptografia», em que o tema dos vírus vai ser aprofundado.

Por outro lado, vão estar abertas ao público quatro interessantes manifestações: um museu, com máquinas informáticas do tempo dos «gloriosos maluquinhos dos cartões perfurados»; uma mostra de arte com base na informática; apresentação de filmes de animação elaborados em computador (em que se verão os de mais longa duração feitos em Portugal e no mundo, ambos da autoria de portugueses); e trabalhos de jovens informáticos.

Redacção «DL»

Fotograma do mais longo filme português de animação feito em computador

B R E V E S

Tecnofil 90 abriu portas na Feira das Indústrias

Decorre desde ontem em Lisboa a Tecnofil 90, certame dedicado às novas tecnologias. Este acontecimento, que tem lugar na Feira das Indústrias, conta este ano com um simpósio internacional subordinado ao tema «Mudanças tecnológicas e perspectivas de modernização da indústria». Trata-se de uma organização conjunta do Ministério da Indústria e da Associação Industrial Portuguesa.

Time-Sharing adquire novo edifício sede

Representa um investimento de cerca de meio milhão de contos a aquisição do novo edifício sede da empresa Time-Sharing, que passa a dispor do primeiro auditório multimédia interactivo instalado na península ibérica. Situadas na Rua Tenente Espanca, em Lisboa, as instalações têm oito pisos e encontram-se situadas num edifício «inteligente».

Fonsecas & Burnay oferece fundos estrangeiros

O Fonsecas & Burnay é o primeiro banco português a oferecer aos seus clientes a possibilidade de, através dos seus balcões, colocarem ordens de compra e venda de fundos de investimento estrangeiros. Este serviço resulta de um protocolo de cooperação que vai ser assinado amanhã entre este banco e a Boscary Finance. Os fundos a disponibilizar revelaram nos últimos anos performances acima da média do mercado, oferecendo um leque variável de opções, em termos de combinação de risco e rentabilidade, podendo esta útlima, em determinados casos, rondar os 60 por cento ao ano.

Área-Chave vai cooperar com Região de Leiria

Um protocolo de colaboração foi assinado entre a empresa de consultores Área-Chave e o Núcleo Empresarial da Região de Leiria, com vista à criação de uma Divisão de Organização e Recursos Humanos, a qual pretende assumir-se como elemento dinamizador da economia da região Centro. Para este efeito vai desda já iniciar a sua actividade com o lançamento de um Serviço de Recrutamento e Selecção de Pessoal.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39$15	45$15
ALEMANHA FED. (marco)	86$70	87$90
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	4$035	4$285
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	124$55	127$05
(notas de 5 a 1000)	125$05	127$55
DINAMARCA (coroa)	22$80	23$20
ESPANHA	1$373	1$493
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146$00	149$50
(notas de 5 a 1000)	146$50	150$00
FINLÂNDIA (marka)	36$85	37$45
FRANÇA (franco)	25$80	26$50
HOLANDA (florim)	77$05	78$15
IRLANDA (libra)	233$55	237$55
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$905	$960
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	252$00	256$50
SUÉCIA (coroa)	24$00	24$50
SUÍÇA (franco)	103$00	104$50
VENEZUELA (bolívar)	2$630	3$430

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

CEE considera indispensável

Transição de 15 anos para sector têxtil

Um período de transição de 15 anos, para qualquer movimento de liberalização do sector dos têxteis, foi considerado como indispensável pela CEE que, em reunião de Conselho de Ministros dos Assuntos Gerais, em Luxemburgo, reafirmou o empenho numa integração progressiva no GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio), com base em regras e disciplinas reforçadas.

Sobre esse ponto disse Vítor Martins, secretário de Estado da Integração Europeia, ter vingado a tese de que os têxteis não são uma indústria para acabar nem sem futuro, tendo acrescentado que Portugal defende que a integração no GATT deve obedecer a diversos pontos, nomeadamente um período de transição de 15 anos, acesso a matérias-primas e a mercados de países terceiros, proibição das subvenções e evolução das quotas, de importação ao longo do período de transição.

No que se refere a este período, Vítor Martins defendeu que, para Portugal, «é tão importante a duração como o conteúdo preciso do que tem de ser salvaguardado».

Coube aos ministros dos Doze concluírem que a Comunidade deve apresentar uma orientação ofensiva, nas negociações do Uruguay Round, que em Dezembro terão início em Bruxelas.

Quanto ao sector agrícola, as conclusões do Conselho apontam para o facto da Comunidade dever continuar a empenhar-se na negociação da redução progressiva importante das ajudas e da protecção, tendo Portugal acordado com essa redução, embora sustentando a manutenção do auxílio às políticas estruturais do sector.

Ajuda ao Sul

Na reunião, os ministros acolheram de forma diferenciada uma proposta da Comissão sobre ajuda aos países mediterrânicos e, emobra reconhecendo a importância, para a CEE, de haver uma política para esta região, os Doze divergiram quanto aos apoios.

Foi assim que os países do Norte, contribuintes mais fortes da Comunidade, defenderam a manutenção das concessões comerciais, enquanto os do Sul, onde se inclui Portugal, são partidários de outros auxílios, designadamente financeiros e tecnológicos.

CULTURA

olhar de mocho

História e memória

Chegou ao fim a longa série «OS Alemães na Segunda Guerra Mundial». Para além do espectáculo fornecido pelas imagens do que se passou no chamado «teatro de guerra», a série televisiva ofereceu também um documentário, uma espécie de compêndio escolar sobre a máquina de mortos e de tragédias, e haveria que contabilizar os números do terror que andam dispersos: 20 milhões de soldados mortos na Europa, 14 milhões de civis mortos, seis milhões de judeus mortos, e pelo menos, na Alemanha, dois milhões de casas de habitação arrasadas. Tudo isto causado por um povo que continua a autodefinir-se «terra dos poetas e dos filósofos».

Mesmo antes de a guerra ter terminado oficialmente já Erich Kästner notava no seu diário: «o III Reich mata mas o cadáver chama-se Alemanha.» (Berlim, 27 de Fevereiro de 1945) E Heinrich Böll «traduziu» para a Alemanha do III Reich o mito bíblico: depois do Adão ter comido a maçã do pecado, escondeu-se nos bosques do Paraíso, obrigando Jahvé a ir à procura dele, «onde estás tu, Adão?» Böll também retomou este tema do alibi: onde estava o Adão, onde estava a Alemanha. Segundo a alegoria de Böll, o próprio Deus pretendeu saber onde se tinha escondido a Alemanha durante o período do nazismo.

Quanto aos factos históricos, a série documental foi suficientemente clara e fiel. Mas ficaram por abordar alguns outros problemas inseparáveis do dos alemães na Segunda Guerra Mundial. Em primeiro lugar, o relacionado com a consciência moral de uma Europa que, *culturalmente*, não está isenta de pecado no pecado nazi, silêncios colaboracionistas vindos de muitas e variadas fontes. Para combater a *Wehrmacht* do Hitler foram enviados soldados, mas será que a Europa, politicamente, se poderá reduzir aos seus soldados e furriéis? Hitler, um sargento menor, despertou fascínios um pouco por toda a Europa, quanto mais católica mais fascinada. A questão merece tratamento. Depois, temos ainda a níveis intelectuais superiores o caso de Heidegger - filósofo encartado, professor catedrático, reitor universitário. Também aqui, a relação entre sentido histórico e memória não pode ser varrida com o espanador do pó doméstico. Ora pretender erguer o nazismo hitleriano à categoria de ideologia, afigura-se um intolerável exagero. O nazismo real e existente, o do Hitler, reduz-se a um movimento brutal, bestial, militarista e racista.

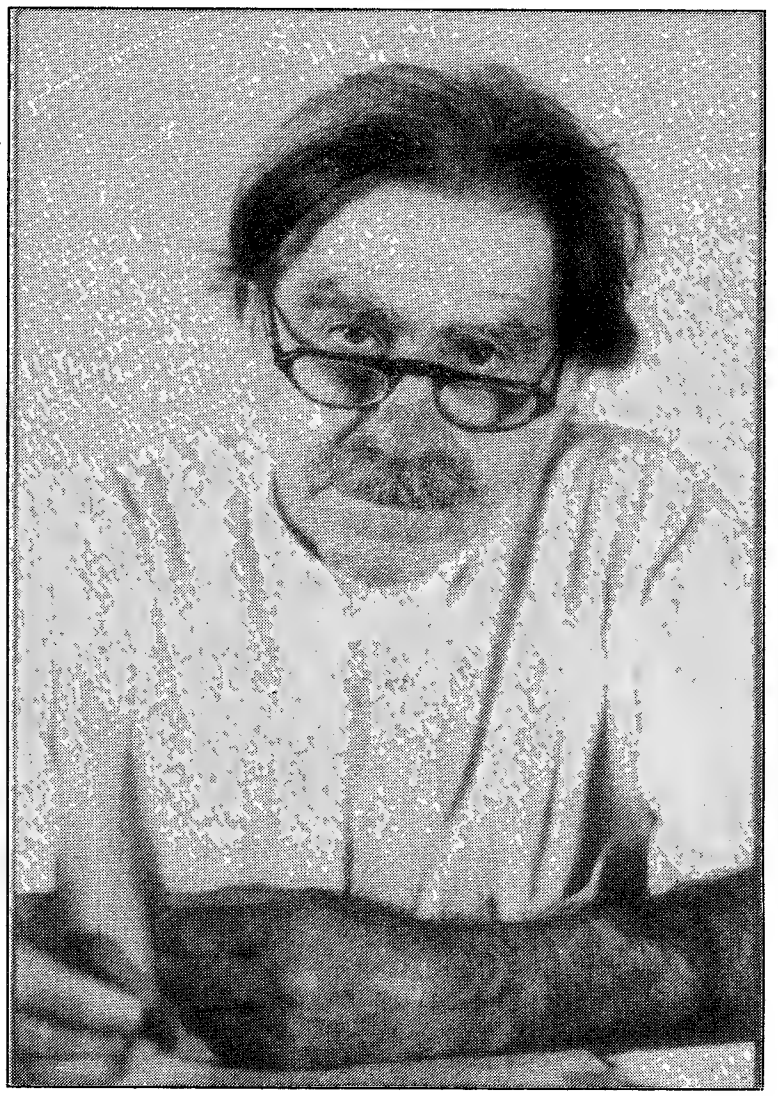
Não se descortina bem como é que uma bestialidade desse jaez possa ser encarada como problema filosófico ou ser autorizado a penetrar na coutada das ideias. Que o Heidegger tenha sido um oportunista nazi é um facto, que ele tenha feito do nazismo uma filosofia ou uma ideologia é um disparate.

Da série televisiva importa reter os factos históricos e não esquecer a memória para que se conheçam os alicerces desta Europa que está prestes a atingir finalmente, a maioridade.

José Sousa Monteiro

António José Saraiva homenageado ontem na Faculdade de Letras de Lisboa

Um livro e uma rosa amarela



Fez-se esperar, com um curioso sentido das conveniências. A estas coisas, de facto, não convém chegar logo no início. Seja como for, o historiador entrou na sala onde iria decorrer a cerimónia de lançamento do livro «Estudos Portugueses - Homenagem a António José Saraiva» como se fosse apenas mais um professor entre os seus pares. Uma rosa amarela, que levava no bolso da frente do casaco, denunciou-o imediatamente, no entanto. Pedira, antes, que não se fizessem discursos, mas eles acabaram por acontecer, quando ao fim da tarde de ontem, na Faculdade de Letras de Lisboa, cinquenta anos de dedicação à cultura portuguesa - o equivalente a cinco gerações de estudiosos na matéria, se considerarmos cada década como uma fornada - eram assinalados com a informalidade possível num momento que foi de compromisso. Compromisso entre o protocolo universitário e a irreverência do velho intelectual, entenda-se.

António José Saraiva, claro, disse na circunstância que não merecia a homenagem. Pediu perdão pelas cóleras e pelas paixões, pelo que omitiu e pelo que disse de incómodo, mas na verdade sem arrependimento. Enquanto os presidentes do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e do Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, co-editores da obra, elogiavam o longo e profícuo percurso do seu trabalho de investigação história, análise literária e intervenção cívica, o professor, de barba cortada rente e olhos semicerrados, observava os presentes.

Já não com a saudável arrogância que lhe foi própria (e indispensável) nas ocasiões em que sabia de antemão não encontrar eco no que dissesse, ele que sempre acreditou na polémica das ideias e das posições. António José Saraiva não abandonou nunca um sorriso entre o irónico e o gentil, um sorriso que teve agora, finalmente, o seu tempo, no culminar de tantas palavras, tantos juízos e dúvidas em 73 anos de vida, com trinta e cinco volumes publicados, entre os quais o famosíssimo «Saraivão» (exacto, a extensa e gorda «História da Literatura Portuguesa»), um sem-número de artigos em revistas e jornais, de prefácios e entrevistas. Fossem os estudos vicentinos ou o liberalismo português, a «ditadura militar de Melo Antunes» ou Alexandre Herculano, o socialismo ou o mito de Pedro e Inês, o homenageado de ontem sobre quase tudo teve algo a dizer, ainda que dificilmente a maior parte de nós concordasse com ele. Ontem disse o que se esperava que dissesse. Invectivou o «progresso» porque com tal categoria o que vemos nos dias que correm é querer-se «mais» em vez de desejar-se o «melhor», tendo em conta (entendia-se a alusão) que a esquerda tem a infelicidade de se classificar como «progressista». Refutou as chamadas «ciências sociais e humanas» elogiando a liberdade interpretativa das Letras. Invocou, coerente com o seu proverbial «libertarismo de direita», os valores depostos pelo capitalismo e pela modernidade. O livro que lhe ofereceram, esse, vê-se que é consequência dos seus ensinamentos.

Na maioria dos artigos que constituem estes «Estudos Portugueses», provenientes das especialidades mais diversas, não foi sequer necessário citar António José Saraiva ou referir o seu nome, e isso porque os cerca de quarenta e cinco textos da antologia foram elaborados por alunos ou por colegas que se sucederam em cinco décadas de cátedra.

Uns prosseguem caminhos desbravados por si, outros dão contribuições em áreas a que já dera o seu cunho pessoal ou em que pelo menos interviera. Almeida Pavão escreveu «António José Saraiva e os estudos vicentinos» e Luísa Dacosta «Para um amigo»: são duas excepções. Teresa Rita Lopes, José Augusto Seabra, Borges de Macedo, José Mattoso, Joel Serrão e José-Augusto França são alguns dos estudiosos que mediante a participação neste livro confirmam a importância do legado de António José Saraiva para a cultura portuguesa.

Rui Eduardo Paes

TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS DA VIDA DE BENILDE

Subsídio SEC

2.º mês

«...Imagina-se José Régio entusiasmado — ia ele lá perder este tão belo retrato da sua Benilde pela Alexandra Lencastre! —...» — Eugénia Vasques — «Expresso».

«Alexandra pontifica em encenação inteligente.» — Tito Lívio — «A Capital».

«O elenco é seguramente de grande nível, com Alexandra Lencastre numa belíssima figuração de Benilde». — M.ª Helena Serôdio — «O Jornal».

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE **JOSÉ RÉGIO**

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JÚLIO MARTÍN, RUY FURTADO

Últimas representações só até dia 30.

Em cena de terça a sábado às 21.30
Matinées aos **domingos** às 16.00
Marcações pelos telefones 875626 e 875800

CRÓNICA DE TOUROS

A ovação da tarde

Praça de touros de Madrid. Quinta-feira, 24 de Maio de 1990. Touros de Cayetano Muñoz para Julio Robles, Roberto Dominguez e Raji Camino, que confirmou a alternativa

Outras ovações houve. Mas a ovação da tarde aconteceu quando, pela ordem natural das coisas, já se não esperava. Arrastado o touro quinto, dera Roberto Dominguez, seu matador, uma clamorosa volta ao redondel, saíra ao meio a saudar, extintos os aplausos recolhera ao burladero, os tímbales e clarins chamavam à arena o último da ordem. Mas afinal não estava o assunto encerrado, eis que as palmas rebentam outra vez pelas bancadas, crescem pela praça inteira, chamam por Roberto Dominguez, a sustentada ovação obriga o matador de Valladolid a sair de novo à arena, a estender a montera ao clamor que havia de saber-lhe a glória, que valia não sei quantas orelhas, que na primeira praça do mundo significava o reconhecimento da sua condição de toureiro. A ovação da tarde foi essa, a que tinha ficado contida no sentimento da gente, saltou espontânea, não cabia lá dentro.

O que fez Dominguez para que o público sentisse por ele esse magnetismo? Eu direi que, sem chegar a sua actuação a alturas para ficarem lembradas, juntou aos detalhes do raro sabor que o distingue como toureiro com selo próprio, o sentimento que o coloca hoje como primeira figura, desafiando a liderança de Espartaco, com a confiança de um toureiro reencontrado consigo mesmo, esquecidos os anos que as empresas, e também suas dúvidas, fizeram tristes, o levaram à retirada em boa hora interrompida.

O primeiro sinal da actuação de Roberto aconteceu no segundo da tarde, que pertencia a Julio Robles e que o de Salamanca recebeu à verónica, entre os olés da gente, repetidas quando se ajustou por chicuelinos: saiu Roberto ao quite, e às chicuelinas de Robles respondeu com as suas, cingidíssimas, as palmas faziam fumo. Depois, recolhido o terceiro por inválido, saíu um sobrero de Benavides, um manso avisado que chegou à muleta entre defender-se e querer colher: a faena de Roberto, primeiro prudente mas sempre toureira, trasteando sobre as pernas com paladar antigo, foi crescendo em intensidade à medida que o sentido do touro aumentava o perigo, extinto com meia estocada e rematado com um dos seus certeiros descabellos, essa sorte menor que o garbo de Dominguez eleva à condição de espectáculo. Já outro jogo deu o quinto, que acabou investindo com classe que na faena Roberto tardou algo a encontrar, só para o final lhe juntou a sua, com uns naturais extensos, profundos, esplêndidos, e uns toireiríssimos passes por baixo, a quadrar o inimigo para a estocada que iria falhar, duas vezes encontrou osso, os troféus perdidos trocados pela volta, e depois dela a tal ovação que outra vez o foi buscar, Madrid estava com Roberto Dominguez.

De primeiro espada saíu Julio Robles, matador também já consagrado pela Monumental: houve-se desta feita com dignidade, mas sem pôr na tarde os rasgos doutras ocasiões: Luzido esteve no seu primeiro com o capote, engano que maneja como poucos; mas a faena foi algo desigual, alternou os passes logrados com outros não tanto, deixando derrotar na flanela a investida repetidora do touro. E no quarto, que se defendia incerto e violento, pôs ofício no abreviar, teve de ficar o triunfo para outro dia.

Também a Rafi Camino não sorriu o êxito que tanto havia de desejar na tarde da confirmação da sua alternativa. Era negro, pesava 568 quilos e chamava-se «Saleroso» o touro da cerimónia, que de cerimónias não quis saber, incerto e desluzido, da faena ficou um olé prolongado, sublinhando um passe pela direita, coisa de lembrar a classe de seu pai, so sábio maestro Paco Camino, que na trincheira não pôde alegrar-se: o touro que fechou praça, o único de Cayetano Muñoz que não cumpriu no primeiro tercio, saíu solto e disparado de varas e capotes, teve de persegui-lo Rafael para lograr umas verónicas como Deus manda, e se arrimar num quite escalofriante por chicuelinas; depois não houve limpeza nos passes de muleta, o touro revolvendo-se com a cara alta, não deu margem senão a uma cumpridora diligência, as várias entradas a matar deixaram a praça num silêncio de dolorosa indiferença.

Não fora de indiferença o silêncio que se fizera quando nesse touro sexto a espigada figura de Vicente Yesteras citou com as bandarilhas, sinal de que o público reparou no magnífico peão, outro jovem matador fracassado que vai a caminho de fazer-se um bandarilheiro de primeira água: dois pares soberanos cravou, e na brega pôs uma limpeza serena e eficaz, a prata do seu trajo fez brilhar como o ouro que para ele foi uma ilusão perdida.

Solilóquio

Crítica de teatro

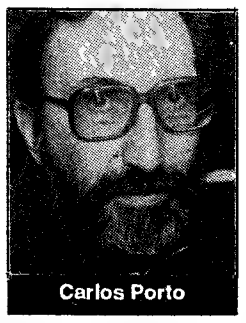
Marionetas: genial Genty

DÉRIVES, de Philippe Genty. Realização: Philippe Genty. Música: René Aubry. Coreografia: Mary Underwood. Interpretação: Pascale Blaison, Christian Carrigton, Kathy Deville, Gabriel Guimard e Eric de Sarria. C.ª Philippe Genty. Auditório Nacional Carlos Alberto - II Festival Internacional de Marionetas.

Pelo que pude ver, este II Festival Internacional de Marionetas, organizado pela Delegação da SEC no Porto, com orientação de Isabel Alves Costa, percorreu três pistas facilmente reconhecíveis: espectáculos para jovens e adultos, espectáculos para crianças, espectáculos de rua. Bonito foi ver as centenas de lugares da plateia do Carlos Alberto ocupadas por crianças, de vários jardins infantis, público vivo, barulhento, feliz, embora para razões para sofrer por causa de um espectáculo que não o merecia. Tratava-se de uma obrinha argentina (do Titiricircus) que pretendia ter características circenses mas era duma debilidade imprópria de um festival como este. Também para crianças de escolas, o espectáculo de Delphim Miranda, apresentado no palco do Carlos Alberto, vive muito da comunicação fácil e imediata daquele artista com a miudagem que goza mais com a possibilidade de brincar com os bonecos, como faz pondo-os em risco, do que com as histórias contadas, histórias sem grande imaginação.

A ausência de um grupo indiano obrigou à inclusão de um grupo brasileiro - O Cavalo de Tróia - com um espectáculo intitulado «A Caverna do Dragão», único discurso político do festival, que eu saiba. A ingenuidade da proposta, em que o dragão se chamava FIMI, era sublinhada pela pobreza plástica que utilizava formas de grandes dimensões e jogos de actores mas sem a carga mítica, sem a imaginação, sem a energia que o tema exigia.

«La Pulcinellata» consistiu na apresentação de seis marionetistas que praticam a velha arte do fantoche: o português João Paulo Seara Cardoso, os italianos Salvatore Gatto e Bruno Leone, o húngaro Henrik Kemmeny, o checo Thomas Jelinek, o inglês Dan Bishop. Estes artistas apresentaram-se separadamente em vários jardins da cidade, com um êxito que os obrigou a repetir os seus espectáculos. Juntaram-se os seis na Ribeira, junto do cubo de José Rodrigues, o que permitiu um espectáculo único: vermos separada ou simultaneamente seis experiências diferentes embora com elementos comuns (por exemplo, o uso da sertã por portugueses, húngaros e britânicos!). Centenas de pessoas, e a maior parte não eram crianças, seguiram interessadas aquela maravilhosa festa de fantoches.

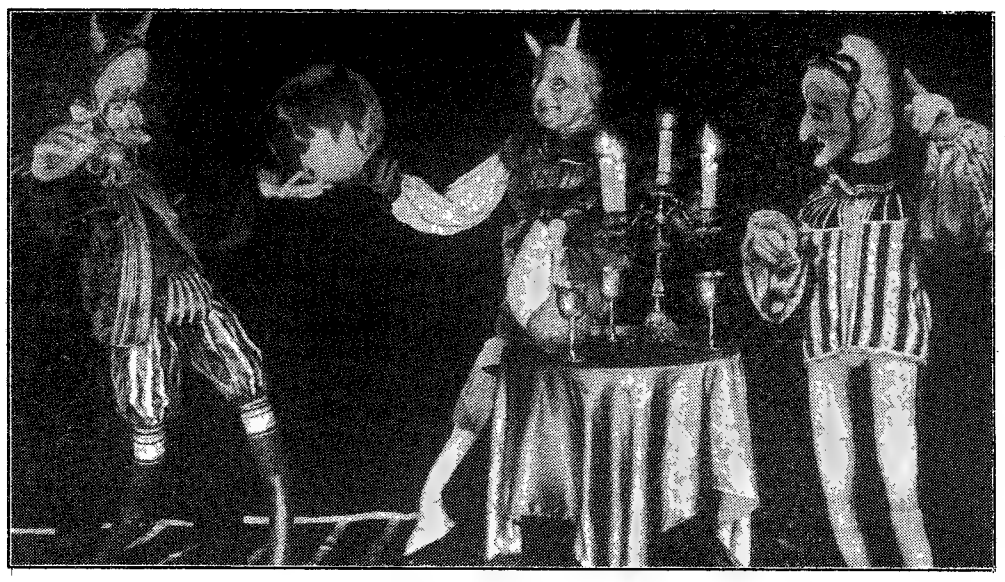

Carlos Porto

Ao chegar junto de um dos artistas que terminara o seu espectáculo, ouvimos um velho senhor lamentar-se: não consigo vê-los, venho do Jardim de S. Lázaro e também lá não cheguei a tempo. E amanhã não estou cá. Tanto gostava de os ver, desde miúdo que não vejo fantoches. E só lhe faltava chorar.

O grupo italiano Teatro delle Marionette degli Accettella apresentou um espectáculo com alguns momentos de luz interessantes mas de audácia escassa. Mais interessante foi o espectáculo do único grupo espanhol que esteve no Festival, o galego Tanxarina, grupo galego que já passou várias vezes por Portugal, que apresentou um espectáculo intitulado «Bebé». A história conhecida do bebé que se recusa a deixar o ventre da mãe até que o pai lhe diz que essa é a única maneira de saber o que é um beijo. Espectáculo bonito, simples, delicado, da responsabilidade de dois simpáticos rapagões.

Não se pode falar em Portugal de marionetas sem passar por eles, pelos Bonecos de Santo Aleixo, claro. Lá estiveram com o êxito de costume entre os portugueses e os estrangeiros. Uma beleza, já se sabe. O F.I.M. do Porto não se limitou a apresentar espectáculos. Esteve patente no Carlos Alberto uma interessante exposição de marionetas italianas, realizaram na Árvore uma mesa-redonda sobre A Problemática da Marioneta em Portugal, e um seminário em que os artistas falaram das suas experiências; Uma Assembleia Geral Extraordinária da UNIMA-P.

Houve o Festival Internacional de Marionetas do Porto e o espectáculo de Philippe Genty, «Dérives» (que esteve no Villaret). Como escrever sobre este espectáculo? Como escrever sobre os sonhos, sobre a magia, sobre a imaginação? Como entender o enigma, como descrever o nunca visto, o indescritível? É certo que o espectáculo é constituído por materiais reconhecíveis, há um com-



boio em miniatura que desliza veloz pela noite, há actores-bailarinos que vestem impermeáveis e usam chapéus de banqueiro, há impermeáveis e chapéus sem ninguém, há bonecos; há cenas marcadas por algum erotismo; há música e luz; e depois os actores deslizam e deslizam os impermeáveis e os bonecos deslizam, e os bonecos são actores e os actores não existem. Uma cidade de arranha-céus transforma-se numa pequena paisagem com árvores, um boneco sobe por uma corda, uma imensa bailarina flutua no espaço.

Certamente tudo isto tem uma explicação. Vimos no fim do espectáculo uma máquina de que o grupo se serve para os seus truques, os projectores de luz negra modificados pela própria equipa já que, utilizando tecnologia sofisticada Philippe Genty não abandonou processos artesanais. Tudo isto é, pois, explicável. Mas como explicar a beleza, a angústia, o que existe de fantasmático em tudo isto, marionetismo, dança, teatro, música. Dir-se-ia que como Bob Wilson outrora, e embora mais modestamente, Philippe Genty inventou um teatro outro, uma linguagem outra.

Saí do espectáculo com uma sensação de taquicardia como raramente tenho sentido em teatro. Um fenómeno!

últimas semanas — só até dia 8/7

«Deliciosamente provocatório»
«Expresso»

«Aquela maestria a que a Cornucópia nos habituou»
«Diário de Lisboa»

«Como, mais uma vez, a partir de um texto fraco, se pode pôr de pé um bom espectáculo»
«Público»

TEATRO DO BAIRRO ALTO: Rua Tenente Raul Cascais, 1-A — 1200 Lisboa
Telef.: 396 15 15/396 92 05

De 3.ª a sábado, às 21.30h, e domingos, às 16h
Atenção: O espectáculo começa **pontualmente**
Não é permitida a entrada na sala depois do início

PCP discutiu acordo ortográfico

Idioma, doce idioma

O famigerado projecto de acordo ortográfico vai voltar a dividir opiniões na praça pública. De facto, quando dentro de meses ele for sujeito a votação no Parlamento irão regressar à liça os argumentos pró e contra-uniformização; os que consideram a indispensável evolução da língua e aqueles que, vendo no português das esplanadas «alfacinhas» o idioma, doce idioma de todos nós, acusam o Brasil de repugnante patricídio.

Ontem à noite, na Casa Amarela anexa ao Palácio de São Bento, o grupo parlamentar do Partido Comunista organizou um colóquio que tomou precisamente o acordo ortográfico por tema, visando, assim, segundo referiu Carlos Brito, preparar os deputados deste e dos outros partidos para o debate que se avizinha.

Para além de uma assistência em que pontificavam Vasco Gonçalves e Miguel Urbano Rodrigues, a sessão foi dinamizada pelos professores Manuel Ferreira e Urbano Tavares Rodrigues, e por José Manuel Mendes que abriu os trabalhos. De resto, a sua intervenção conteve as linhas de força de quase todo o colóquio: a língua portuguesa, tal como qualquer outra, não permanece fechada sobre si mesma, relaciona-se com outros idiomas, com linguagens específicas de determinados saberes. A par destas considerações, José Manuel Mendes também deixaria no ar as questões essenciais à discussão, pois no fundo o que importava saber é se é defensável a utilização do Português tal como falamos e escrevemos em Lisboa, sem pelo menos uma tentativa de aproximação ao Português usado por brasileiros e por africanos de expressão oficial portuguesa.

O caso do Português falado no Brasil, tanto mais controverso quanto mais nos entra em casa via RTP, foi analisado por Urbano Tavares Rodrigues. Para este escritor, as telenovelas e a forma como nelas se fala, não sendo totalmente nefastas, na medida em que ampliam o património lexical da língua, também não deixam de surtir efeitos um pouco inquietantes no que respeita à síntaxe. Como se não bastasse, acresce referir que, para Urbano Tavares Rodrigues, a televisão e a rádio veiculam ao grande público uma muito má utilização desta que foi a pátria eleita de Fernando Pessoa.

Manuel Ferreira debruçar-se-ia, por sua vez, sobre a situação do Português enquanto língua oficial de expressão dos povos de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Guiné-Bissau. De acordo com este especialista no assunto, em qualquer um destes jovens países coexiste um considerável número de línguas próprias e tanto assim que a comunicação em Português se concentra sobretudo nos centros urbanos de maior implantação. E no interior? Manuel Ferreira não hesita ante a crueza dos números: em 1975, 97% do povo de Angola não detinha os mínimos rudimentos de escolaridade.

Se enquanto portugueses nos interessa sobretudo a preservação e o enriquecimento da língua, importa não menosprezar os contributos e as particularidades dos usos e costumes linguísticos destes povos, pelo que se impõe a sua rápida dicionarização.

Chamada a debater este assunto, a audiência dividiu-se. Miguel Urbano Rodrigues defendeu a importância do acordo, porque - referiu - «nenhum povo é dono da língua que fala e escreve». Wanda Ramos não partilhou desta perspectiva. Inventariou alguns dos perigos que, contidos no acordo, ameaçam a sobrevivência da língua junto das futuras gerações, não deixando de a ligar ao modo que um determinado povo tem de estar no mundo. Não será impunemente que os esquimós usam seis palavras diferentes para nos falarem das neves eternas que lhes cobrem a terra...

Maria João Martins

Francisco Paraíso

Na mesa do colóquio: Octávio Teixeira, Urbano Tavares Rodrigues, Carlos Brito, Manuel Ferreira e José Manuel Mendes

Maria João Martins Prémio Revelação

«Com o teatro na bagagem», uma reportagem publicada nas páginas de Cultura do «DL», mereceu à «nossa» Maria João Martins o Prémio Revelação. A notícia é dada noutro local, mas permita-se-nos que digamos algo mais neste cantinho de página. Por exemplo, que é particularmente gratificante uma distinção destas logo no início de uma carreira. A jovem Maria João é estagiária por conformidade com as disposições legais que norteiam a profissão, mas nunca esperámos dela, na verdade, o papel de uma principiante.

As suas qualidades comprovámo-las quando ainda era nossa colaboradora, e lembramo-nos da cobertura que fez da Feira do Livro de Lisboa, o ano passado, trabalho esse que então também lhe mereceu um prémio.

Parece, pois, que temos jornalista. A Maria João trabalha com o entusiasmo da sua juventude mas também com uma paixão inegável por esta coisa bizarra e por vezes dura que é fazer um jornal, dia após dia. Convém no entanto que se diga que o jornalismo não ocupa totalmente as suas atenções. A nossa amiga está hoje mesmo a fazer exames, na conclusão do seu curso de História. É uma aluna brilhante.

O «Diário de Lisboa» tem um rival no seu coração: a Universidade. Queremos ficar com ela só para nós e vamos dar luta. Podem crer.

Arquitecturas de terra: seminário em Coimbra

Por iniciativa da Alliance Française de Coimbra realiza-se, no Museu Monográfico de Conimbriga, entre os próximos dias 5 e 7 de Julho, um seminário subordinado ao tema «Arquitecturas de Terra: história, actualidade e futuro».

Neste seminário, que será animado pelo arquitecto Jean Dethier, serão abordados os seguintes temas: "trunfos e potencialidades das arquitecturas de terra; materiais e tecnologia; lógica da restauração dos monumentos de terra; actualidade e futuro das arquitecturas de terra.

No último dia do seminário, está prevista uma visita de estudo na região centro, onde serão mostrados exemplares de terra, "taipa e adobe".

REGIE COOPERATIVA - SINFONIA -

ORQUESTRA DO PORTO

Aula Magna

27 de Junho (4.ª feira) 21.30 horas

Maestro

Jan Latham-Koenig

Trio

Golub/Kaplan/Carr

(Piano, Violino e Violoncelo)

R. Vaughan Williams — *Fantasia sobre um tema de Thomas Tallis*
L. v. Beethoven — *Concerto para Piano, Violino e Violoncelo em Dó Maior op. 56 (Triplo)*
L. v. Beethoven — *Sinfonia n.º 8 em Fá Maior, op. 93*

Para o Concerto de Lisboa
Bilhetes à venda na Secretaria de Estado da Cultura — Av. da República, 16, Agências de espectáculos. No dia do concerto estão à venda a partir das 14 horas no local do concerto

Preços: Doutorais-1500$00, 1.º Anf.-1000$00 e 2.º Anf.-750$00
Descontos de 60% p/jovens até 18 anos ou portadores de Cartão Jovem e p/todas as pessoas a partir dos 60 anos de idade nos lugares de 1.º e 2.º Anfiteatro. Os alunos das Escolas de Música terão direito a desconto de 80% também nos lugares de 1.º e 2.º Anfiteatro.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS
SALA NOVA
SALA 1
CURTA SERIE DE ESPECTACULOS!
O ESTRANGEIRO EM CASA
TEXTO • RICHARD DEMARCY
MUSICA • JOSE MARIO BRANCO
UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO
TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
QUINTA, SEXTA, SÁBADO ÀS 21.30 h • DOMINGO ÀS 17.00 h
APOIOS F GULBENKIAN • REMEDIUS MUSIC
CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO CITY
SUBSIDIO S.E.C.
MARCAÇOES T. 726 0818
PUBLICO

CANAL DA CRÍTICA

A TV da ninharia

Estreou-se uma série americana, *Miller e Mueller*, de seu nome.

O título explica-se assim: um detective americano, de apelido Miller, encontrava-se em missão na Alemanha, onde, nas fainas antidroga, conheceu uma colega do ofício, a Mueller. Ela era tão boa que o Miller a convidou para trabalhar nos Estados Unidos, mais propriamente em Miami, um dos pontos mais quentes do comércio da droga. Ofereceu-lhe emprego e ofereceu-lhe a mão. Esqueceu, porém, de um pormenor importante: era casado ainda. Quando *miss* Mueller entra em casa, dá de caras com mrs. Miller. Bronca! Ah, estes detectives, sempre de cabeça no ar!

Acontece que mrs. Miller também é detective antidroga, já no posto de sargento. Logo por azar, Mueller é colocada na sua brigada. Dão-se mal, claro. Mas, no seguimento de uma operação arriscada, o Miller apanha um balázio mesmo no mostrador do relógio e vai desta (dizem...) para melhor.

As duas mulheres, de súbito órfãs, irmanadas na mesma dor e na mesma saudade, tornam-se inseparáveis. Mandam os homens às urtigas. São óptimas profissionais, implacáveis do dedo no gatilho. Então corajosas! Aliás, contam com a visível cumplicidade do realizador da série. Assim nasce a dupla *Miller e Mueller*.

A série, como já disse, está vocacionada para a luta contra a droga. Luta em que, como se sabe, a polícia obtém sempre os maiores êxitos. Até porque muitos dos seus agentes não estão feitos com os cartéis, como alguns senadores teimam (na vida mal, é claro) em dizer que é usual.

Como sucede na generalidade das séries americanas, ao espectador apenas se exige uma atitude passiva. Jamais se solicita uma atenção inteligente sobre os fenómenos ou sobre os acontecimentos, os traficantes trabalham em nome individual, por sua conta e risco, e são invariavelmente presos ou abatidos. A bem da Nação, claro. A droga, essa, continua de boa saúde graças a... (Deus me perdoe!)

Estranha-se, de facto, como, num país de tão formidáveis e corajosas corporações, a traficância aumente dia após dia, minando os alicerces sociais. Para justificar o avanço económico do Japão sobre os Estados Unidos, dirão os japoneses: «A nossa droga é o trabalho; o trabalho deles, é a droga»...

Está implícita uma reflexão que não cabe aqui. Aqui, apenas se regista que na Amé-rica, crescendo a droga, crescem as séries contra a droga. Pois. É o que está a dar...

Derradeiro apontamento.

No terceiro episódio da série (a droga era passada durante as digressões ao estrangeiro de equipas de futebol da universidade...) assistiu-se a isto: um jogador beija uma rapariga da claque. O insólito caso é que ele era negro e ela branca. Em quase 25 anos de olhos no televisor, é a primeira vez que vejo coisa semelhante. Ai se a Ku-Klux-Klan sabe!

Vêm notícias de Espanha. Espanha aqui tão perto e daqui tão longe.

Referem-se às vicissitudes da televisão privada. Aquilo vai mal para o negócio. Há casos em que os prejuízos se elevam a seis milhões de contos por ano. Razões principais: a qualidade da televisão oficial (com os seus canais regionais) e a ausência de qualidade própria. Que atinge a caricatura.

Assim, conta-nos Vasco Lourinho que, num bloco informativo, os erros de alinhamento foram tantos que o locutor apostou com os espectadores uma sanduíche e uma cerveja em como o anúncio da próxima entrada daria certo...

Salvas as devidas distâncias, recordo o que se passa entre nós. Ainda não chegámos à sanduíche e à cerveja. Por enquanto.

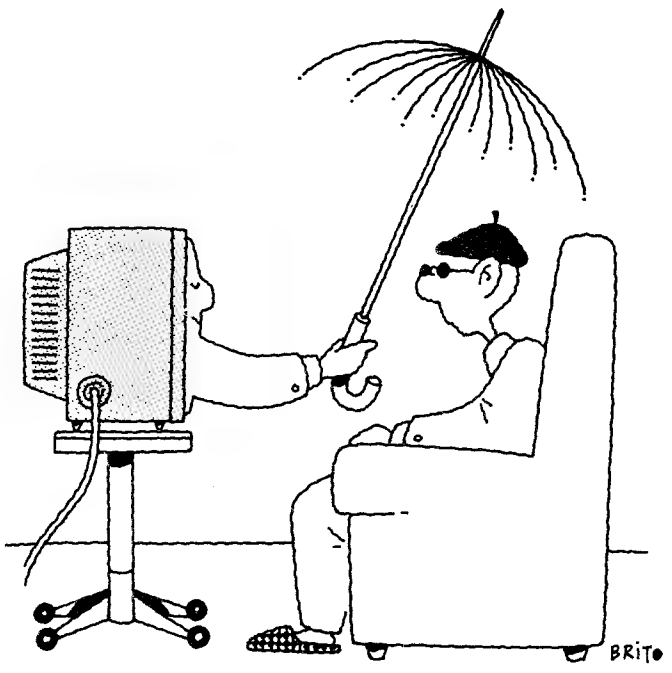
Os clubes de vídeo

Mais notícias de Espanha. Em causa, os clubes de vídeo, 8500 nada mais, nada menos.

Pois estão em crise. Para já, mais de metade vai para o maneta. Porquê? Porque a televisão insiste na transmissão de filmes. Eróticos, alguns. *Emanuelle*, por exemplo, já por lá passou.

A transmissão faz-se em doses industriais. Este ano já foram 340, contando com os canais regionais. Só a TVE avança com três por dia!

Entre nós, também o recurso às grandes metragens têm aumentado. Por enquanto, não se fala nas crises dos clubes de vídeo que, por todo o País, estão preenchendo o vazio deixado pelas livrarias...



O prémio da nabice

Camilo José Cela, Prémio Nobel da Literatura, esteve em Portugal, mais concretamente em Monção, onde foi nomeado sócio honorário dos Bombeiros Voluntários da vila.

Dizem-nos que eram mais as cadeiras vazias do que as ocupadas. Que o ministro da Educação não apareceu, nem se fez representar. Igualmente ninguém da Secretaria da Cultura.

(Curiosamente estas informações prestadas no *Primeiro Jornal*, das 19 horas no segundo canal, viriam a ser eliminadas no *Jornal de Sábado*. E depois dizem que não há censura em Portugal...)

O repórter informa que o romancista «é filho de uma inglesa e de um funcionário público». Ah, bem sei, um país chamado Função Pública, no continente da Burocracia...

Vejamos agora a entrevista:

Rep. - *O que é escrever em castelhano, e não em galego, que é a sua língua mãe?*

Cela - *Sempre falei espanhol.*

Rep. - *O Prémio Cervantes vai ser para quando?*

Cela - *Não sei.*

Rep. - *É um desejo grande...*

Cela - *Quê?*

Rep. - *É um desejo...*

Cela - *Claro, naturalmente.*

Rep. - *É um desejo maior que*

continua na pág. 26

INSTITUTO DO TRABALHO PORTUÁRIO
MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES
SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS
ITP INSTITUTO DO TRABALHO PORTUÁRIO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO E OU ALUGUER DE UM SISTEMA INFORMÁTICO DEPARTAMENTAL UNIX AO INSTITUTO DO TRABALHO PORTUÁRIO.

1. — Local e hora para exame do processo — Direcção dos Serviços Administrativos do Instituto do Trabalho Portuário, sito na Rua de D. Lourenço de Almeida, 16, em Lisboa, das 9 horas e 30 minutos às 12 horas e das 14 horas e 30 minutos às 17 horas e 30 minutos.
   Os interessados podem obter cópias do caderno de encargos no mesmo local e às mesmas horas ao preço de 5000$00 por exemplar.

2. — Local, dia e hora para a entrega das propostas — no serviço indicado no n.º 1, até às 17 horas e 30 minutos do dia 6 de Julho de 1990.

3. — O local, dia e hora do acto público do concurso — no serviço indicado no n.º 1, pelas 10 horas do dia 9 de Julho de 1990.

Instituto do Trabalho Portuário, 18 de Junho de 1990

O Presidente do Conselho Directivo
J. Lopes da Silva

SINTRA Verão 90

ANIMAÇÃO TURÍSTICA
SINTRA

XXV FESTIVAL DE SINTRA
14 DE JUNHO / 15 DE JULHO 1990

Sexta-feira, 22 de Junho, 21.30 h – Palácio Nacional de Sintra
MICHEL PORTAL clarinete
ALAIN PLANÈS piano
Brahms
Sonata em fa menor para clarinete e piano op 120 n 1
Sonata em mi bemol maior para clarinete e piano op 120 n º 2
Schuman
Três peças de fantasia para clarinete e piano op 73
Debussy
Rapsodia para clarinete e piano

Domingo, 24 de Junho, 18.00 h – Quinta do Vinagre
JORGE MOYANO piano
Schumann
Carnaval op 9
Brahms
Três intermezzi op 117
Chopin
Quatro valsas Sonata em si menor op 58

Terça-feira, 26 de Junho, 21.30 h – Palácio Nacional de Queluz
GABRIELI STRING QUARTET
MIKHAIL RUDY piano
Dvorák
Dois Cprestes para quarteto de cordas Quarteto de cordas em do maior op 61
Brahms
Quinteto com piano em do menor op 60

Sexta-feira, 29 de Junho, 18.00 h – Quinta da Piedade
JOSÉ CARLOS COCARELLI piano
MICHAEL ZILM maestro
ORQUESTRA GULBENKIAN
Ravel
Ma Mere l Oye
Beethoven
Concerto n 4 para piano e orquestra em sol maior op 58
Schumann
Sinfonia n 1 em si bemol maior op 38

Sábado, 30 de Junho, 18.00 h – Quinta da Penha Longa
JEAN-FRANÇOIS HEISSER piano
Brahms
Sonata para piano em fa menor op 5 n 3
Granados
Cenas Românticas
Albeniz
Iberia segundo caderno

Domingo, 1 de Julho, 18.00 h – Quinta da Piedade
TZIMON BARTO
Liszt
Estudos de Execução Transcendente ciclo integral

Terça-feira, 3 de Julho, 21.30 h – Palácio Nacional de Sintra
TRIO WANDERER
Mendelsshn
Trio com piano em do menor op 66 n 2
Tchaikovsky
Trio com piano em a menor op 50
Chausson
Trio op 3

Sexta-feira, 6 de Julho, 18.00 h – Quinta do Vinagre
GEORGES PLUDERMACHER piano
Schumann
Cenas Infantis op 15
Liszt
Sonata em si menor
Debussy
Prelúdios II Livro
Ravel
Gaspard de la Nuit

Segunda-feira, 9 de Julho, 18.00 h – Quinta da Piedade
ANDREA LUCCHESINI, piano
Chopin
Três improvisos Sonata n 2 em si bemol menor op 35
Debussy
Dois Arabescos Suite Bergamasque Estampes

Quarta-feira, 11 de Julho, 18.00 h – Quinta da Penha Longa
PETER DONOHOE piano
Debussy
Images primeiro caderno
Beethoven
Sonata para piano em do maior op 53 (Waldstein)
Rachmaninov
Treze Prelúdios op 32

Domingo, 15 de Julho, 21.30 h – Palácio Nacional de Queluz
SEQUEIRA COSTA piano
Schumann
Carnaval de Viena op 26
Chopin
Vinte e Quatro Prelúdios op 28

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
INFORMAÇÕES: Turismo de Sintra: Telef. 923 54 01 / 923 11 57

BILHETEIRAS: Turismo de Sintra das 9.00 às 20 00 horas • Turismo de Colares Telef 929 26 38 • Valentim de Carvalho (Amoreiras) das 10 00 às 23.45 horas • Nos locais 1 hora antes do espectáculo

ESPECTÁCULO: **1250$00**
Desconto de 10% para portadores de Cartão Jovem

APOIO:
Fundação Calouste Gulbenkian / Secretaria de Estado da Cultura / Câmara Municipal de Lisboa / British Council / Embaixadas do Brasil e França / Enatur / Cartão Jovem / Instituto de Promoção Turística / Agência Abreu / Banco Pinto e Sotto Mayor / Sarrió

CANAL DA CRÍTICA

A RTP é pobre...

continuação da pág. 25

o Nobel? É um desejo ainda maior que o Prémio Nobel?

Basta. Dói o coração só de transcrever o prémio da nabice, cabe ao repórter anónimo da televisão. Com todo o «mérito», como se prova.

Conta-gotas

João Soares Ferreira, soturno como sempre (está a fazer escola. Veja-se o visual de Cândida Pinto) anuncia a entrevista de Nino Vieira, presidente da Guiné, com um comentário:

- Surpresa das surpresas: diz que é social-democrata!

Onde está a ética jornalística da não ingerência na notícia?

• *Jornal de Sábado*, notícias da Roménia: «Um mineiro anónimo diz que...»

Então o anonimato dá responsabilidade?

• Aquele Rodrigo! Oiçamo-lo no Inglaterra-Holanda: «Ambos têm a possibilidade não só de arrancar dois pontos, como a de os retirar ao seu opositor.» Genial!

• O cão-de-água português, conta-nos Armando Ferrão, no «Arca de Noé», ia nos barcos para detectar os cardumes. Agora já não vai. Há outros meios. Por isso corre o perigo de extinção. Mais uma vítima das altas tecnologias.

• Tecnologias. Brassens (tão bom encontrá-lo...) estava-se nas tintas para elas. Dizia: «o progresso, para mim é um bocado de relva onde me possa deitar.»

A relva. Conseguirá ela escapar às novas tecnologias?

• Voltemos ao futebol. RFA-Emiratos. Conversam Miguel Prates e Manuel da Costa, quando um árabe se estatela. Assim:

- Faz gesto de ver tudo andar à roda.

- Ver tudo andar à roda está ele desde que o jogo começou.

Troçar dos fracos: o crime supremo.

• Fátima Lima: «Amanhã, Jornal da Tarde *trazer-lhe-á* mais notícias».

Então um profissional da locução não sabe o mínimo do seu ofício? Nunca lhe ensinaram que se diz *trazerá-lhe* ?

Mais uma cruz? Para quê?

O transplante dos órgãos foi o primeiro tema de *O Rosto da Notícia*. A rubrica mantém as suas características princi-

pais: diálogo entre grandes planos, trabalho exclusivo de estúdio.

O mais baratinho. A RTP é pobre...

Acentue-se que Maria Elisa tem corrigido o seu visual. Aqui está alguém que sabe utilizar as críticas em seu benefício. Só os tolos - Deus lhes perdoe! - agem doutro modo. Pessoalmente ainda, quer-me parecer que aquela cabeleira arqueada (género saia de balão) me parece um exagero para rosto tão miúdo e para tela tão pequena. Ora veja lá isso.

Para assunto como este, a presença de Queirós e Melo era indispensável. Aqui está uma figura telegénica. A simplicidade, a modéstia, a fuga ao calão do ofício, ao estrelato e ao sensacionalismo, em televisão, rendem juros altos.

Na memória, algumas das suas reflexões: «Em Portugal, de certa forma, todos nós não funcionamos...» «A saúde no nosso país não se resolve com transplantes...» «Com o avanço da medicina e da tecnologia, o cirurgião vai deixar de ser o herói da fita...»

Permito-me discordar da solução que aponta para o problema das doações de órgãos: todo o cidadão daria ou não autorização através de uma cruzinha nos bilhetes de identidade.

Caia na real, professor. Já viu a complicação que isso dava? Num país já com tantas cruzes, para quê inventar mais uma?

II

Talvez para compensar o clima denso da primeira parte, Elisa trouxe-nos um frente a frente com Herman José e Nicolau Breyner. *Passei uma semana terrível* - começou por dizer - *Façam-me rir...*

Só que eles estavam ali para serem entrevistados e não para fazer momices. Antes estivessem. Ao menos isso fazem bem, é a sua arte.

Desta conversa não se guarda nenhuma recordação. Nem boa, nem má. Nenhuma, que é o pior de tudo. Nenhuma, digna de o ser. Que nos importa que ambos sejam, como pessoas, tímidos; que o Nicolau seja volúvel; que, depois de andanças várias (ah! os *Tempos de antena* em que ele participava!) seja agora apoiante de Cavaco Silva; que Herman ache não se dever um cómico meter nessas coisas, para não ver diminuída a base de apoio. A conversa foi uma boa demonstração daquilo a que os franceses chamam «a televisão da insignificância».

Se a entrevista não passou de ninharia (e ainda por cima confusa, baralhada, caótica) lamentável foi a participação de Breyner cómico artista. Herman José ainda desenhou uma caricatura de Breyner, com bons apontamentos de observação. Breyner limitou-se à imitação do Estebes que foi um desastre. Um artista que se preze não se sujeita a aparecer, seja onde for (e muito menos na televisão) sem um mínimo de preparação, de estudo, de ensaio.

A sua prestação chegou a doer de tão medíocre, de tão gaguejada, de tão... escolar.

Não quero terminar esta nota sobre *O Rosto da Notícia* sem contar a coisa mais linda que me lembro de ouvir há muito tempo, e na televisão acho que nunca. Foi quando a Maria Elisa perguntou a um transplantado do coração o que era para ele a vida.

- A vida para mim - respondeu - *é um lirismo...*

A frase fica vibrando, como um remorso, dentro de nós, minados pela rotina das horas ferrugentas...

Mário Castrim

BREVES

Almada ficou sem Feira do Livro

A Feira do Livro de Almada, que teria lugar no nono ano consecutivo a partir do dia 23 deste mês, só terminando a 8 de Julho, não se realizará devido à recusa, pela autarquia local, de lhe dar apoio logístico e financeiro. A queixa foi divulgada pela direcção do Centro Cultural de Almada, organizadora da iniciativa, salientando que todo um programa de actividades culturais que incluiriam o cinema, o vídeo, o teatro, a música, colóquios e exposições de artes plásticas, ficou assim anulado. «Ao inviabilizar a 9ª edição da Feira do Livro, a Câmara Municipal demonstra uma vez mais a insensibilidade e incoerência para com o Centro Cultural de Almada e a sua acção», diz o documento distribuído pela Imprensa.

Quadro de Vieira da Silva na Sotheby's

A Sotheby's de Londres irá leiloar um quadro de Vieira da Silva no próximo dia 28, esperando-se que «Souterrain», pintado em 1948, obtenha entre 75 mil e 100 mil contos, o que, a verificar-se, constituirá um recorde da grande artista. «Estudo para um Retrato», de Francis Bacon, poderá atingir nesse mesmo leilão entre os 300 e os 400 mil contos.

Acarte com programa «em cheio»

O serviço Acarte da Gulbenkian, agora dirigido por José Sasportes, tem os próximos três meses de actividades bem preenchidos. Em Julho terá lugar o ciclo «Dança em Nova Iorque», com a presença das companhias de Bebe Miller (dias 4, 5, 6 e 7), Douglas Dunn (dias 11, 12, 13 e 14), Stephanie Skura (dias 21, 22, 23 e 24), e Alwin Nikolais / Murray Louis (dias 27, 28, 29 e 30) no anfiteatro ao ar livre. Paralelamente a estes espectáculos, a coreógrafa Yoshiko Chuma dirigirá um *workshop* destinado a bailarinos profissionais e estudantes finalistas, do qual resultará uma obra que o público poderá apreciar a 27, 28 e 29, na sala polivalente do Centro de Arte Moderna.

Agosto será, como habitualmente, o mês do jazz, e o tema do «Jazz em Agosto» deste ano, concebido ainda por Madalena Perdigão, é suficientemente explícito: «New Orleans, Hoje». Brandford Marsalis tocará dias 2 e 3, Benny Wallace a 8 e 9, António Pinho Vargas, Arild Andersen e José Nogueira subirão ao estrado armado nos jardins da Fundação Gulbenkian a 14, o José Castro/Mário Franco Ensemble apresenta-se no dia 17 e a Dirty Dozen Brass Band está marcada para 22 e 23.

O melhor de tudo está reservado para Setembro, no entanto, quando começarem os Encontros Acarte. As companhias de dança de Karina Saporta e Jean-Claude Gallota virão a Lisboa, o «Laakon» de Rosamund Gilmore, Jan Fabre e o DV8 Physical Theatre também, como ainda o teatro de Johan Leysen e Giorgio Barberio Corsetti ou o grupo musical Maximalist. As datas destes espectáculos serão divulgadas atempadamente.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1692

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, com origem no apoio n.º 12 da linha para o PT CCH 55 Foros da Branca e término no PT CCH 206 Escolas-Fazenda das Figueiras, com 311 metros, na freguesia de Foros da Branca. Concelho de Coruche. Na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE CORUCHE durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 7 de Junho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de serviços

«DL» — 21/6/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1881

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, com origem no apoio n.º 2 da linha para o PT ACN 46 de Minde e término no PT ACN 88 Minde com 19 metros, na freguesia Minde, concelho de Alcanena na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ALCANENA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 7 de Junho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de serviços

«DL» — 21/6/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/2009

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças par Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 15 kV, com origem no apoio n.º 10 da linha para o PT CTX 10 Perto de Muge e término no PT CTX 115 Casal Dr. Ricardo, com 670 metros, na freguesia de Valada, concelho do Cartaxo.
na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE CARTAXO durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 54 88 07, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 6 de Junho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de serviços

«DL» — 21/6/90

DESPORTO

«Estrelinha» prepara-se para a Europa

Diamantino na Amadora

Embora vivendo um período pré-eleitoral, o Estrela da Amadora não descura o fortalecimento dos seus quadros futebolísticos, especialmente porque lhe interessa defender o prestígio que foi ampliado com a conquista da Taça de Portugal e, na sequência, o passaporte para a grande Europa uefeira. Nesse sentido, o presidente António Soares e a sua equipa de trabalho (com especial saliência para Sobral de Sousa e Armando Biscoito) já contrataram o flaviense Miranda e, para além de Álvaro (que de há muito se comprometeu com os «estrelinhas») também o benfiquista Diamantino está quase no «team» da Reboleira. António Soares e Sobral de Sousa já tiveram conversações com o dirigente rubro Gaspar Ramos para acerto das condições de mudança dos dois atletas que muito brilharâm ao serviço da águia e agora desejam prolongar as carreiras sob o comando do técnico Manuel Fernandes.

Abdel Ghany diz que sim Cintra afirma que não

Em Itália, diz o futebolista egípcio, à agência EFA: «*Existem contactos entre mim e o presidente Sousa Cintra sobre a minha eventual transferência do Beira Mar para o Sporting, mas nada ainda está decidido. Poderei, inclusivamente, continuar em Aveiro como até transferir-me para França, de onde recebi alguns convites.*» Em Lisboa afirma Sousa Cintra à Lusa: «*Abdel Ghany é um grande jogador e um amigo do Sporting. Tem prestado inegáveis serviços ao clube, nomeadamente nas negociações que temos travado com Hossan Hassan e nada mais. O nosso clube já tem estrangeiros a mais.*»

Sobre o castigo (cinco meses de suspensão) que lhe foi aplicado pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, Sousa Cintra diria: «*Isso não tem qualquer fundamento. Como é que uma pessoa pode ser castigada sem sequer ser ouvida? Não sei a que se referem. Portugal não é um País de bananas onde as pessoas não são respeitadas. Isto não faz sentido nenhum.*»

Ainda sobre o Sporting, a sua equipa principal de futebol estará presente na Taça Marlboro, torneio em que participará a selecção dos EUA e que se disputará no Estádio East Ruther Ford, em Nova Jérsia, nos dias 10 e 12 de Agosto.

Quanto a aquisições, o Sporting firmou contrato com Rosário (Olivais e Moscavide) por três anos e no que diz respeito a Cadete, rubricou contrato por igual período.

Diamantino: mais uma estrela para a Amadora

Moisés: rescisão acordada

O treinador Moisés de Andrade deslocou-se a Lisboa para discutir com os dirigentes do Belenenses, as condições para rescisão do contrato e após algumas horas de conversações com o vice-presidente Joaquim Cabrita e com o chefe do departamento de futebol (José M. Delgado) as partes chegaram a acordo. Sobre o futuro técnico do clube do Restelo, existem seis nomes em agenda e um deles é Manuel José. Quanto à eventual transferência de Morato, das Antas para Belém, José Delgado afirmaria: «*Morato não está nos nossos planos.*»

Futebol ainda se joga

Realizou-se ontem mais uma jornada referente aos torneios de apuramento dos vencedores dos campeonatos nacionais das 2.ª e 3.ª Divisões. Na Divisão 2, o Salgueiros venceu o Gil Vicente por 3-0 assumindo o comando quatro pontos (três jogos) seguindo-se o Gil Vicente (3-3) e o Farense (2-1). Na Divisão 3, o Montijo derrotou o União de Tomar por 2-1 e o Esposende venceu o Lousada por 1-0. As classificações estão assim ordenadas:

— Zona Norte:

	J	V	E	D	G	P
Lousada	4	2	1	1	7-4	5
Esposende	3	1	1	1	5-5	3
Anadia	3	—	2	1	1-4	2

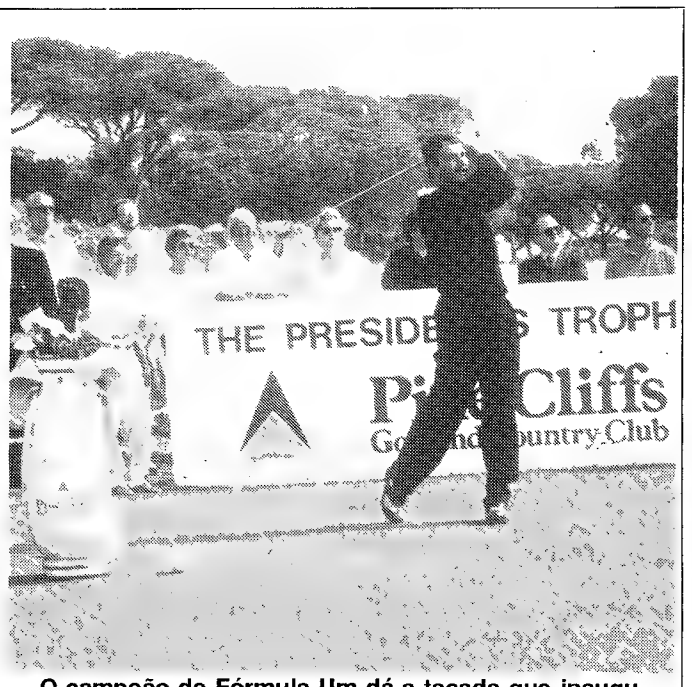
— Zona Sul:

	J	V	E	D	G	P
Montijo	3	2	1	—	4-1	5
U. de Tomar	4	1	1	2	4-5	3
Santa Clara	3	1	—	2	3-5	2

Abitragem: ciclo fechado

O Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Lisboa vai promover pelas 20 e 30 da próxima sexta-feira (dia 22), a sessão de encerramento das actividades da presente temporada, durante a qual serão distribuídas lembranças aos filiados licenciados, aos primeiros classificados das 1.ª e 2.ª categorias regional, membros da Comissão de Apoio Técnico, monitores e outros colaboradores e entidades.

A sessão que decorrerá no auditório da União dos Comerciantes (Rua Castilho, 14) serão proferidas palestras por Manuel Sérgio e Álvaro Braga Júnior, subordinadas ao tema «Futebol-Arbitragem» e antes da exposição sobre as actividades do Conselho, será feita a evocação de Filipe Gameiro Pereira que foi, depois de António Ribeiro dos Reis, o mais esclarecido tratadista das leis de jogo, tendo desempenhado o cargo de presidente da Comissão Central de Árbitros e membro dos quadros técnicos da FIFA.



O campeão de Fórmula Um dá a tacada que inaugurou, oficialmente, o campo de golfe de Pine Cliffs, na algarvia Praia da Falésia

Mansell preso de amores compra casa no Algarve

Nigel Mansell, presidente do Pine Cliffs Golf and Country Club, na Praia da Falésia (Algarve) foi o anfitrião da 1.ª prova qualificativa do «troféu do presidente», que se realizou naquele empreendimento turístico, actualmente em fase de acelerada construção. Um magnífico campo de nove buracos, projectado pela Hawtree & Sons, será palco dos quatro torneios de apuramento, que vão ter próximas etapas nos dias 20 a 22 de Julho e de 17 a 19 de Agosto, estando a final marcada para o período entre 14 e 16 de Setembro.

Teresa Abecassis (campeã nacional em praticantes amadoras), Jimmy Smith (proprietário em Pine Cliffs), Peter Smith e João Morais Leitão foram os concorrentes melhor classificados na rodada inicial do «Troféu do presidente», com apuramento dos dois primeiros para a competição final e, desde já, com direito a prémios que foram entregues por Nigel Mansell a bordo do iate «Condor» que, largando da Marina de Vilamoura, fez um mini-cruzeiro de uma hora junto à Praia da Falésia.

Nigel Mansell, para o «DL», declarou:

— Estou a ficar velho para andar na Fómula 1: talvez mais quatro anos e logo o adeus às pistas.

Contou:

— Quando não ando a pilotar, jogo golfe com os meus filhos, que já são razoáveis praticantes. O golfe é o uńico desporto que se pode praticar dos oito aos 80 anos. E, agora que tenho casa na Pine Cliffs, vou aqui morar entre três e cinco meses em cada ano, especialmente no Natal e nos tempos livres de Verão. Aprecio o vosso estilo de vida, a calma e boa comida. As pessoas são simpáticas. E amigáveis: ao contrário do que acontece no Brasil...

Sorrindo:

— Sob palavra: no meu avião privativo já estava habituado a vir até ao Algarve para jogar golfe, mas nunca imaginei que aqui encontrasse tanto repouso. Quando chegar aos 50 anos não saio mais de Portugal!

assim vai o totobola

O Comércio de Leixões: X11 XX2 121 212X; De Tudo Um Pouco: 1XX 1X1 111 2X11; Eu Sei Tudo: X1X 1X1 111 2121; Litoral: 111 1X1 111 2121; O Mensageiro: 121 121 2X1 2XXX; Tempo e Resultado: X11 X2X 111 2111; Secção Desportiva/R. Comercial: XX1 121 111 2111; Tempo de Deserto: 111 12X X1X 2111; Panorama: 1X1 11X 121 X1X2; Placard Desportivo: XX1 X21 11X 2111; Música e Desporto/Rádio Placard: 111 X2X X11 X111; O Jornal da Lixa: X11 X21 111 2111; Desporto e Música/R. Covilhã: X11 XX1 111 21XX; Cultura e Recreio: X11 XX1 X1X 2XX1; Um Caso Por Semana: XXX 1X1 11X 21X1; Foi Notícia: X11 XX1 111 2122; De Tudo Um Pouco: XX1 XX2 212 2112; Nova Antena: XX1 X2X 11X 2121; Rádio Totobola: X11 XX1 111 2111; Jornal de Sintra: 111 121 X11 2111; Resenha Desportiva: XX1 121 111 2111; Quadrante Norte; X11 XXX 111 2111; Jornal 1X2: XX1 121 111 21X1; Jornal da Graça: X1X 1X2 211 21X2; A Voz dos Ridículos: 111 121 X1X X111; Informação Desportiva/R. Altitude: XXX XX1 111 21X1; Jornal da Beira: 111 121 111 2111; Gazeta das Caldas: 111 XX1 111 1111; Reconquista: X11 XX1 11X 2111; A Defesa: 111 XX1 X11 21X1; Voz de Lamego: 111 X21 X11 2211; Ecos de Cacia: 111 X21 111 21X1; Correio do Vouga: 11X X21 1X1 22X1; Notícias de Chaves: 211 X22 X1X 21X1; Notícias de Gouveia: 1X1 222 112 211X; Penalti: 11X X21 111 2121; Notícias de Guimarães: X1X 1X1 1X1 X111; O Jornal de Amarante: X11 1X1 111 2111; Defesa de Espinho: XXX 121 X1X X11X; Folha do Domingo: X11 XX1 111 X111; Correio de Coimbra: 111 1X1 111 21X1; A Voz do Domingo: XX1 X21 111 21X1; Encontro Com a Manhã: 11X X21 121 XX1X;

Meia Tarde: 112 X21 1X1 1211; Convidámos Para Lanchar: 11X X21 11X X212: Contacto/Rádio Guarda: 1X1 X21 12X 1112; Desporto/Rádio Guarda: 11X X21 112 XX11; Rádio Guarda: 1XX X21 1X2 1X1X; Notícias de Felgueiras: X11 XX1 111 X1X1; O Jornal de Felgueiras: X11 XX1 111 X1X1; Jornal de Gaia; XX1 1X1 11X 2111; Jornal de Notícias: 111 1X2 11X 2111; Semanário da Região Bairradina; XX1 XX1 111 21X1; Notícias de Viseu: 1XX 1X1 1X1 21X1; Diário de Viseu: 11X 1X1 111 11X1; No Estúdio e no Estádio: 11X X21 112 21X1; Tarde Desportiva: 111 X2X 11X 2111; Livre e Directo: 111 221 112 21X1; Alvo Desportivo: 111 211 X1X 1111; Rádio Alvo: 111 XX1 112 1X11; Alvo: 111 121 111 X1X1; Alvo Desportivo: 111 XX1 X11 X221; Frente Desportiva: XXX 1X1 111 2111; Bola Branca: 1X1 X21 X11 X1X1; RR/Desporto: X11 1X1 111 X1X1; Diário de Lisboa: 121 211 111 2212.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 24/90 DE 21 DE JUNHO DE 1990

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Farense - Gil Vicente	34	30	1	6	5	1
2. Esposende - Anadia	44	20	1	8	3	1
3. Montijo - St.º Clara	47	17	1	9	2	1
4. Benfica - Sporting	25	37	3	5	6	1
5. Guimarães - Porto	2	31	32	1	5	6
6. Farense - Gil Vicente	52	7	6	10	1	1
7. Esposende - Anadia	50	12	3	9	2	1
8. Montijo - St.º Clara	55	6	4	10	1	1
9. Benfica - Sporting	43	15	7	8	3	1
10. Guimarães - Porto	7	15	43	1	3	8
1.º Maio - Juv. Luanda-Sul	53	7	5	10	1	1
12. FC Cabinda - Sp. Benguela	34	24	7	6	5	1
13. Petro Luanda - D. Taag	52	7	6	10	1	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
111 X21 111 2111

I Série N.º 141
Dia 21 de Junho
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças e da Educação

Portaria n.º 465/90:
Alarga o quadro do pessoal não docente do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 466/90:
Lança em circulação, cumulativamente com as que estão em vigor, uma emissão de selos com tarja fosforescente alusiva aos «Frutos e plantas tropicais da Madeira - série base».

Região Autónoma da Madeira

Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 18/90/M:
Cria lugares de quadro para professores de Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e do ensino secundário da Região Autónoma da Madeira.

Região Autónoma dos Açores

Governo Regional

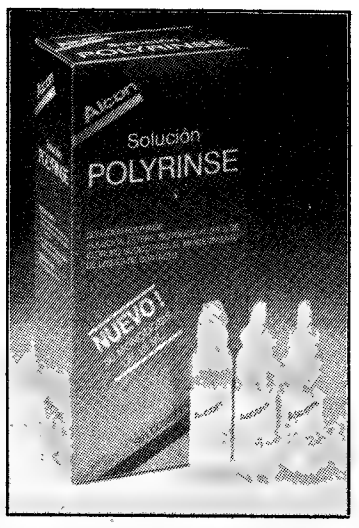
Decreto Regulamentar Regional n.º 19/90/A:
Prorroga pelo período de um ano as medidas preventivas estabelecidas pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 35/88/A, de 13 de Agosto, para a área de protecção às instalações do Serviço Regional de Protecção Civil dos Açores (SRPCA) em Angra do Heroísmo.

PESSOAS & FACTOS

Unitram lança Solar da Marina em Cascais

Um novo empreendimento, denominado Solar da Marina, está a ser lançado pela Unitram, em Cascais, inserido num conjunto de edifícios da mais alta qualidade e com uma vasta relação de serviços ao dispor dos futuros moradores.
A criação de um espaço de qualidade, conjugando os edifícios e zonas verdes, foi um dos objectivos que presidiu ao projecto da Unitram para o Solar da Marina.
Inegrando apartamentos T1, T2 e T3, esta urbanização caracteriza-se pelas exceccionais condições de pagamento e pela elevada qualidade dos acabamentos.
Projectado pelo arquitecto Paiva Lopes, o Solar da Marina foi elaborado por computador, usando alguma da mais avançada tecnologia digital na área da arquitectira.

Solução Polyrinse limpa todo o tipo de lentes



Agora já é possível usar lentes de contacto sem o risco de alergias e desconforto.

A «Alcon» lançou no mercado português a Solução Polyrinse, a primeira solução salina sem conservantes, para limpeza diária de todo o tipo de lentes.

Concebidas para trazer consigo, em qualquer ocasião, no trabalho ou em férias, a nova embalagem de 30 unidoses da Solução Solyrinse é a sua 'solução'.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro
Céu muito nublado com possibilidade de períodos de chuva que será fraca no litoral centro. Vento fraco a moderado de Oeste
Regiões do Sul.
Céu puco nublado. Vento geralmente fraco de Noroeste.
Mar encrespado ou de pequena vaga na Costa Ocidental, Norte e Centro, com ondulação noroeste de 1 a 2 metros e mar encrespado com ondulação noroeste inferior a 1 metro na Costa Sul.
Amanhã
Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco, soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste durante a tarde. Neblinas matinais. Pequena subida de temperatura.
Depois de amanhã
Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco, soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste durante a tarde. Neblina matinal.

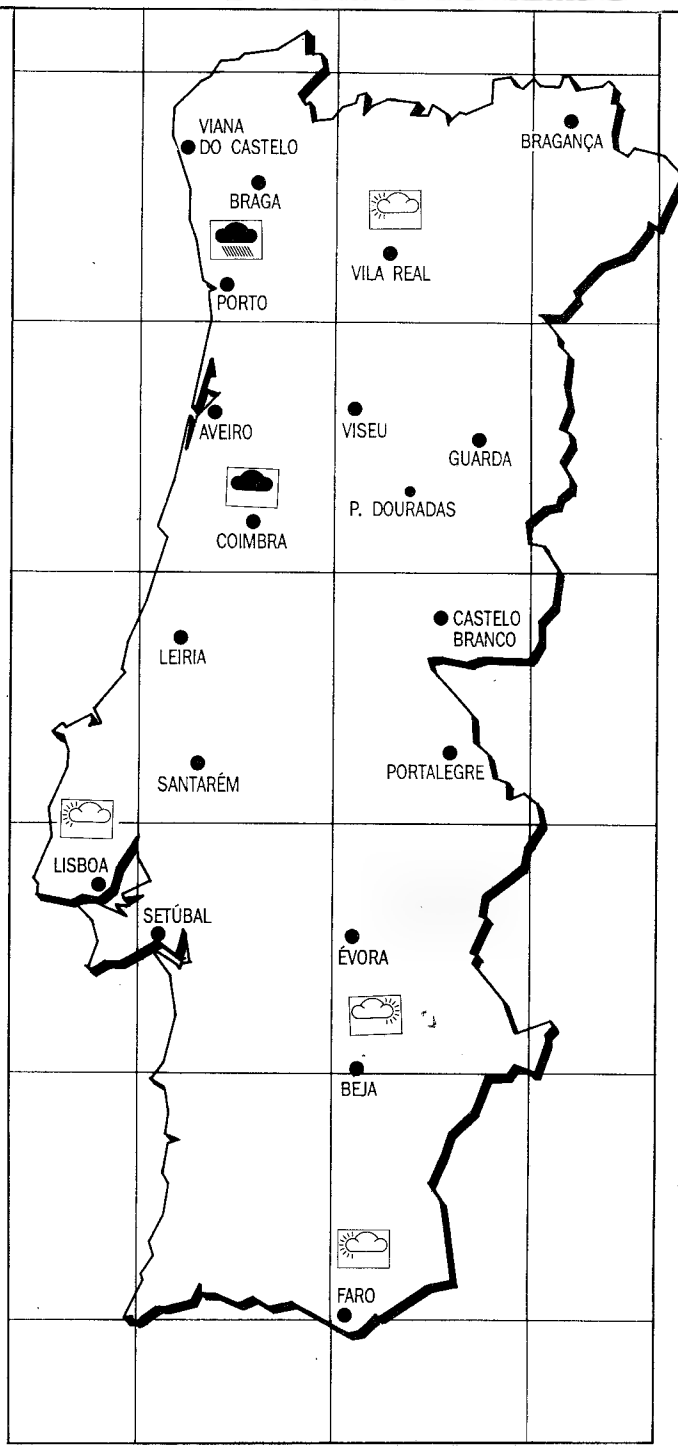
MADEIRA

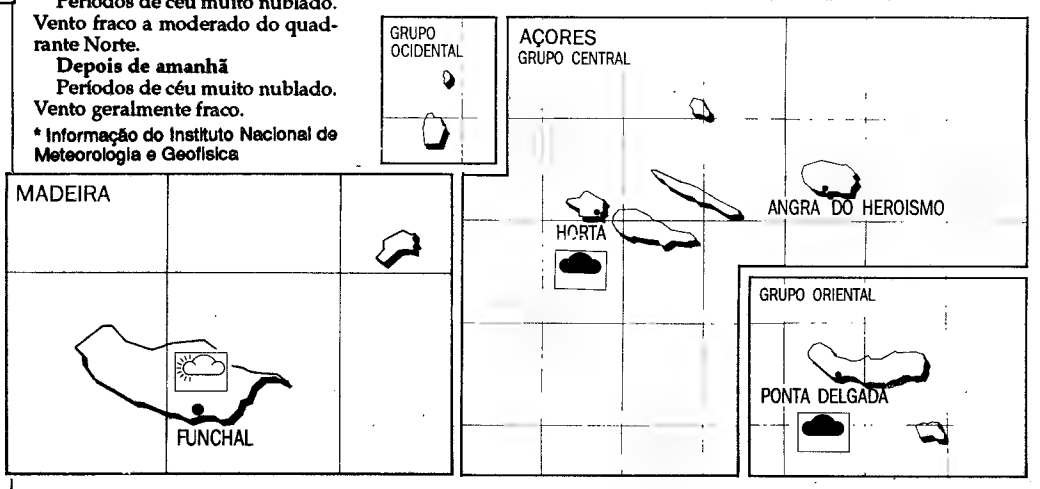
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Norte.
Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.
No Funchal
Períodos de céu muito nublado e vento fraco.
Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Norte, sendo fraco na região do Funchal.
Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste, sendo fraco na região do Funchal.

AÇORES

Em todo o arquipélago
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Norte.
Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros.
Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado do quadrante Norte.
Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
02.22	3,4m	08.07	0,7m
14.49	3,6m	20.40	0,6m

Amanhã

03.20	3,5m	08.57	0,6m
15.42	3,8m	21.32	0,4m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	10	11	M. nub.
V. Castelo	15	15	Chuva
Vila Real	11	11	M. nub.
Porto	15	15	Chuvisco
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	12	13	M. nub.
C. Carvoeiro	17	17	M. nub.
C. Branco	12	12	P. nub.
Portalegre	10	10	Neblina
Lisboa	15	16	P. nub.
Évora	12	12	M. nub.
Beja	10	11	P. nub.
Faro	14	14	P. nub.
Sagres	16	17	P. nub.
P. Delgada	18	19	M. nub.
Horta	19	19	M. nub.
Funchal	17	17	P. nub.
Sines	-	-	-

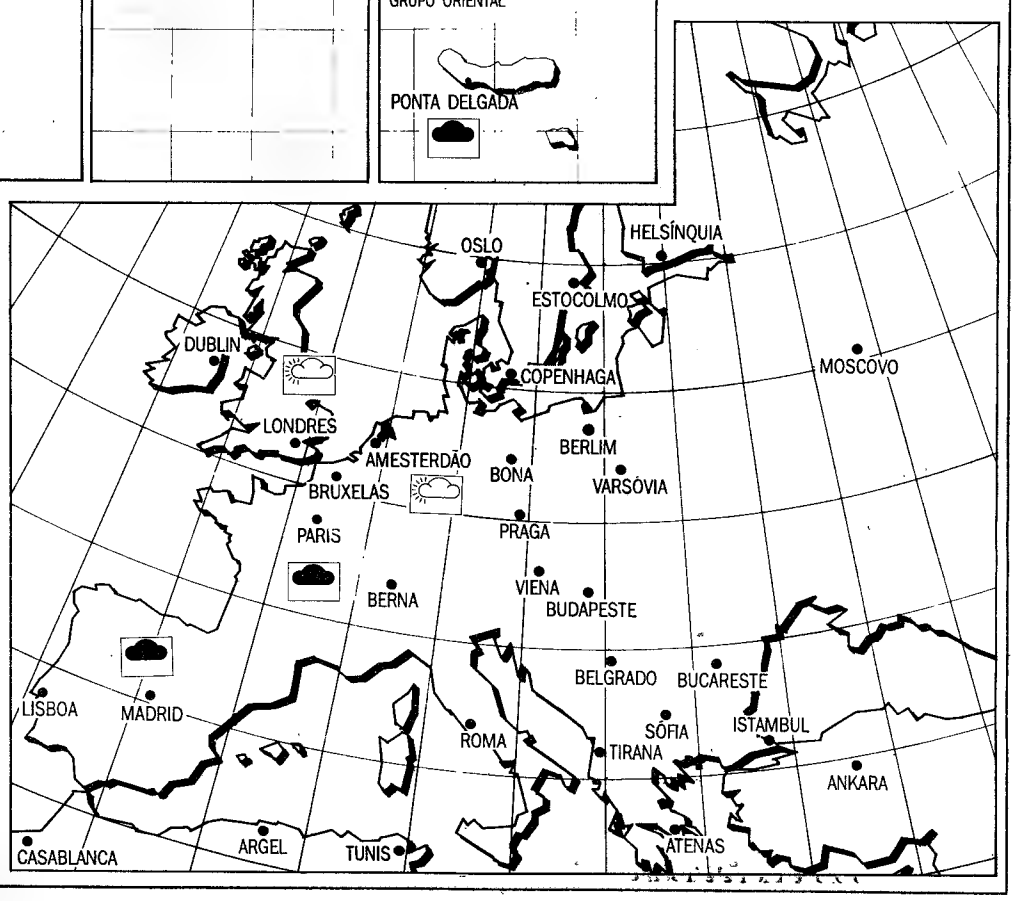
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 23; Porto, 20; Faro, 24; P. Delgada, 23; Funchal, 26.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	11	12	M. nub.
Londres	11	12	P. nub.
Paris	10	10	M. nub.
Bruxelas	9	12	Limpo
Amesterdão	12	12	P. nub.
Genebra	11	13	Neblina
Roma	22	23	Neblina
Oslo	14	14	Chuva
Copenhaga	16	17	Nevoeiro
Estocolmo	13	17	P. nub.
Berlim	15	15	Chuva
Viena	18	19	M. nub.
Varsóvia	-	-	-
Atenas	20	27	P. nub.
Moscovo	-	-	-

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	16	29	Limpo
Houston	24	35	Limpo
Los Angeles	14	23	Encoberto
Montreal	19	28	Aguaceiros
Nova Iorque	19	28	Aguaceiros
S. Francisco	12	27	P. nub.
Toronto	14	22	Encoberto
Vancover	14	24	Nublado
Washington	20	33	Nublado
Hong Kong	26	32	Nevoeiro
Melbourne	3	11	Vento
Pequim	21	28	Aguaceiros
Perth	9	21	Limpo
Singapura	26	32	Encoberto
Sydney	9	17	Nublado
Tóquio	23	29	Aguaceiros
Wellington	7	16	Aguaceiros



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Ajuda: Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117, Tel. 3633288; **Alvalade:** Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Sapadores:** Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21-A, Tel. 832580; **Baixa:** Azevedo Filhos, Rossio, 31, Tel. 327478; **Benfica - Cemitério:** Simões, Calçada do Tojal, 102-A, Tel. 749649; **Campo de Ourique - Prazeres:** Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; **Chelas - Col. Valsassina:** Santos Silva, Zona N 2 - Chelas - Bloco III - Lt. 226 - Lj. 22, Tel. 851265; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90, Tel. 544438; **Lumiar:** Nicolau, Calçada de Carriche, Lote 4 - Loja Esq.ª, Tel. 7588727; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Parque Eduardo VII:** Latina, Av. António Augusto Aguiar, 17-A, Tel. 542312; **Alfragide - Amadora:** Remédios, R. Ivens, 20, Tel. 970544; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas - Quinta do Mendes:** Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, Lote 110, Tel. 9324242; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Avenidas Novas:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22, Tel. 560223; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campolide:** Central Campolide, Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Penha França:** Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B, Tel. 8142533; **Rato:** Manuel Vicente Jesus, Largo do Rato, 3 C-D, Tel. 681947; **Restelo - Av. Vasco Gama - Algés:** Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D, Tel. 610256; **Rocha:** Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16, Tel. 603054; **São Domingos Benfica:** Vitex, Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 993351; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. Ant.º Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Mourão Vaz, R. Moçambique, 18-C, Tel. 4437196. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **Murtal:** Primavera, Rua das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Igreja, P. Igreja, 22-A, Tel. 4937740. Permanente; **Flama,** R. Elias Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Queluz:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51, Tel. 4350123. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rodrigues Garcia, Av. Bons Amigos, Lote 5-D, Tel. 9243693. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Macedo Henriques, R. Bern. Francisco Costa, Lote 1, Tel. 2751297. Permanente; **Cova da Piedade:** Louro, R. Alex. Herculano, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 290002. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7-B, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja, Tel. 2074446. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

«Carnaval» no Rio se o Brasil ganhar

Cá como lá os brasileiros estão confiantes. Tanto, tanto, que a colónia do Brasil em Lisboa programou já os festejos da vitória sobre os italianos, na final do campeonato do mundo de futebol, esta tarde no México. Entretanto, a colónia italiana, menos numerosa, não seguirá com menor entusiasmo o jogo que o satélite atira para cá.

Agnew ataca Kennedy e mais opositores de Nixon

O vice-presidente dos EUA, Spiro Agnew, voltou ontem a atacar os pacifistas e os homens políticos que criticam a política indochinesa do presidente Nixon. O governo - disse Agnew - não precisa de opiniões nem de conselhos para pôr termo à guerra.

Apoteose no Coliseu ao Ballet de Kiev

Após as récitas no Teatro de S. Carlos, o Ballet da Ópera de Kiev veio até ao Coliseu para actuar perante um público incomparavelmente mais vasto e indiferenciado. Sala à cunha, oferecendo por si só um espectáculo deslumbrante. E não faltou o entusiasmo caloroso das grandes noites, para atingir no final dimensões de apoteose.

EFEMÉRIDES

1746

• Em Portugal, um grupo de membros da Maçonaria é julgado num auto de fé.

1813

• O Exército britânico, sob o comando do duque de Wellington, inflige uma derrota total aos franceses, em Vittoria, obrigando Napoleão Bonaparte a fugir de Espanha para a França.

1905

• Nasce o escritor e filósofo francês Jean-Paul Sartre.

1942

• Morre o escultor português Teixeira Lopes.

1973

• O presidente dos EUA, Richard Nixon, e o dirigente soviético Leonid Brejnev, acordam em apressar as conversações sobre a limitação de armas estratégicas, de molde a se conseguir rapidamente um tratado permanente.

1981

• No Irão, Bani-Sadr é demitido das funções de Presidente da República e contra ele é emitido um mandato de captura.

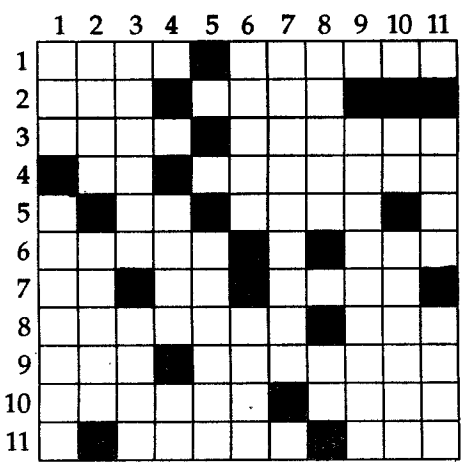
1988

• O Partido Comunista Italiano elege secretário-geral Achille Ochetto, 52 anos, que sucede a Alessandro Natta.

1989

• Apesar de pedidos de clemência mundiais, as autoridades chinesas executam, em público, em Xangai, três homens acusados de deitarem fogo a um comboio em Maio, durante o período de manifestações do Movimento Pro-Democracia.

PALAVRAS CRUZADAS



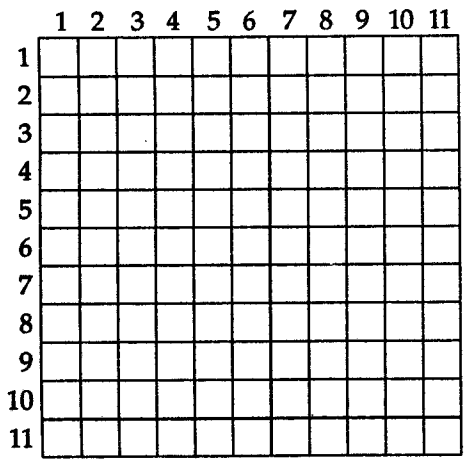
PROBLEMA N.º 17 943

HORIZONTAIS:

1 - Miséria. Estado da Venezuela.
2 - Ave pernalta. Espécie de altar provisório nos templos indianos.
3 - Supremo sacerdote entre os bonzos. Pastora de gado.
4 - Ruténio (s.q.). Acabar.
5 - Conjunção. Cento e um em romano (inv.). Oportunidade.
6 - Adicionar. Cólera.
7 - Post scriptum. Uma das mais antigas divindades da Índia, Deus da justiça e da morte.
8 - Veda. Entre os filipinos a divindade.
9 - Rata. Uniria por casamento.
10 - Todo o corpo que existe no espaço. Remar para trás.
11 - Atrever-se. Anel.

VERTICAIS:

1 - Executou. Aguardar.
2 - Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Restos mortais.
3 - Variedade de mosquito (Bras.). Discípulo de São Paulo.
4 - Leito. Pátria de Abraão (inv.).
5 - Grunhidos.
6 - Executam. Morada.
7 - Efeminarias.
8 - Tanque onde se espremem frutos. Antes de Cristo.
9 - O mesmo que teimaria.
10 - Nota musical. Ter raiva.
11 - Rã (pop.). Ilha do Pequeno Belt.



PROBLEMA N.º 16 753

HORIZONTAIS:

1 - Cidade da antiguidade cujas ruínas à beira do Eufrates se encontra a 160 km a SE de Bagadá.
2 - Preposição. Nome de mulher. Muito.
3 - Procuradores.
4 - Andar com as pernas tortas. Membros de aves.
5 - Enguia. Derrotava.
6 - Magoar.
7 - Progenitores. Estampa.
8 - Senhor. Herdade.
9 - Brisa. Enfeite com objectos de oiro. Ósmio (s.q.).
10 - Linhas. Olé. Arsénio (s.q.).
11 - Ave pernalta. Pega. Arara.

VERTICAIS:

1 - Cidade da Apúlia. Nome que os israelitas dão a Deus, com o qual, no Sinai contraíram aliança.
2 - Átomo. Brisa. Víscera dupla.
3 - Berilo (s.q.). Árias. Autores.
4 - Prefixo que designa afastamento. Naipe das cartas de jogar.
5 - Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
6 - Rio da Polónia. Vantagens.
7 - Palavra chinesa que significa sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos. Espiga.
8 - Ave pernalta do Brasil. Rénio (s.q.).
9 - Instrído.
10 - Empregai. Mirar.
11 - Zomba. Uma das ilhas Jónias. Apelido.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 942

HORIZONTAIS: 1 - COMER. Baú. Á. 2 - Uman. Pandas. 3 - Sacar. Rios. 4 - Trama. Às. 5 - Comparada. 6 - Puros. Unam. 7 - Pá. Asila. Sa. 8 - Aturo. OIT. 9 - Eras. Ror. 10 - DC. Agrada. 11 - AAA. Amasses.
VERTICAIS: 1 - CUSTA. Pá. DA. 2 - Omar. Pateca. 3 - Macacu. Ur. 4 - Enamoraras. 5 - Ramosos. 6 - Psi. Am. 7 - BARBA. LONGA. 8 - ANI. Ruai. Rs. 9 - Udo. An. Trás. 10 - Asadas. Ode. 11 - Ás. Samarras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 752

HORIZONTAIS: 1 - Guatemala. 2 - Atoro. Áureo. 3 Latinos. Rim. 4 - Op. Ceai. 5 - Lesem. Sa. 6 - És. Lago. AC. 7 - Ícaro. Banha. 8 - Aoros. Ardor. 9 - Lãs. Paço. 10 - Sam. Bicaras. 11 - Crepitar. Ma.
VERTICAIS: 1 - Galileia. SC. 2 - Uta. Escolar. 3 - Aotos. Arame. 4 - Tripeiros. 5 - Eon. Mãos. Bi. 6 - Os. Mit. 7 - Aas. Soba. Ca. 8 - Lu. Cá. Arpar. 9 - Arre! Andar. 10 - Eia! Chocam. 11 - Comia. Arosa.

PROVÉRBIO:
COMER À CUSTA DA BARBA LONGA.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
ROMERO
Filme de John Dulgan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
UM HOMEM INOCENTE
Filme de Peter Yates
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
MEU PAI
Filme de Gary David Goldberg
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
TELHADOS DE NOVA YORK
Filme de Robert Wise
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
ROMERO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
UM HOMEM INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
MEU PAI
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
SEGREDO DE GUERRA
Filme de Robert Knights
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
PARA IRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 10
UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
Filme de Sergio Leone
M/6 anos - Às 15.30, e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
SUPERMUNDO DOS BACANAIS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
FORÇA DESTRUIDORA
Filme de Mark Disalle
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

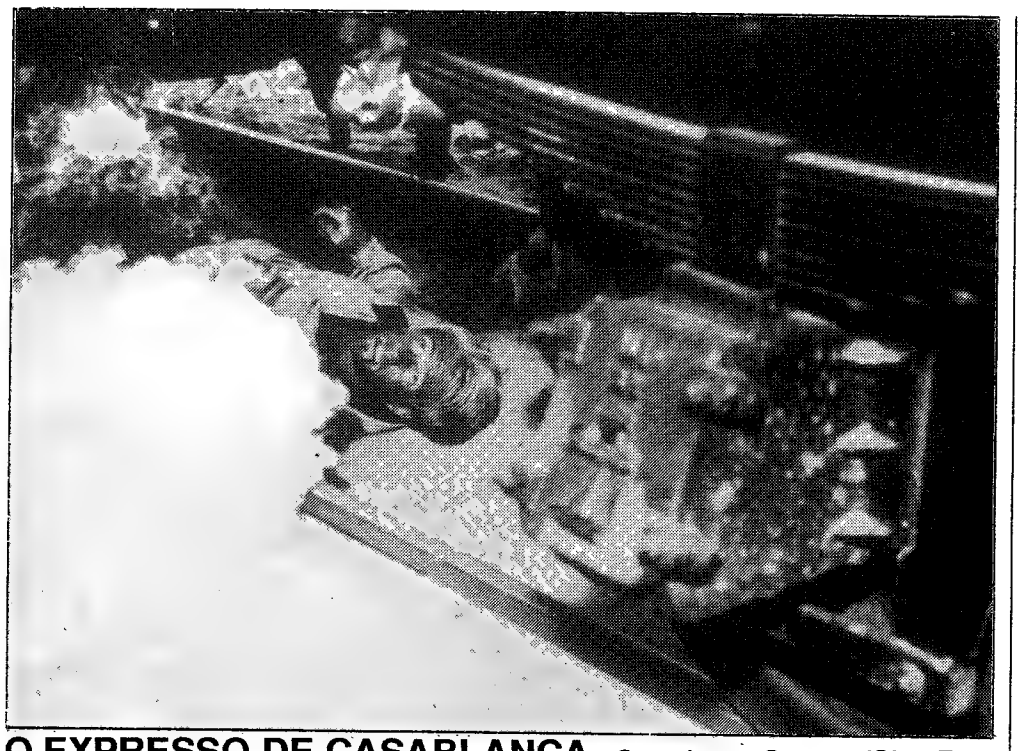
CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
FORÇA DESTRUIDORA
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
TANGO & CASH
Filme de Andrei Konchalowsky
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
NOVIDADES SEXUAIS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085



O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
Brevemente, estreia em Lisboa

UM ADEUS PORTUGUÊS
Filme de João Botelho, às 18.30
PATRULHA DE ÁGUIAS
Filme de Frank Borzage, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
TORA! TORA! TORA!
M/12 anos - Às 14.00, 17.00 e 21.15

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
UM ROSTO SEM PASSADO
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
MEU PAI
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fo
ntes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - às 21.15

AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
M/16 anos - Às 19.15 e 21.45

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
NOBRES VÍCIOS
Filme de Rex Bromfield
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
ROCK DE FOGO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAVA
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
ROMERO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
TELHADOS DE NOVA YORK
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
UM GOLPE DE LOUCOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
UM NINJA AMERICANO 3
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
EM DALAS VALE TUDO
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de Sf.ª Antão - T. 326305
A FUGITIVA
Filme de Mario Azzopardi
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
DOMANI ACCADRÁ
Filme de Daniele Luchetti
M/16 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
NINGUÉM É SANTO
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
MEU PAI
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
A FEBRE REGRESSA
Com John Travolta
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
UM ROSTO SEM PASSADO
M/16 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
O BEIJO DA MULHER ARANHA
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado - T. 2905011
Sala 1
PALPITAÇÕES
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
O MEU PÉ ESQUERDO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
POLÍCIA DE MIAMI
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
O MEU TIO SOLTEIRO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
SONHOS DE AKIRA KOROSAWA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
STAR TREK V: A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/6 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
MUSIC BOX - O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
BELA DEMAIS PARA TI
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
COBRA ATACA
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
STAR TRECK V - A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
UM NINJA AMERICANO III
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
O ÁS DO ENGATE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

9.º JUIZO
ANÚNCIO

No dia 12 de Julho de 1990, pelas 14 horas, no 9.º Juízo Cível de Lisboa, e nos autos de Carta Precatória n.º 34/90, vinda do Tribunal da Comarca de Sintra — 3.º Juízo 2.ª Secção, extraída dos autos de Execução Ordinária n.º 122/78 em que são Exequente Macoreli — Materiais de Construção e Revestimento, SARL e Executada Construções Jerónimo Lda, com sede na Rua Um à Estrada Consigliere Pedroso, Lote 41, em Queluz de Baixo, hão-de ser postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima do valor de Esc. 660 672$00 (cada um dos imóveis), os bens a seguir discriminados:

VERBA ÚNICA:

As fracções autónomas designadas pelas Letras «G», a que corresponde o 1.º andar C, a letra «P», a que corresponde o 3.º andar C e a letra «Q», a que corresponde o 3.º andar D, do prédio urbano em regime de propriedade horizontal, sito na Rua Um à Estrada Consigliere Pedroso, lote 41, em Queluz de Baixo, descrito na Conservatória do Registo Predial de Oeiras, sob o n.º 16 674 a fls 126 v.º do L.º B-54 e inscrito na matriz predial urbana da freguesia de Barcarena, sob o art.3 1747.

Lisboa, 11 de Junho de 1990.

O Juiz de Direito
a) Alberto António Moreira Mira
A Escrivã Adjunta
a) Maria José Gonçalves

«DL» — 2.ª Pub. — 21/6/90

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TAVIRA
ANÚNCIO

FAZ SABER que no dia 18 de Setembro pelas 9.30, no Tribunal Judicial desta comarca de Tavira, e nos autos de Carta Precatória n.º 70/90, vindos do 3.º Juízo Cível da comarca de Lisboa, e extraída dos de Execução de Sentença n.º 1817/A/89, 3.ª Secção, em que é Exequente: A UNIÃO FABRIL FARMACÊUTICA, S.A., com sede na Travessa das Pedras Negras. n.º 1 - 5.º - Lisboa, e Executado ÁLVARO MANUEL DOS SANTOS REGUEIRA, com estabelecimento na Rua Marechal Gomes da Costa, n.º 12 - Santa Luzia - Tavira, serão postos em praça para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima do valor indicado nos autos, os seguintes bens móveis:

Uma vitrine expositora, frigorífica com 2 metros de comprimento em inox.

Uma máquina de Imperial em inox de marca «Marifol».

Tavira, 8 de Junho de 1990.

A Juíza de Direito,
Carla Maria de Senna Fernandes Nascimento Mendes
A Escrivã-Adjunta
Floripes Maria da Conceição Andrez Gonçalves

«DL» — 2.ª Pub. — 21/6/90

TRIBUNAL JUDICIAL DE 16.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução DE SENTENÇA n.º 5831/B 3.ª secção.

Exequentes UNIÃO FABRIL FARMACÊUTICA, SA.

Executado AGRIPINO SANTOS PEREIRA, e mulher NATÁLIA NEVES CATALÃO PEREIRA, residentes na Rua Manuel Ribeiro de Almeida, 909, S. Cosmo, Gondomar.

Lisboa, 11 de Junho de 1990

O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)
O Escrivão de Direito,
(assinatura ilegível)

«DL» — 2.ª Pub — 21/6/90

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

15.45 - MUNDIAL DE FUTEBOL
Bélgica-Espanha
17.50 - BRINCA BRINCANDO
18.40 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
33º episódio
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.20 - UM ESPIÃO NO PURGATÓRIO
4º episódio
22.20 - OS SOVIÉTICOS
2º episódio. Numa entrevista especialmente feita para este programa, Andrei Sakharov, entretanto falecido, refere-se à perestroika, com a esperança de que ela seja uma verdadeira abertura e não apenas uma estratégia para recuperar uma economia em decadência. O documentário aborda igualmente o renascimento do cristianismo na União Soviética e as censuras feitas por um padre ortodoxo às tentativas de destruição da igreja. Por fim, fala-se do destino dos estados bálticos e dos motins em Nagorny Karabakh.
23.15 - MURPHY BROWN
8º episódio. Murphy está encarregada de fazer uma reportagem sobre a vida na prisão de Kyle Witsett, condenado em 73 por implicação num caso de roubo. O problema maior deste homem é, agora que foi libertado, encontrar alguém que lhe dê emprego.
Perante tal dificuldade, a equipa de «Para vossa informação» pretende arranjar-lhe algo para fazer. Milles decide, então, que Kyle poderá ser o novo (mais um!) secretário de Murphy e todos estão dispostos a ajudá-lo, excepto uma pessoa: Murphy Brown, precisamente.
23.45 - 24 HORAS
00.20 - REMATE

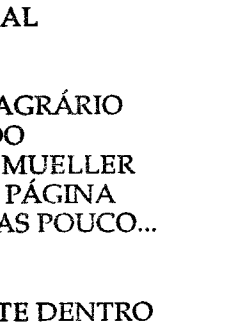
Amanhã no 1º Canal, às 21.15, mais um episódio de «Miller & Mueller»

«Emoções», esta noite no 2º Canal a partir das 22.30

RTP-2

16.20 - OS CENTURIÕES
16.45 - RETRATOS DA MADEIRA
4º episódio. João Gonçalves Borges foi a personalidade escolhida para figurar hoje nesta série dedicada a madeirenses que se destacaram nos mais diversos campos.
17.15 - OS DESAFIOS DA LEI
18.05 - TELEMERCADO
18.25 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
131º episódio
19.05 - ESPAÇO INFANTIL
19.35 - VIA RÁPIDA
19.45 - MUNDIAL DE FUTEBOL
Irlanda-Holanda
22.00 - JORNAL DAS NOVE
22.30 - EMOÇÕES
22.55 - 5º DIMENSÃO
23.15 - UNIVERSIDADE ABERTA

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.02 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - GLOSS
14.20 - LUGAR À NATUREZA
14.45 - PONTO POR PONTO
15.55 - MATINÉE
«O que o Céu permite»
17.25 - JUNTOS E AO VIVO
18.25 - SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.20 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - MILLER & MUELLER
22.20 - PRIMEIRA PÁGINA
23.25 - CHEFE, MAS POUCO...
23.55 - 24 HORAS
00.30 - REMATE
00.50 - PELA NOITE DENTRO
«O Corvo»

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.35 - FILHOS E FILHAS
15.00 - AGORA, ESCOLHA!
16.20 - HERÓIS
16.50 - FORA DE HORAS
17.50 - PRIMEIRO ANDAMENTO
18.15 - TELEMERCADO
18.40 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.20 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.30 - BUCHA E ÈSTICA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.00 - ROTAÇÕES
24.00 - HAJA MÚSICA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1
MURPHY BROWN
RTP 2
MUNDIAL DE FUTEBOL
PIP
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL
O SEU CABELEIREIRO
MAIS RÁPIDO E ECONÓMICO
PÊLOS EXTRAÇÃO ELÉTRICA
SEM DOR • SEM MARCAS
A CERA QUENTE OU FRIA
Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38

«Precisamos não só de um Governo que explique melhor as suas opções como de uma oposição que as questione»

Álvaro Vasconcelos, «Diário de Notícias», 20.06.90

A PERGUNTA DO DIA

Isabel Espada
deputada do PRD

Quais os objectivos do inquérito parlamentar à RTP?

«Como está no próprio texto do inquérito, pretende-se o apuramento dos factos, da verdade. Em relação à RTP, muitas acusações têm sido feitas. Há acusações feitas por vários sectores de que existe corrupção, situações de tráfico de influências, manipulação da informação, situações de censura, situações que afrontam de algum modo os direitos dos trabalhadores e que podem implicar a perda, em relação aos jornalistas, da sua liberdade informativa e de expressão. Estas acusações são extremamente graves e não podemos continuar a ouvi-las sem averiguar até que ponto correspondem à realidade. A RTP é o órgão de comunicação social que chega com maior facilidade aos portugueses e, sendo uma empresa pública, tem que se caracterizar por uma grande transparência, uma grande isenção na informação que transmite e tem, portanto, grandes responsabilidades na garantia do cumprimento dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos. Porque a RTP tem que ter um estatuto de perfeita credibilidade, é importante que este inquérito averigue qual é a sua verdadeira situação em relação às acusações que lhe são feitas.»

Sexta-feira no
Diário de Lisboa
Toiros de morte: sim ou não?
Entrevista com Hermínio Martinho
Política de A a Z por F. Piteira Santos

ENTREVISTA

Duarte Lima, vice-presidente da bancada parlamentar social-democrata, abandonou o seu sonho de criança, ser professor, para seguir Sá Carneiro. O alto cargo que ocupa não o leva, porém, a ambicionar a presidência. Está consciente de que no próximo congresso tudo pode mudar

«Não tenho inimigos na Assembleia»

P. - Porque é que foi para o PSD?

R. - Fui para o PSD logo desde a sua fundação, em 1974, sobretudo pela grande admiração que já tinha, apesar de jovem, pelo dr. Francisco Sá Carneiro, cujo percurso político tinha acompanhado na Assembleia Nacional, quando ele participou na Ala Liberal. Foi essencialmente a sua personalidade, mas depois o corpo de ideias que ele conseguiu reunir em torno do programa do PSD, que me levaram a aderir, e hoje não estou arrependido.

P. - É cavaquista?

R. - Acredito muito no professor Cavaco Silva, tenho por ele uma grande admiração. Penso que é o chefe de Governo de que o País precisava. Estou intransigentemente ao seu lado, acredito naquilo que ele está a fazer e aposto totalmente no projecto que ele trouxe para o partido.

P. - Ser deputado da bancada de um partido que detém a maioria absoluta é uma actividade aborrecida?

R. - Não. Toda esta legislatura, ao contrário do que muita gente previa, não foi monótona, teve um combate sempre muito vivo. Isso não aconteceu só na primeira fase, naquilo a que se chama a fase das reformas estruturais, mas também nos últimos seis ou sete meses tem havido um combate político civilizado mas muito vivo e muito interessante. O facto de se pertencer a uma maioria dá-nos um grande sentido de responsabilidade porque todo o poder tem tentações, nenhuma maioria está imune de cair em tentações de desvios de poder, e a necessidade de corrigir permamentemente esses desvios é um desafio ético e político importante.

P. - As suas intervenções são geralmente bastante vivas, bastante aguerridas. Por que razão toma esta posição?

R. - Não tomo sempre, apenas quando a situação assim o exige. Admito que a tomo com frequência porque não posso eximir-me, como dirigente que sou da minha bancada, a participar nas questões que são mais polémicas e que provocam controvérsia. Normalmente não fujo ao risco. É uma forma de estar e de intervir que não envolve menos respeito pelos meus colegas de Parlamento. Tenho com todos os meus colegas da oposição as melhores relações pessoais. É apenas uma questão de estilo.

P. - Não tem, portanto, inimigos...

R. - Não, não considero que tenha inimigos na Assembleia e também não me considero inimigo de ninguém.

P. - Tem tido uma grande ascensão dentro do partido. Ambiciona chegar a presidente do PSD?

R. - Não, longe de mim, Deus me livre, nem pensar nisso... Não considero, de resto, que tenha tido uma grande ascensão dentro do partido. Acho que exerci diversas funções em todos os órgãos, das bases até às cúpulas. Entendo o exercício das funções partidárias como algo que é meramente circunstancial, que depende da vontade das bases no congresso. Estou a fazer este mandato por um convite, que muito me honra, do professor Cavaco Silva, com a convicção de que no próximo congresso poderei não voltar a exercer as mesmas funções. As minhas ambições não vão para aí, de maneira nenhuma.

P. - O que é que queria ser, quando era criança?

R. - Professor, coisa que fui durante algum tempo.

P. - Penso que passou pelo seminário...

R. - Não, nunca passei. Fui apenas aluno da Universidade Católica. Talvez as pessoas pensem isso por eu ter uma formação musical. Fiz um curso superior de música sacra, toco órgão, mas isso não tem nada que ver com passagens pelo seminário.

P. - Se fosse convidado a formar um coro na Assembleia, quem escolheria como solistas?

R. - O coral da Assembleia nem sempre canta afinado. Nos tempos que correm há muita música com interesse que nasce da dissonância e na democracia a harmonia deve nascer essencialmente da dissonância de opiniões. Se tivesse aqui que fazer um coro e escolher um solista por bancada, escolheria o José Magalhães pelo PCP, o dr. Almeida Santos pelo PS, o professor Basílio Horta como solista do CDS e, eventualmente, o Pacheco Pereira ou o Silva Marques como principais solistas da minha bancada.

D.S.

meteorologia

Resposta a um jovem que quer ser escritor

Numa carta dirigida ao jornal, um jovem de 17 anos, pede-me conselhos para se tornar escritor. Redigida à mão, manuscrito tímido, respondo escrevendo à máquina, idem tímida. Eis a minha resposta sincera:

«A primeira frase é a mais importante. Contém o ritmo da obra, a atmosfera, o interesse, contém o fim. Se não conseguir a primeira frase correcta, magnética e rigorosa, espere até que ela surja. Não a salte, não continue sem ela. Se esperar de mais, se desesperar, ou abandone temporariamente a obra ou ponha no sítio onde habitualmente escreve, uma cabeça de alho, um limão e mel, para expulsar os espíritos negativos. A cabeça de alho e o limão têm de ser inteiros, o mel no fundo de uma chávena ou de um recipiente feito por um oleiro com as suas próprias mãos.

Não escreva sobre papel branco e vazio dos dois lados. Procure as folhas das firmas, os vários impressos, utilize o outro lado das fotocópias que já não precise, faça desenhos nas margens, retratos femininos reduzidos, corvos abandonando a cidade, o perfil de flores inexistentes, se algumas existirem inexistentes.

Fume. Corte as unhas. Limpe os óculos. Beba um golinho. Abra e feche a janela. Contemple para além dela. Imagine palavras coloridas. Diga em voz alta o que lhe passa pela cabeça. Olhe o relógio de parede, parado. Imagine o verdadeiro lago, só seu. Reflicta sobre os seus últimos afectos, mas não se atrase de mais. Ouça o chilrear dos pássaros embora não digam nada de importante. Pense: os pássaros não mudam, as pessoas não mudam, pense, valha-nos Deus. Pense ainda que Deus que não existe, está consigo.

Procure a primeira frase. Envelheça.

Procure.»

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental de Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 21 DE JUNHO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Antologia brasileira: Age de Carvalho, Orides Fontela, Paulo Henriques Britto, Alcides Villaça, Renaldo Brito, João Moura Jr.,Alexei Bueno. Leituras e ideias,págs. 5 e 7; inéditos de Helder Moura Pereira, pag. 8

Poesia brasileira actual

Nos últimos 30 anos da história literária brasileira, vários movimentos arvoraram-se no palco colorido cheio de luz da paisagem, repletos de muito verde-amarelo e rosa-choque.

Da poesia «práxis» ao poema processo e encerrando as cortinas, a purgativa e insalobre poesia dos anos 70 intimamente ligada aos movimentos de contra cultura dos 60, e de reciclagem da poesia concreta, o panorama poético brasileiro viu-se às moscas e às ervas daninhas que purgaram por quase uma década um palco ainda informe e suspenso na dúvida de uma real expressão poética adulta (já que este último movimento não passou de adolescentes inebriados com os gracejos linguísticos ou com a armação tipográfica do Mecanorma).

A década de 70 passou. Mas seus soluços, orquestrados arduamente pela horda jornalística até finais desta década, deram um tom de seriedade ao que na verdade é um meneio de malandro inteligente e poesia mesmo aguardava de cócoras sob a arquibancada com os olhos amarelos de folião e ressaca na boca mas ávida por cantar.

Talvez esta nova leva de poetas incitados pela iniciativa pioneira da colecção Claro Enigma, apresente uma nova face da moeda; o que em certos pontos é exacto, em outros, o mesmo tom do samba é convocado.

Mas a colecção a partir de 1988 reactivou o debate e a publicação sistemática de poetas no panorama relativamente estático, mudo e gago em que até então se encontrava a discussão e o aparecimento de novas expressões no Brasil.

Ao integrar a colecção com poetas cujas obras encontram-se em curso e trazer à tona nomes que permaneciam desconhecidos do público, o projecto editorial de Augusto Massi, idealizador e incentivador principal da colecção, foi saudado pela imprensa de quase todo o Brasil e recebeu a devida atenção tanto académica como do público geral.

Nomes como João Moura Jr., Ronaldo Brito, Orides Fontela, Rubens Rodrigues Torres Filho, Paulo Henriques Brito, reacenderam a luz na sala de estar da poesia brasileira que até então encontrava-se às escuras.

Depositários de um período ainda de transição e de balanços, estes poetas demonstram que a poesia brasileira continua viva e em busca de uma expressão exorcizadora dos processos anteriores, mas ao mesmo tempo herdeira complacente e unívoca de modelos desgastados, repetitivos e insubstanciais.

As análises surgem e aos poucos assinalam-se características. Flora Süssekind, pesquisadora do Instituto Casa de Cultura Ruy Barbosa do Rio de Janeiro, publicou em 1989 na Revista da USF, o que pode-se dizer o primeiro mapeamento, circunscrevendo denominadores comuns inerentes a cada poeta.

A autora constata: «Do ponto de vista exclusivamente temático, seria possível assinalar a recorrência da ideia de viagem, o humor, a retomada de uma preocupação com o aprimoramento da técnica literária, o diálogo mantido com a tradição modernista brasileira (...).»

Embora seja ainda cedo para conclusões o certo é que são vias complementares e ainda está por atingir um «corpus» estruturado de acordo com a trajectória específica que cada um seguirá.

Para demonstrar o aspecto da produção poética actual brasileira apresentamos alguns destes poetas, em contraponto, complementamos a antologia com alguns nomes desconhecidos mas que transitam num círculo ainda restrito do meio literário, plural e heterogéneo, daquele país.

Jorge Henriques Bastos

literário

A OFERTA PURA DAS COISAS

DO ECLESIASTES

Há um tempo para
desarmar os presságios
há um tempo para
desamar os frutos
há um tempo para
desviver
o tempo,

CEIA

À mesa, todos
interligados
pela realidade do alimento
pelo universo único
do ser
a mesa, todos
coexistem no júbilo
comungando a oferta pura das coisas

INICIAÇÃO

Se vens a uma terra estranha
curva-te
se este lugar é esquisito
curva-te
se o dia é todo estranheza
submete-te
— és infinitamente mais estranho.

Orides Fontela in «Trevo«

DOIS RIOS

Nada nas mãos nem na cabeça, nada
no estômago além da sensação vazia
de haver ultrapassado toda sensação.

É em estados assim que se descobre a verdade,
que se cometem os grandes crimes, os gestos
mais sublimes, ou então não se faz nada.

É como as cobras. As mais silenciosas,
de corpo mais esguio, de cor esmaecida,
destilam o veneno mais perfeito.

Assim também os poemas. Os mais contidos
e lisos, os que menos coisa dizem,
destilam o veneno mais perfeito.

Os rios foram feitos pra fugir
cada um de sua própria condição
de ser líquido e linear; perene
e ao mesmo tempo efêmero: lírico
e econômico — pois que recurso natural —
único e múltiplo; imóvel, mas fluente;
ou, simplesmente, fluvial —

mas por isso e felizmente
tão-somente por isso
os rios foram feitos pra fugir,
fluir, não para analisar
— nunca pra analisar! —
para fugir.

Paulo Henriques Britto in *Mínima Lírica*.

E MAIS DOIS RIOS

SUB UMBRA

De madeira, para
mãos maduras, ilha
de sete corações:

haveria um silêncio,
protestante, que impedisse
eu brindar, grei
entre sombras
à mesma mesa?

Κόρη, Κόρη, for the six seeds of an error
The Cantos, LXXIX.

Cerchio d'ombra (error
de assombrado lustro,
Esplendor!)
levanta-se aqui agora
tarde um braço
mão humana mancha
acenando da turba
a dizer do bardo, dez latas
atadas ao rabo, o que
nem mais interessa: inocente

*

(Zerou, morreu, ex –
aqui agora tarde
– seis figueiras se erguem
pelo erro do velho Ez)

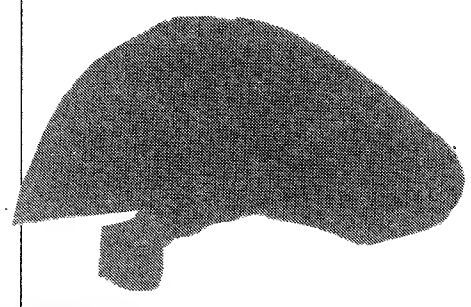
Age de Carvalho (inédito)

História da vida privada
Philippe Ariès e Georges Duby **VOL. 1**

EDIÇÕES A AFRONTAMENTO
FEIRA DO LIVRO DE LISBOA — PAV. 67
FEIRA DO LIVRO DO PORTO — PAV. 35

História da vida privada
VOL. 2 Philippe Ariès e Georges Duby

Claro Enigma



LUZ

O açúcar do café talha no fundo
e a madrugada cresce.
Noite inédita contrai-me o corpo
e atravessa a medula com sua flauta.
Acordo os vizinhos para uma valsa
à luz da pupila reacesa.

Quem dança em minha pálpebra
sabe me olhar como aos meninos
brindava aquela luz no fim da esquina.
Salta o alfabeto de si mesmo,
se mistura ao cristal, dentro do copo.

Tanto objeto acorda, em sintonia.
Meu espelho se estranha, e reverbera
mil rostos de homem no úmido azulejo,
disperso e íntegro nesta mesma estação.

Mel em resíduo? nódoa? tudo grava
na pele um mapa sem palavra.
O arco dispara em círculo, e recolhe
da rua os alvos mais banais.
No centro, me repouso. Neste copo
me aprendo, átomo de cristal multiplicando
em silêncio o nome da manhã.

VIAGEM ANTIGA

Havia vezes eu me via
como um menino não se vê.
A água na nuvem se adivinha,
a sede vem antes de sua vez.

Havia vezes eu me renascia
sem nunca ter saído além de mim:
emprestava-me espelhos e outras vias
de ver tocar sentir o fundo o si.

Era um segundo inteiro ou todo um dia
quando lançava o olhar além de mim
e me via em tudo o que não via?
Que trem cortava o tempo desse abril?

Em que viagem eu era o meu caminho?
Às vezes os meninos pousam olhos
no fim das paralelas, e descansam
o corpo de seus pesos e medidas.

Se nesta noite fixo a luz da esquina
e torno lento o sangue em seu caminho,
nem sombra apanho da viagem antiga
que, quando eu não queria, me fazia.

INSTÂNCIA

Quem volta ao lugar perdido
quer ver o tempo.
Não vê a casa, o muro, o degrau mais fino:
quer no bater do coração o antigo.

Espanta a resistência daquela árvore,
a mesma e outra nesta floração.
Espanta a cor fiel dos azulejos,
a penumbra e o tom daquele quarto
desenhados na pauta de outros olhos.

Quem retorna não mora no outro tempo,
embora imite o rosto o ancestral.
Quem retorna medita. Não cruza o corredor
como planava a mosca distraída.

Pode-se sentar na escada, prover os olhos
com a massa do cenário inocente.
Livre-se o coração para a verdade
desta árvore em gala de outro amor.

CUBISTA

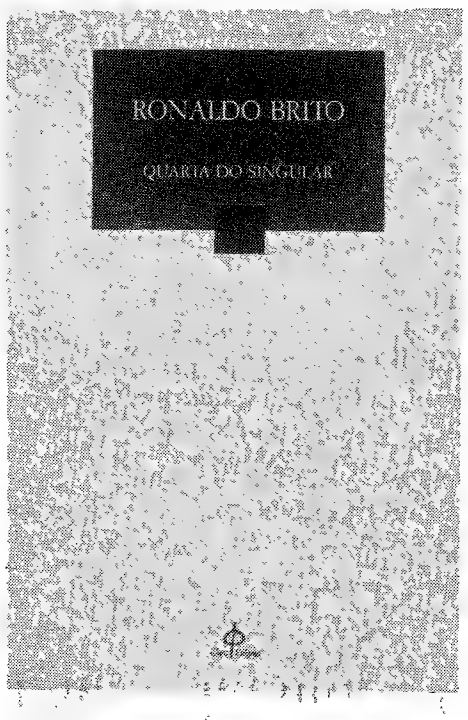
No mínimo
deus sublima
suspenso o verbo
tenso
universo
mar superfície
janela céu duas maçãs
pêra e mesa
cosmogonia

SUBLUNAR

Senão sim
noite estipula lua
moça e mar
plot.
Eu considero Sorte
uma ou outra
ilha ou livro
o grau a droga.
À meia distância
mundo é música
meramente estar
Moîra
o caso vago
círculo perfeito Ser
bar aleatório Kosmo.
Senão sim
noite nutre amor
segredo e estrela
sabe a carne.

SAMBA

Devidamente dobrada
qualquer esquina
basta
súbito somos todos
zenões
ascetas populares
cínicos por ruas céticas
propriamente sorvido
qualquer reles café
revela a Idea
distraídos
decifframos a Phisis
a Pólis
peripatéticos pedintes
bem considerada
uma simples tarde
por acaso exata
ilumina a dupla sina
a lua com o sol
a morte com a vida



A WAY OF LIFE

O esteta austero
atenta ao mundo
simples ao redor discerne
um mar a folha
areia o céu
não imagina distingue
vazio
erra entre o ar
a vida um sol
duas ou três nuvens

PRÁXIS

Um pouco de metafísica
por favor à tarde
a vida sucessiva já não excita
a carcaça opaca
ao redor por princípio gira:
pífio
passantes e nuvens cumprem:
nebulosamente passam
Um pouco de Platão
portanto
para o Bem do pobre país
o Brilho do sol nacional
certa dose estética de Ether
na atmosfera cívica
enfim a mínima angústia íntima
imprescindível à diária espera pública:
a lua comum e concreta

Claro Enigma

Como esta nuvem caseira

INSCRIÇÃO RUPESTRE

A Sara Zapata Valeije

I

fosse o desejo o bastante
para movimentar o papel em branco
e nuvens
deixariam esta margem
e margens
deixariam simplesmente
de existir
como se escrever não fosse
delimitar-se

II

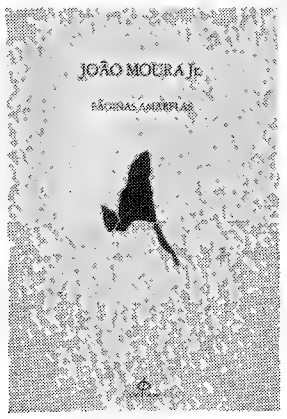
assim um campo: campo
onde a relva não tranqüiliza
onde os animais
é verdade
procriam
mas com o matadouro nos olhos
relva relva
aqui o vento é como se
viesse de nós
estes campos são campos
de cal

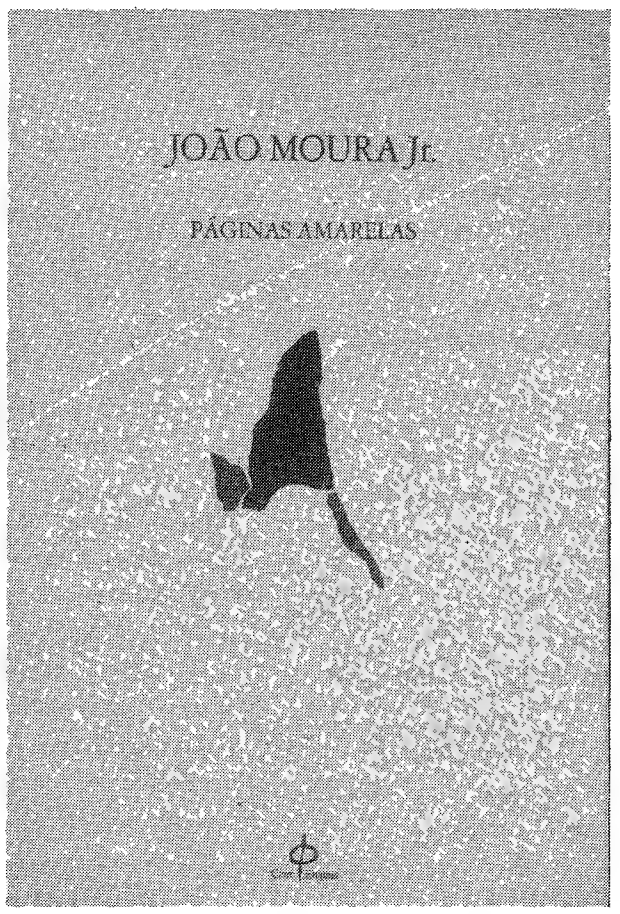
III

o papel conta mentiras
o papel *é* a mentira
inútil tentar abrir-lhe
a caixa de confissões
nada pode a palavra
tímido hierofante
contra o seu ar distante
este meio-dia é frio, não há sol que o aqueça
o ermo não está aí: habita a
(alma?)

IV

o poeta é o viajante
dessas horas improváveis
brancas
nuvens de sangue (sic)
sangue?: nuvens de nada





MEU BLAKE

Hoje sei:
não sou valete nem rei
e vários english gardens
chovem sobre mim.
Que periscópio
virá me resgatar?
Vampiro azul-turquesa
nutro-me do sangue neutro
das piscinas.
Currículos escolares
correções monetárias
afeições familiares:
fragatas
à deriva no Canal da Mancha.
Depois tomo o trem em Folkestone.
Herói sem mácula
mergulho até o pescoço
num copo de Guinness.
Procuro a lucidez estável
das terceiras vias.
O que havia
e hoje já não há
era uma
como que sutileza
letal
em mim.

PÁGINAS AMARELAS I

navegando num mesmo mar
há anos sem jamais escutar

canto de sereia seja eufônico
seja estridente poeta atônito

a içar velas unhas e dentes
à aridez de um céu sem semente

(nenhum vento move estas velas
estas páginas amarelas)

PÁGINAS AMARELAS II

só nós criamos pátina
por velha que seja
nunca a cria a página

assim como o uísque
nunca fica bêbado
dentro da garrafa

assim como a escrita
é mero arremedo
daquilo que passa

LIONEL JOHNSON

Go from me: I am one of those, who fall.

Tropeçava em seus próprios pés ascéticos
e a carcaça ia ao chão já encharcada,
mas se tais estados não são poéticos
ao menos são melhores do que nada.

Pregava a castidade a seu ouvinte
e dizia-se capaz de abandonar
o álcool (conta Yeats) no dia seguinte.
No fim de sua vida havia um bar.

Claro Enigma

Poemas gregos

Os homens, quando crianças, são eternos,
De Tânatos a face os não marcou
Ainda, e eles a fitam
Como a de um deus distante.

O da Noite dileto filho a eles
Parece, com seus pés tortos e velhos,
Como um deus sem poderes
Por tão longe o seu cimo.

Os outros, diurnos deuses, de sua olímpica
Vida eterna, estes sim, parecem próximos
Pois deles é o instante
Do amor e da conquista.

Porém, depois, são eles que estão longe,
E a criança senil, que não viria,
Acerca-se, e nos mostra
Seu paciente poder.

Quando as ruas e as praças vejo cheias
Destes bípedes broncos que homens chamam-se,
É-me difícil crer na eterna vida
Que os deuses nos prometem.

Pois se a mim, ou a uns poucos que conheço,
Uma alma imortal fosse além dada,
Poderia ainda eu crer. Mas destes ventres
O que irá Zeus fazer?

Não como as oliveiras, que na brisa
Balançam sua coma, não como a água
Que cai pelos abismos, mas tal qual
A chama, és tu, vontade!

E se resiste o mundo à tua ânsia
De o ver maior do que é, e o imita a vida,
As palavras, os sons e as formas caem
Ao jugo teu perfeito!

E após ingratas fogem elas como
Da boca de uma fonte o que é o seu canto,
Pois para serem mais que a morte, à vida,
Que é dela, nos entregam.

E a vida nos destrói. Mas elas, formas,
Eternas por não serem, já que apenas
O que renega vive, a nós deixando
Da morte o umbral traspassam.

Assim é a arte imortal, cujo desprezo
Por nós nos faz eternos neste mundo,
Enquanto para o Elísio ou o Hades voam
Sem prova as nossas almas!

Pois tudo é o homem sempre, e sonho é o nada.
E o que aqui, na loucura, foi o último
A vir, é a causa e a origem, na verdade,
Dos que o aqui criaram.

E os animais e as pedras são mentiras
Que os dois vértices altos do triângulo
Cindido, ao que é o terceiro embaixo, um dia
Fingiram, até a volta

Dele, os vértices falsos, ao terceiro
No alto! Há no Oriente alguns que o sabem,
Enquanto, aqui, à morte, os deuses fitam
Já lívidos de espanto.

Pobre é o mortal que como deusa em ti,
Afrodite, acredita, e não porque
Com mil laços o cerques de armadilhas,
Mas porque não vens do éter.

Pode Apolo, e outro deus de assim divinas
Funções, sê-lo realmente, mas tu, vinda
Das águas, com teu gozo de taberna,
Não és coisa do alto.

Pois o amor mais sutil não te interessa,
Nem de ti vem, e o que vem, se ele fosse
Divino, muito divinos seriam
Os bois, os cães e os gatos.

Queréias é o meu nome, e a minha vida
Como ébrio e louco eu a gastei inteira
Até que o gozo ardente e o ouro minguante
Trouxeram-me a este túmulo. Um só dia
Não dei de minha vida insaciável
Ao fundo pensamento e às nobres causas,
E tão súcio a deixei qual nela entrara.
Mas meu pó, como vês, não pensa nisso.

Muitos povos viveram grandes guerras
E o silêncio as cobriu. Muitas batalhas
Passaram como passa a tempestade
Sem deixar qualquer marca sobre a terra.
Demais tênue é o dos homens rubro sangue
Para tingir o mundo indiferente,
E os seus gritos e lágrimas são fracos
Demais, como os seus sonhos, para que
A infiel natureza os não esqueça.
Onde a luta estuou, o vento passa
Como um cego ancião entre os salgueiros.

Nossas lutas, porém, não serão mortas,
E onde as vidas caíram sempre os olhos
Dos mortais lembrarão de extintos feitos,
E a brisa os cantará, e os movimentos
Dos galhos fingirão os das panóplias,
Pois aqui se elevou o humano espírito
Que do seu débil ser fingiu os deuses,
E os que da pobre luta o ardor forjaram
De céus contra outros céus, serão lembrados.

Sob os de Hélios raios,
Sobre a relva fresca,

Vendo os pontos áureos
Mil, que, abelhas, voam,

Tendo da água o canto
Com que vai à morte,

E ouvindo a conversa
Dos caniços frígidos,

Assim, mortal, quase
Sou um deus. Não penso.

Aqui Nicila jaz. Toda a sua vida
Cortesã foi, nos deuses não pensava,
E mofando do eterno e do sagrado
Para si só viveu, nem nunca um bem
Fez aos mais. Porém, ai de nós, que, pobres,
Nem de nada sabemos coisa alguma
Para que hoje a possamos condenar.

in Poesias
de Alexei Bueno

O NASCIMENTO DO INDIVIDUALISMO

Dando continuidade à tradução da monumental **História da Vida Privada** (em 5 volumes), que reúne alguns dos melhores especialistas franceses sob a orientação de Philippe Ariès e Georges Duby, a editora Afrontamento acaba de publicar o segundo volume dedicado ao período que vai da Europa feudal ao Renascimento. A sua importância está fora de dúvidas se pensarmos que arqueologicamente está mais próximo daquilo que a história fez de nós, sem que isso signifique que apenas serve de passagem entre a Antiguidade e a modernidade, pois o privado tem aqui um estatuto muito particular, não tanto em oposição à vida pública, mas como afirma o director do volume, Georges Duby, por formar um «*campo de sociabilidade*» que, se não se confunde com o conceito moderno de privado, deverá pelo menos permitir reconhecer os seus limites, o que é o mesmo que dizer, as suas condições de existência concreta e historicamente pertinentes.

Ora, nos quase cinco séculos que esta obra procura reconstruir, estamos diante de um processo que, como diz Duby, «*conduziu à lenta passagem da gregaridade ao individualismo, a tendência concomitante para a interiorização e a introspecção isolou pouco a pouco, no seio do espaço doméstico, um espaço mais privado, de que o corpo de cada mulher e de cada homem constituiu o invólucro*». Como se compreenderá, este processo está longe de ser linear.

Em termos organizativos, a obra estrutura-se em torno de três eixos analíticos: em primeiro lugar, temos a extensa secção intitulada «Quadros» (pp. 47-310) que faz a descrição da vida privada nos séculos XI e XII (centrando-se nos notáveis franceses), enquanto que para os séculos XIV e XV se escolhe a vida privada na Toscânia. Apesar de fragmentários, como o plural indicia, estes estudos não deixam de dar uma visão apaixonante do espaço doméstico medieval.

No segundo eixo analítico, que na realidade corresponde à última secção, intitulada significativamente *Problemas*)pp. 393-621), procura-se problematizar duas grandes linhas de evolução geral, nomeadamente a que se refere às transformações do espaço doméstico e, paralelamente, a detecção das formas em que o individual se vai revelando, quer ao nível da religião quer das práticas artísticas. Se ambas problematizações são de grande importância, deve-se apesar de tudo privilegiar a segunda delas, onde se faz uma rigorosa análise da «emergência do indivíduo», em dois estudos assinados por Georges Duby «Situação da solidão, séculos XI-XIII» (pp. 503-524) e de Philippe Braunstein: «Abordagens da intimidade, séculos XIV-XV» (pp. 526-619). A partir deste momento estão lançadas as bases para o Renascimento, criando-se o quadro onde virá eclodir a modernidade.

Finalmente, o terceiro eixo analítico é formado pela leitura do imaginário, em que Danielle Régnier-Bohler se debruça sobre um conjunto de obras literárias de origem francesa (e surgidas entre os séculos XII e XV). Esta secção intitulada «Ficções» (pp. 311-391) pela sua importância serve perfeitamente de ponte entre os «Quadros» e os «Problemas». Com efeito, esta análise do imaginário literário projecta uma unidade de conjunto, tanto mais indispensável quanto as outras duas secções têm um carácter inevitavelmente mosaiciforme e monográfico.

Toda a dificuldade deste volume assenta no facto de privado e público serem dificilmente discerníveis, como o mostra Georges Duby no texto que enquadra estas investigações, significativamente dedicado ao «Poder privado, poder público» (pp. 19-45), reconhecendo a «*permanência e a todos os níveis do edifício social, de uma distinção entre o que é público e o que o não é; mas ao mesmo tempo fluidez, vaivém entre estes dois domínios; e uma tal interpenetração não deixa de tornar fortemente relativa a noção de vida privada nos tempos feudais*». Mas é a problematização deste estado de coisas, através da reconstrução das formas de sociabilidade no domínio do privado, que é sempre bordeado pela questão do público, mostrando como se vai constituindo progressivamente o individual, mas também o espaço do intimismo, que permitirá repensar o passado e projectar luz sobre as dificuldades presentes do agir público.

José A. Bragança de Miranda

Pr. Ariès e G. Duby — org. **História da Vida Privada: Da Europa feudal ao Renascimento** (II Volumne), Afrontamento, 1990, 636 págs., tradução de Armando L. Carvalho Homem)

A METÁFORA DA EXISTÊNCIA

Para designar o deus dos mares, os antigos escolheram o nome Posídon, cuja competência mística se estendia ainda aos terramotos. O termo significa também quebra-navios, o que diz bem dos seus invulgares poderes que muito atemorizavam os homens.

A evidência dos velhos *topoi* revela-nos o mar como a realidade mais suspeita: nele se geram os mais terríveis monstros e a ele se vergam as maiores forças humanas e, até, os deuses mais poderosos.

A cultura ocidental está repleta de testemunhos deste sentimento. Dos «Erga» de Hesíodo, às desventuras (no mar) de Ulisses na «Odisseia» ou, mais próximo de nós, a iconografia cristã, onde numa das promessas do apocalipse de João se revela o estado messiânico como o do fim dos mares.

A célebre cena de Lucrécio no segundo livro do **Rerum Natura** — a tragédia do naufrágio contemplada pelo espectador tranquilo, na segurança da posição que a terra firme da margem lhe oferece — é claramente devedora dessa carga mítica de que se reveste a figura do mar.

Naufrágio com Espectador, o primeiro trabalho de Blumenberg entre nós editado, constrói-se a partir desta cena poética e procura acompanhar as diversas figurações que dela o pensamento ocidental construiu ao longo dos séculos. O naufrágio com espectador adquire assim para o autor o significado de paradigma de uma metáfora da existência.

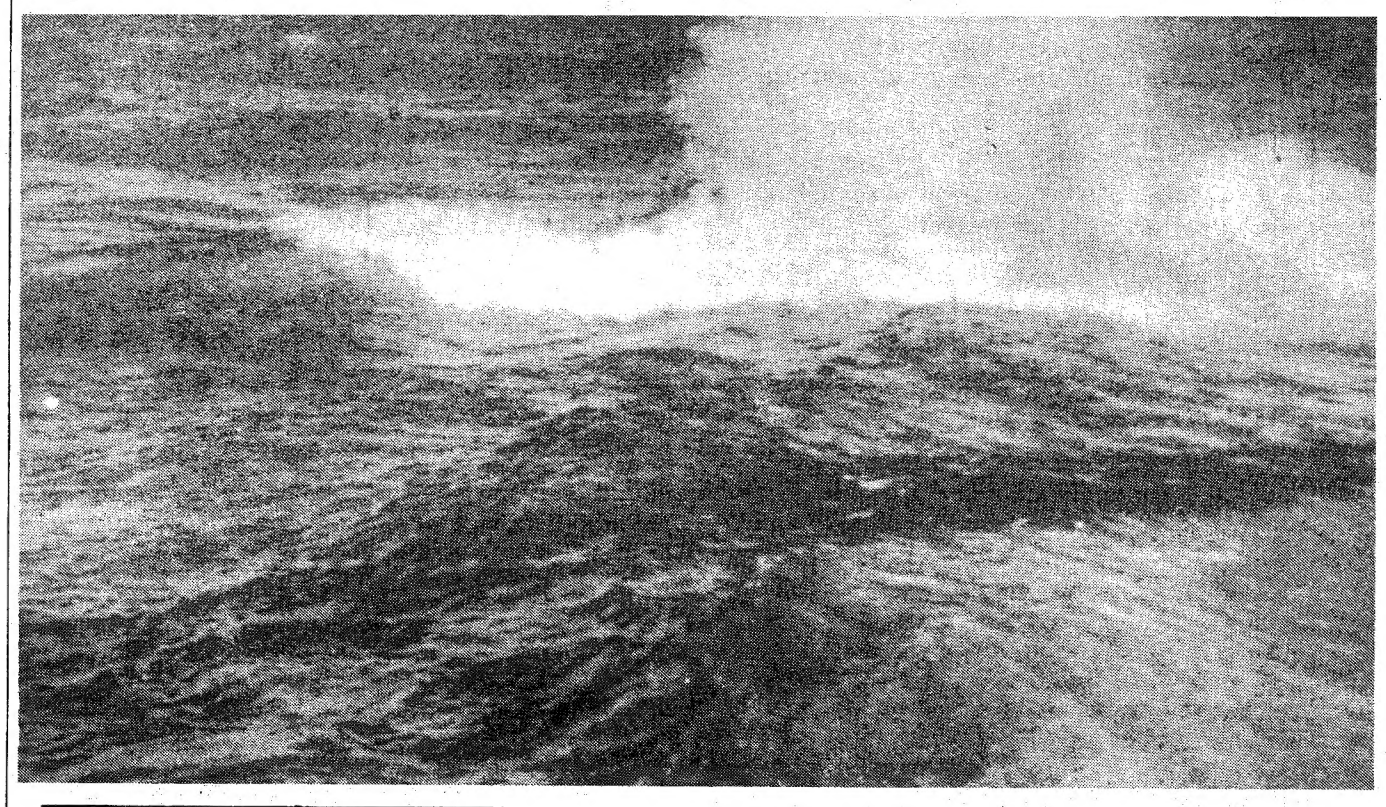
Nela se joga toda a ambivalência da figura do mar. O mar enquanto demonização, domínio do incalculável e da ausência de lei, que define o limite do espaço da acção humana. Mas, também, o mar como atracção e permanente desafio para o homem — como já o tinha deixado entender Virgílio, na quarta «Écloga», ao prometer para a futura era da felicidade, o tempo da navegação.

Na recensão da metáfora — como Blumenberg muito significativamente designa o trabalho que o tempo realizou sobre a cena descrita, as variações que muitos autores em diferentes momentos efectuaram sobre este tema — a ambivalência original da relação do homem com o mundo foi conservada. Subjacente a ela, o autor considera que se encontra um problema fundamental: a determinação de um lugar para o homem na sua relação com o mundo ou, se quisermos dar um relevo mais filosófico à questão, a posição do homem perante a realidade e o estatuto do conhecimento.

Os diferentes elementos da metáfora inspiram outras tantas linhas de variação da sua composição ao longo dos séculos. Cada um dos capítulos da obra conduz-nos nesta variação, num exercício que é, também ele, de navegação e em que a escrita de Blumenberg é directa devedora da imagem marítima.

Num percurso fascinante, somos assim conduzidos pelas diferentes posições de cada um dos elementos da metáfora. Do náufrago e do espectador como posições independentes, ao náufrago-espectador que leva a metáfora aos seus limites. Esta posição está patente na versão radical de Nietzsche, que na paráfrase da célebre máxima de Pascal, «*vous êtes embarqué*», investe as duas figuras no mesmo ser; ou no exercício de Goethe que, na continuidade de Montaigne, refuta também a possibilidade de uma relação pura com o mundo *(eudaimonia)* — a inspiração original da cena de Lucrécio que recolhe todo o seu significado da filosofia epicurista.

As variações levam-nos ainda dos elementos humanos aos materiais, com o capítulo sobre a reconstrução do barco, no qual o autor chega mais próximo dos nossos dias ao dar conta da recensão do tema realizada pela escola neopositivista,



O SEGREDO DOS EUROPEUS

A descompartimentação do mundo foi obra dos europeus. O planeta deve-lhes, sem dúvida, o estado actual das relações entre os povos — a intimidade cada vez mais estreita a que nos vamos habituando teve os seus primórdios no século XV, época em que se iniciou o expansionismo europeu, protagonizado nos primeiros anos pelos Portugueses. Estes foram depois acompanhados pela Espanha, e mais tarde (a partir do início do século XVII) foram suplantados sobretudo por Holandeses e Ingleses.

O conhecimento do expansionismo europeu é, pois, fundamental para a compreensão do mundo contemporâneo. A explicação das origens deste fenómeno tem atraído muitos historiadores, interessados em discernir, essencialmente, as razões que levaram tal processo a ter tido origem no Velho Continente.

O estudo de Carlo M. Cipolla, recentemente publicado entre nós, representa uma das interpretações sectoriais para o fenómeno. Na verdade o autor não procura analisar o expansionismo europeu na sua globalidade; tem antes por objectivo realçar a principal vantagem tecnológica de que os europeus beneficiaram durante três séculos para espalharem a sua influência pelo mundo — a marinha de guerra, arma fundamental, quer para Portugueses e espanhóis, quer depois para Ingleses e Holandeses.

Foi, de facto, a boa adaptação da artilharia aos novos navios sem remos (caravelas, naus e galeões) que os levou a se imporem a povos distantes e poderosos. Cipolla recorda-nos que, ao mesmo tempo que conquistavam a América e se impunham nos mares do Oriente, os europeus eram sucessivamente derrotados no seu próprio continente pelos turcos — em terra a artilharia foi durante muito tempo ineficaz perante os esquadrões otomanos; o autor salienta, assim, que só a conjugação dos canhões com as velas é que deu vantagem aos povos da Europa. Estes, no mar, podiam manter o inimigo à distância (o que era praticamente impossível em recontros campais) e afundá-lo com tiros certeiros (que em terra faziam inevitavelmente menos vítimas); «*substituir remadores por velas e guerreiros por canhões significava, em resumo, trocar energia humana por forças inanimadas*» — a qualidade tecnológica suplantava, assim, o número e a capacidade de choque da infantaria e cavalaria ligeira dos orientais, os principais adversários.

Estamos, pois, perante um livro importante para a compreensão da expansão marítima de que hoje tanto se fala. Afigura-se-nos que mesmo o papel primordial dos Portugueses no contexto europeu está bem definido. Nesta obra, apesar da maioria dos exemplos utilizados pelo autor se referirem aos povos do Norte, é reconhecida, por exemplo, a importância do rei D. João II como pioneiro da utilização sistemática da artilharia naval, assim como a eficiência das armadas portuguesas, capazes de varrer rapidamente toda a oposição com que depararam ao chegarem ao Índico nos alvores de Quinhentos.

Parece-nos, assim, que o objectivo do autor é bem conseguido, embora o método utilizado nos mereça alguns reparos. Com efeito os vários exemplos com que sustenta a sua tese não estão convenientemente ordenados; de facto, são frequentes grandes saltos no tempo e no espaço; falta, na nossa opinião, um fio condutor que apresentasse o tema de uma forma mais linear e evolutiva.

A finalizar importa assinalar que a edição original deste es-

em autores fundamentais como Carnap, Neurath e Lorenzen.

Esta obra faz referência a muitos outros grandes nomes da nossa cultura, pelo contributo que trouxeram à metáfora do naufrágio. Respostas tantas vezes originais e sempre empenhadas a essa pergunta primordial da nossa existência, com a qual tantos pensadores se debateram e nós continuamos destinados a errar na incerteza da resposta.

Se nos é permitido um contributo mais pessoal para este belo exercício da metaforologia, recordamos as palavras de Adorno que no empenho do seu trabalho crítico se sentia como um náufrago que «*lançava ao mar garrafas com bilhetes, sem prejulgar os resultados, mas sobretudo, sem esmorecer*». Esta preserverança esteve desde sempre presente no pensamento ocidental.

Ou nas palavras mais desesperadas de Benjamim, na correspondência com o seu amigo Scholem, que confessa sentir-se «*um naufrágio flutuando em cima de um destroço, que sobe para o topo do mastro já em pedaços, mas lá de cima, tem a chance de fazer sinal para que o salvem*». É o elemento de esperança que a nossa cultura também sempre transportou.

Exercício exemplar da metaforologia de Blumenberg, **Naufrágio com Espectador** dá-nos a ver com máxima nitidez a originalidade desta proposta para a história dos conceitos, na apreensão que realiza da metáfora **«como fio condutor de visualização do mundo da vida»** (p. 110), constituindo um espaço analítico que põe em jogo a permanente tensão entre o conceptual e o figurativo. É nesta tensão que se constitui o momento original da doação de sentido.

(Hans Blumenberg, **Naufrágio com Espectador,** Vega, 1990, 123 págs., tradução de Manuel Loureiro).

João Pissarra

tudo foi publicada em 1965; gostaríamos, por isso, de ver a sua tradução ser acompanhada de uma anotação e de uma bibliografia actualizada. Existem hoje diversos investigadores portugueses a trabalhar sobre o tema que poderiam colaborar, prestando-se assim um melhor serviço ao público. Na verdade, um texto importante e correcto como este, mas já com 24 anos, merecia pelo menos ter em apêndice uma lista dos estudos sobre a matéria que se realizaram neste último quarto de século, sobretudo os de autores portugueses, que habitualmente se encontram à disposição dos leitores interessados.

(Carlo M. Cipolla, **Canhões e velas na primeira fase da expansão europeia (1400-1700), Gradiva, 1989, 182 págs.** Tradução de Ana Mónica F. de Carvalho).

João Paulo Oliveira e Costa

O TEATRO DA CRUELDADE

A publicação de um texto fundamental como **O teatro e o seu duplo**, de Antonin Artaud, se é sempre de saudar, tanto mais se torna louvável perante a pobreza a que neste campo se votam as políticas das maiores editoras nacionais, cujos imperativos de rendibilidade relegam para as pequenas iniciativas um antigo privilégio da literatura que nos nossos dias se faz paixão de escassez e de raridade. E se a socialização do acesso à leitura — aliás ainda incipiente entre nós — indícia mais vastos mecanismo massificadores do gosto, projectos editoriais como o da Fenda só podem assumir-se como formas de resistência que procuram a sua razão de ser nas eventuais afinidades com as obras publicadas. Tais afinidades não deixam, porém, de comportar o risco do equívoco, sobretudo nesta época em que se questiona se serão fatalmente incompatíveis a qualidade e o *marketing* ou a aceitação pública, e tendo em conta, além disso, a vocação não menos totalizante que se crispa em políticas editoriais assumidamente minoritárias e intempestivas. É neste caso óbvia a afinidade com a estética artaudiana, cujo valor crítico bem poderíamos confrontar, por outro lado, com a actualidade da presente edição de **O teatro e o seu duplo** num contexto como o nosso, em que as suas propostas outrora subversivas se encontram integradas nas práticas teatrais e superadas até na radicalidade que caracterizou o aparecimento dos Manifestos para **O teatro da crueldade** na já distante década de 30.

No entanto, se a estética teatral de Artaud não pertence já ao domínio do *novo* e sim ao do *adquirido comum* do teatro e das artes contemporâneas, nem por isso a aura da sua paixão poética deixa de continuar a informar as próprias práticas que permitem superar o «teatro da crueldade», ou sequer nos são alheios os fenómenos culturais contra os quais ele se ergueu: «*Nunca, até agora que estamos a assistir ao desaparecimento da própria vida, tanta controvérsia houve sobre civilização e cultura como a que hoje em dia se nos depara.*» (p. 9) Na esteira de Nietzsche, Artaud denuncia uma cultura que nunca coincidiu com a vida, mas antes foi concebida para a tiranizar e que é responsável pela ruptura entre as coisas e as palavras, o que tem por consequência o facto de a poesia irromper como uma vingança das coisas no lado falso destas, na perversa gratuitidade do crime. «*O que o público, hoje em dia, procura fundamentalmente através do amor, do crime, das drogas, da guerra ou da insurreição é o estado poético, uma experiência transcendente da vida*» (p. 119), que não lhe pode ser proporcionada por uma cultura reduzida a um panteão inconcebível que provoca a idolatria. Face à decadência generalizada da vida, que está na raiz da desmoralização, fome de cultura e fome de uma vida melhor comungam de um mesmo estado de tumulto moral e extrema tensão que só pode ser ultrapassado por um retorno à força da natureza, pela redescoberta da vida, de que a cultura faz letra morta para proveito estático do público que a recebe, passivo. Artaud verbera o falso sublime das elites culturais, que explica o desinteresse, a incompressão e o mau gosto do público, representado pelo teatro puramente descritivo e narrativo que se impôs desde a Renascença, vindo a culminar no ideal da arte pela arte que cavou um abismo entre ela e a vida. Deste modo, quando «*estamos a viver uma época provavelmente única na história do mundo, período em que o mundo, passado a crivo, assiste à ruína dos seus velhos valores*» (p. 113), compreende-se que a época se afaste de um teatro, pelo qual deixou de estar interessada, porque o teatro a deixou de representar. Com efeito, «*o teatro já não é uma arte; ou então, é um arte inútil*» (p. 112) e até mesmo «*já não se tem ideia do que seja teatro*» (p. 83), a partir do momento em que todas as suas preocupações «*tresandam a homem, ao homem provisório, material, direi mesmo ao homem-cadáver-putrefacto. Tais preocupações repugnam-se totalmente, tal como quase todo o teatro contemporâneo, que é tão humano como antipoético*». (p. 41)

Trata-se de contrapor à decadência do teatro e da sociedade uma concepção de cultura como presença do espírito «*que confia nos processos bárbaros e primitivos do totemismo, a cuja vida selvagem, ou seja, integralmente espontânea, é a minha intenção render culto*» (p. 12) e uma estética da exaltação e da identificação mágica que transforma o teatro em flagelo redentor que, tal como a peste, mata ou purifica. O teatro liberta a sua violência na sensibilidade, é por excelência o tempo do mal, exteriorização paroxística da crueldade latente, a sua legitimidade não tem lugar na **Cidade de Deus** augustiniana. Restitui, mais do que emancipa: toda a verdadeira liberdade é negra e identifica-se com a liberdade sexual, e negros são todos os mitos, carnificina, tortura e derramamento de sangue — «*Não somos livres. E o céu pode ainda tombar sobre as nossas cabeças. O teatro está feito para nos dar, antes de mais nada, esse ensinamento*». (p. 78)

Só um teatro da crueldade é capaz de extrair os resultados poéticos mais extremos das suas próprias possibilidades de realização: um teatro do encantamento e do transe que, pondo em cena acontecimentos e não homens, se dirige ao organismo para curar. Nele, é o espectador, com a sua alma, quem está no centro da própria acção, pois a alma pode ser fisiologicamente reduzida a uma meada de vibrações, ao passo que o actor cumpre o papel de um atleta da afectividade que tem de considerar o ser humano como um duplo, uma efígie espectral que o teatro molda: «*A crença na materialidade fluida da alma é indispensável ao ofício do actor.*» (p. 131) Deste modo, dar à representação teatral o aspecto de uma fogueira devoradora exige um princípio de renúncia à superstição do texto em teatro, à ditadura do escritor e ao primado da palavra. A linguagem do teatro deve ser física e concreta, exprimir os pensamentos para além do alcance da linguagem falada, diferenciar-se do discurso dispensando as palavras, ceder à tentação física do palco, no qual cada meio de expressão é dotado de uma poesia intrínseca e de uma presença activa. A linguagem do teatro da crueldade «*consiste em tudo o que ocupa o palco, tudo o que pode ser manifestado ou expresso materialmente num palco e que se dirige, antes de mais nada, aos sentidos*» (p. 37), não mero artifício de encenação, mas signos, gestos e atitudes com valor ideográfico, onde o homem é apenas um elemento entre outros.

Reflexo material do texto, o teatro ocidental reduz os conflitos à sua expressão falada, desconhece o sentido da acção directa e massiva, da eficiência e do perigo. Em contrapartida, o teatro da crueldade, tal como a Grande Obra Alquímica de reconcepção dos sólidos, ressuscitaria a ideia de um espectáculo total pelo qual o teatro recuperaria do cinema, já que «*não tenciona deixar ao cinema o encargo de fazer a distribuição dos Mitos do homem e da vida moderna. Fá-lo-á, porém, à sua maneira: isto é, resistindo ao pendor económico, utilitário e técnico do mundo, porá em moda as grandes preocupações e as grandes paixões essenciais que o teatro moderno ocultou sob o verniz do homem pseudocivilizado*». (p. 120)

(Antonin Artaud, **O teatro e o seu duplo**, Fenda, 1989, 149 págs., trad. Fiama Hasse Pais Brandão)

António Fernando Cascais

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

- ☐ 1 ANO — 18 000$00
- ☐ 6 MESES — 9 000$00
- ☐ 3 MESES — 4 500$00
- ☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

• **LIVROS SELECCIONADOS**
• **RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS**

★

NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR,
NÃO VENDA SEM NOS CONSULTAR

PEÇA CATÁLOGO

LIVRARIA ACADÉMICA

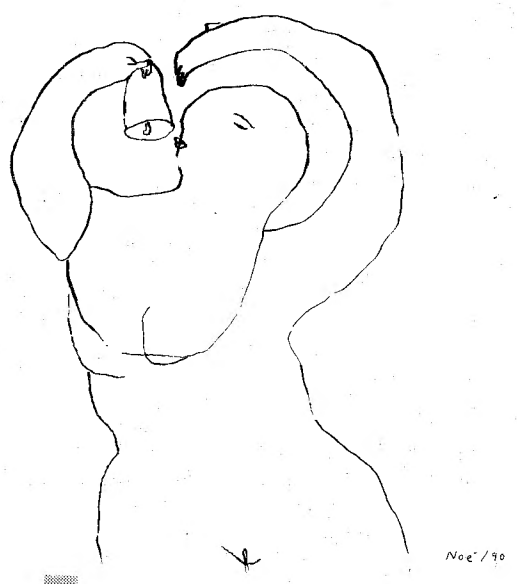
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 10
TELEFONE 2 59 88

4000 PORTO • PORTUGAL

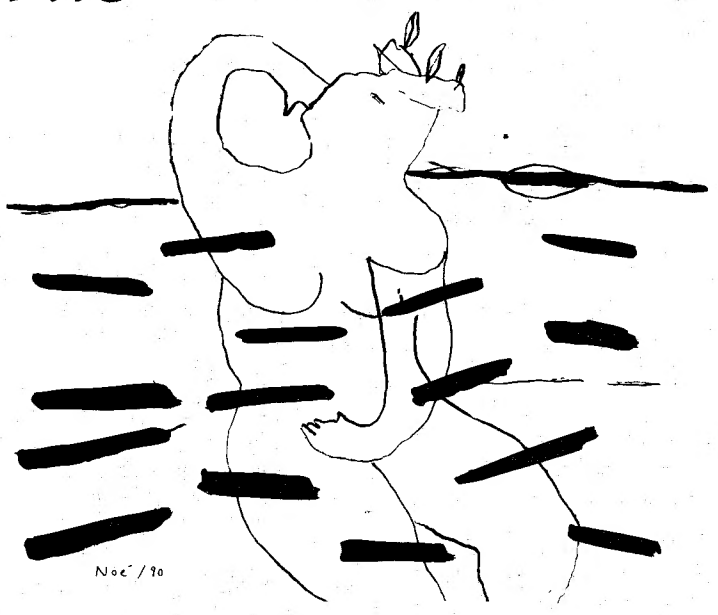
Para um livro de horas

HÉLDER MOURA PEREIRA

Sem dúvidas, assim por momentos
de rir de o dizer, a minha enxada,
os calos nos dedos, cara, ombros
empurrados pelo vento. Capa, casaco,
boné na cabeça, próximo, primeiro,
duro inverno, os cubos brancos
para acender melhor, cigarros, o lume,
laranjas na mesa. Mandaste-me
cartas, postais ilustrados, encomendas,
livros, pacotes de açúcar, quem me dera
ver-te atado à vontade, assim pelo riso
que diz o dizer, a festa do santo,
a terra enfeitada, minha primavera
depois do inverno, primeiro e duro,
com trovões. Recebem-te os cães, mordem-te
o cabelo e recomeça a vida, estações
e estações, frio e calor, o frio
apenas. Cestas de milho, tomate
maduro, tudo para queimar, resto
e folhas, tubos e canos, a árvore
a arder quando a última lua
lhe bate de frente.



Distingue entre as casas encostadas
o silêncio voltando-te para o lado
dos choupos grandes fora dos ruídos
sobre a música. Apenas para que o olhar
repouse de fingir que tem um fim
ou que procura e assim lhe passe
devagar uma história do tempo, idêntica
a qualquer história, coisas más
e coisas boas, rumos tortor e achados.
Vens sempre aqui dar, às mais nulas
palavras dizendo mesmo sem querer
a vida que quis ficar, o corpo
que quis partir. Distingue não porque eu
diga uma maneira de ver mas cede
quando eu ceder, faz-me companhia.



Abre o que não é de abrir, a janela
fechada, guilhotina sobre o resto
da tua vida, abre a fila do bando
em direcção à barragem. Por aqui
a centopeia desenha sombras na cal
e eu subo os olhos até à lâmpada
e eu desço os olhos para fechar
de vez alguma coisa a sentir
no coração, a bater forte sem que haja
o incerto cantar da emoção, raízes
velhas e montes de palha dão caminho
ao caminho e eu subo os olhos
para abrir com eles, com a chave,
a porta. Nós de madeira, grossos
troncos, outros mais frágeis, perdendo
a protecção atribuída sobre a casa
e dando ao chão a rasa superfície
de ser chão. A janela fechada
continua fechada, ouve como o nada
partiu o fio do silêncio, como a voz
comandava bois e agora cai
à tua porta implorando ajuda, um pouco
de pão, dois figos da árvore. Estremece
e depois vais morrer de noite, ao longo
da noite, sabendo porquê.

Mais do que partir é o partir
quando vêm bandos novos
sobre a casa e atas os livros
aos fios que te prenderam
aqui, parar ao meio da porta
é como travar de vez um limite
a dar-se a outro, limite
que nunca sai do milimétrico
sítio ou sendo nessa certeza
a segunda metade da hora.
Partir e continuar a ficar
com um rosto, cego de instantes
embora mas diligente no esforço
que o envia para um fogo
sem espelho, morta raiz.
O que do partir foi pensado
nenhuma cabeça acertou vendo
cor onde era sombra, decisão
quando era medo, pensas que dizes
assim na altura de traçar
os fios dando nós aos livros.

De POEMAS PARA UM LIVRO DE HORAS
in DE NOVO AS SOMBRAS E AS CALMAS – POESIA 1976/1990 (a publicar)